factotum

Charles

Bukowski

romance

L&PM POCKET

Charles Bukowski

Factótum

Tradução de Pedro Gonzaga

www.lpm.com.br
L&PM POCKET

Para John & Barbara Martin

O romancista não precisa ver o leão devorando a relva. Ele sabe que o mesmo Deus que criou o lobo e o cordeiro depois sorriu, "vendo que seu trabalho estava bem-feito".

Andre Gide

1

Cheguei a Nova Orleans às cinco da manhã, debaixo de chuva. Sentei-me nas proximidades da rodoviária por um tempo, mas as pessoas me deprimiam de tal maneira que peguei minha mala, enfrentei a chuva e comecei a andar. Não sabia onde ficavam as pensões, qual a localização do bairro pobre.

Eu tinha uma mala de papelão que estava se desmanchando. Certa vez tinha sido preta, mas a cobertura havia descascado, expondo o papelão amarelo de que era feita. Eu tentara resolver o problema passando uma cera preta de sapato sobre as partes descobertas. Enquanto caminhava debaixo da chuva, a cera começou a escorrer da mala e, sem eu perceber, foi sujando as duas pernas das minhas calças de preto cada vez que eu mudava a mala de mão.

Bem, era uma nova cidade. Talvez eu tivesse sorte.

A chuva parou e o sol apareceu. Eu estava no bairro negro. Segui caminhando devagar.

– *Ei, branquelo sujo!*

Coloquei minha mala no chão. Uma mulatona estava sentada nos degraus da varanda, balançando as pernas. Tinha uma boa aparência.

– *Olá, branquelo sujo!*

Eu não disse nada. Fiquei apenas olhando para ela.

– *Está atrás de um bom rabo, branquelo sujo?*

Riu na minha cara. Suas pernas estavam cruzadas bem alto e ela mexia um dos pés; tinha ótimas pernas, sapatos de salto, jogava as pernas para lá e para cá e sorria. Recolhi minha mala e comecei a me aproximar dela pela calçada. Ao chegar mais perto, percebi que a cortina da janela ao seu lado havia se mexido um pouco. Vi o rosto de um negro. Ele parecia o Jersey Joe Wolcott[1]. Retornei da passagem para a calçada. Suas risadas me seguiram rua abaixo.

2

Fiquei em um quarto no segundo andar, de frente para um bar. O bar se chamava Café Gangplank. Do meu quarto eu podia ver através das portas abertas do bar tudo o que acontecia lá dentro. Havia uns rostos ferozes por ali, outros interessantes. Eu ficava no meu quarto à noite, bebia vinho e olhava aqueles rostos no bar enquanto meu dinheiro se esvaía. Durante o dia, eu dava longas e vagarosas caminhadas. Ficava sentado por horas olhando os pombos. Descobri um café imundo, com um dono mais imundo ainda, mas onde se podia tomar um café-da-manhã caprichado – panquecas, cereais, salsicha – por quase nada.

3

Saí pela rua, como sempre, e fiquei caminhando sem rumo. Sentia-me feliz e relaxado. O sol estava na medida certa. Brando. Havia paz no ar. Ao me aproximar do meio da quadra, avistei um homem parado junto à entrada de uma loja. Segui em frente.

– Ei, PARCEIRO!

Parei e dei meia-volta.

– Está atrás de trabalho?

Retornei até onde ele estava. Por sobre seu ombro, pude ver uma enorme sala escura. Havia uma mesa comprida, com homens e mulheres de pé, de ambos os lados. Eles tinham martelos com os quais golpeavam objetos a sua frente. Na escuridão, os objetos pareciam ser mexilhões. Cheiravam como mexilhões. Dei meia-volta e segui caminhando pela rua.

Lembrei de como meu pai costumava chegar em casa todas as noites e falar do seu trabalho para minha mãe. A ladainha sobre o trabalho começava assim que ele cruzava a porta, continuava ao longo do jantar e se estendia até o momento em que meu pai gritava lá do quarto "*Luzes apagadas!*", às oito da noite, para que ele pudesse descansar e recuperar as forças para o trabalho do dia seguinte. Não havia nenhum outro assunto, exceto o trabalho.

Perto da esquina, fui parado por outro homem.

– Escute, meu amigo... – ele começou.

– Sim? – perguntei.

– Escute. Sou um veterano da Primeira Guerra Mundial. Coloquei minha vida em risco para defender este país, mas ninguém quer me contratar, ninguém me oferece um emprego. Eles não têm consideração pelo que eu fiz. Estou com fome, me ajude...

– Estou desempregado.

– Está desempregado?

– Isso mesmo.

Afastei-me. Atravessei a rua.

– *Você está mentindo!* – gritou. – *Você está trabalhando. Você tem um emprego!*

Alguns dias mais tarde, eu estava realmente em busca de um.

4

Ele era uma espécie de atendente, atrás de sua mesa de escritório, e usava um aparelho auditivo cujo fio se estendia ao longo de seu rosto e passava pela camisa, onde a bateria estava escondida. A sala era escura e confortável. Ele vestia um terno marrom surrado, uma camisa amassada e uma gravata com a ponta puída.

Chamava-se Heathercliff.

Eu havia visto o anúncio no jornal, e esse lugar ficava perto da minha pensão.

> Procura-se jovem ambicioso com um olho no futuro. Não é necessário ter experiência. Trabalho inicial no setor de expedição, com possibilidade de ascensão.

Esperei do lado de fora com mais cinco ou seis jovens, todos se esforçando em parecer ambiciosos. Tínhamos preenchido nossas fichas de emprego e agora esperávamos. Fui o último a ser chamado.

– Sr. Chinaski, por que razão o senhor abandonou o trabalho na companhia ferroviária?

– Bem, não via muito futuro nesse setor.

– Eles têm bons sindicatos, planos de saúde, aposentadoria.

– Na minha idade, pensar em aposentadoria poderia ser considerado algo supérfluo.

– Por que veio a Nova Orleans?

– Tenho amigos demais em Los Angeles, amigos que estão atravancando minha carreira. Queria ir para um lugar onde eu pudesse me concentrar, sem ser molestado.

– Como pode saber que permanecerá aqui *conosco* por tempo suficiente?

– Não tenho como saber.

– Por quê?

– Seu anúncio diz que há um futuro por aqui para um jovem ambicioso. Se não houver qualquer futuro por aqui, será minha hora de partir.

– Por que não está de barba feita? Perdeu uma aposta?

– Ainda não.

– Ainda não?

– Não. Apostei com meu senhorio que poderia conseguir um emprego em um dia, mesmo com essa barba.

– Muito bem, informaremos se o senhor for o escolhido.

– Não tenho telefone.

– Está tudo bem, sr. Chinaski.

Saí dali e voltei para o meu quarto. Cruzei o corredor sujo e fui tomar um banho quente. Logo em seguida, vesti as mesmas roupas e fui atrás de uma garrafa de vinho. Voltei para o quarto e me sentei junto à janela, bebendo, observando as pessoas no bar, o modo como se movimentavam. Eu bebia devagar, tomado novamente pela idéia de comprar uma arma e acabar com tudo aquilo de modo rápido – sem todos aqueles pensamentos e palavrórios. Uma questão de colhões. Perguntava-me se teria mesmo colhões para isso. Terminei a garrafa e fui deitar. Por volta das quatro da manhã, fui acordado por uma batida na porta. Era um mensageiro da Western Union. Abri o telegrama:

SR. H. CHINASKI. COMPAREÇA AO ESCRITÓRIO AMANHÃ ÀS 8H. CIA. R. M. HEATHERCLIFF.

5

Era uma distribuidora de revistas, e ficávamos na mesa de expedição, verificando se os pedidos coincidiam em quantidade com o que estava marcado nas faturas. Então assinávamos a fatura e empacotávamos o pedido para remessas intermunicipais, ou separávamos as revistas para que fossem distribuídas pelo caminhão de entrega local. O trabalho era fácil e monótono, mas os empregados estavam sempre num constante estado de tensão. Estavam preocupados com seus empregos. Havia uma mistura de jovens e mulheres, e não parecia haver nenhum tipo de fiscal. Depois de várias horas, começou uma discussão entre duas das mulheres. Era algo sobre as revistas. Enquanto empacotávamos revistinhas, alguma coisa deu errado do outro lado da mesa. Com o progresso do bate-boca, as mulheres foram se tornando violentas.

– Olhem – eu disse –, essas revistas não valem a pena nem ser lidas, quanto mais que vocês briguem por elas.

– Tudo bem – disse uma das mulheres –, nós sabemos que você se acha bom demais para esse trabalho.

– Bom demais?

– Sim, essa sua atitude. Você acha que a gente não reparou?

Foi quando aprendi, pela primeira vez, que não bastava que você *fizesse* seu trabalho. Era preciso mostrar interesse, se possível até paixão por ele.

Trabalhei por três ou quatro dias ali, então, na sexta-feira, fomos pagos pelo exato número de horas que tínhamos trabalhado. Os envelopes amarelos que nos deram continham uma série de verdinhas, além dos centavos devidos. Dinheiro de verdade, nada de cheques.

O motorista do caminhão chegou um pouco antes, perto do final do expediente. Sentou-se sobre uma pilha de revistas e fumou um cigarro.

– Sim, Harry – ele disse para um dos empregados –, recebi um aumento hoje. Dois dólares a mais.

Na saída, parei para comprar uma garrafa de vinho, depois fui para meu quarto, tomei um gole e desci as escadas para ligar para o emprego. O telefone tocou por um longo tempo. Finalmente, o sr. Heathercliff atendeu. Ele ainda estava por lá.

– Sr. Heathercliff?

– Sim?

– É o Chinaski.

– Sim, sr. Chinaski?

– Quero um aumento de dois dólares.

– Como?

– Isso mesmo. O motorista do caminhão ganhou um aumento.

– Mas ele está conosco há dois anos.

– Preciso de um aumento.

– Nesse momento, estamos lhe pagando dezessete dólares por semana e o senhor vem me pedir dezenove?

– Exatamente. Vou receber ou não?

– Não podemos oferecer isso.

– Então me demito.

E desliguei.

6

Na segunda-feira, estava de ressaca. Fiz a barba e fui atrás de um anúncio. Sentei-me em frente ao editor, um homem que usava uma camisa de mangas curtas e que tinha olheiras profundas. Parecia estar há uma semana sem dormir. Ali dentro estava agradável e escuro. Era a sala de composição de um dos dois jornais da cidade, do menor deles. Os homens estavam sentados sob luzes de leitura, trabalhando nas provas.

– Doze dólares por semana – ele disse.

– Tudo bem – eu disse. – Aceito.

Eu trabalhava com um gordinho dotado de uma pança que não parecia nada saudável. Tinha um relógio de bolso antigo, de corrente dourada, vestia um jaleco, uma viseira verde, seus lábios eram grossos e seu rosto, carnoso, nublava-lhe as expressões. Seus traços não lhe davam qualquer distinção ou personalidade, era como se tivessem sido dobrados várias vezes e depois aplainados, como um pedaço de papelão. Usava sapatos de bico quadrado e mascava fumo, cuspindo o tabaco em uma escarradeira a seus pés.

– O sr. Belger – ele disse, referindo-se ao homem que precisava de umas boas horas de sono – trabalhou duro para erguer esse jornal. É um bom homem. Estávamos praticamente falidos antes de ele aparecer.

Ele me olhou.

– Normalmente dão esse trabalho para um universitário.

É um sapo, pensei, isso é o que ele é.

– Quer dizer – ele disse –, esse trabalho normalmente é oferecido a um estudante. Ele pode ficar lendo seus livros enquanto espera por uma chamada. Você é um estudante?

– Não.

– Esse trabalho normalmente é oferecido a um estudante.

Retornei à minha sala de trabalho e me sentei. A sala estava cheia de pilhas e pilhas de placas de metal, e nessas placas havia gravações em zinco usadas para os anúncios. Muitas dessas gravações eram usadas e reutilizadas. Havia também uma

série de tipos: nomes de clientes e logotipos. O gorducho gritava "*Chinaski!*", e eu ia até lá ver de que anúncio ou tipo ele necessitava. Freqüentemente eu era mandado ao jornal concorrente para pegar alguns tipos emprestados. Eles também pediam alguns dos nossos. Era uma caminhada boa, e descobri um lugar numa ruela traseira onde se podia beber um copo de cerveja por um níquel. Não havia muitas chamadas do gordo, e esse lugar passou a ser meu ponto cativo. O gordo começou a sentir minha falta. A princípio, contentou-se em me dar uns olhares afiados. Até que certo dia me perguntou:

– Por onde andava?

– Fui atrás de uma cerveja.

– Este é um trabalho para um estudante.

– Não sou um estudante.

– Terei que dispensá-lo. Preciso de alguém que esteja aqui sempre que for necessário.

O gordo me levou até o Belger, que parecia mais cansado do que nunca.

– Este é um trabalho para um estudante, sr. Belger. Receio que esse não seja o homem indicado. Precisamos de um estudante.

– Tudo bem – disse Belger.

O gordo se afastou.

– Quanto lhe devemos? – perguntou Belger.

– Cinco dias.

– Certo, leve isso aqui até o caixa.

– Escute, Belger, aquele velho é nojento.

Belger suspirou.

– Diabos, e acha que eu não sei?

Fui até o caixa.

7

Continuávamos em Louisiana. A longa viagem de trem cruzando o Texas ainda estava por vir. Deram-nos alimentos enlatados, mas nada de abridores. Coloquei minhas latas no chão e me estirei no banco de madeira. Os outros homens estavam reunidos na frente do vagão, conversando e rindo. Fechei meus olhos.

Depois de cerca de dez minutos, senti subir uma nuvem de poeira por entre as fendas do assento. Era uma poeira muito velha, de caixão, fedia a morte, a alguma coisa morta havia um longo tempo. Penetrou em minhas narinas, alojou-se em minhas sobrancelhas, tentou entrar na minha boca. Então escutei os sons de uma respiração forçada. Por entre as fendas, pude ver um homem encolhido atrás do assento, soprando o pó na minha cara. Sentei-me. O homem se arrastou por detrás do banco e correu para a parte da frente do vagão. Esfreguei meu rosto e olhei para

ele. Era difícil de acreditar.

– Se ele vier até aqui, quero que vocês me ajudem, companheiros – ouvi-o dizer. – Prometam que vão me ajudar...

O grupo olhou para mim. Voltei a me estirar no banco. Podia ouvir o que falavam:

– O que há de errado com ele?

– Quem ele pensa que é?

– Não fala com ninguém.

– Fica sozinho lá no fundo.

– Quando chegarmos, vamos dar um jeito nesse desgraçado, lá numa das vias.

– Você acha que dá conta dele, Paul? Ele me parece louco.

– Se eu não der, alguém dá. Ele vai estar comendo merda antes da gente terminar.

Algum tempo mais tarde, fui até a frente do vagão atrás de um copo d'água. Assim que me aproximei, eles pararam de falar. Observaram-me em silêncio, enquanto eu bebia água de um copo. Então, assim que dei meia-volta e retornei ao meu banco, eles voltaram a conversar.

O trem fez muitas paradas, dia e noite. A cada parada, se houvesse um pouco de verde e uma cidade nas proximidades, um ou dois homens desertavam.

– Ei, que diabos aconteceu com o Collins e o Martinez?

O capataz pegou sua planilha e riscou os nomes da lista. Veio em minha direção.

– Quem é você?

– Chinaski.

– Vai continuar com a gente?

– Preciso do emprego.

– O.k.

E se afastou.

Em El Paso, o capataz veio até nós e nos comunicou que trocaríamos de trem. Recebemos tíquetes para uma noite num hotel próximo e um vale-refeição para ser usado num café local. Além disso, nos deram as instruções de como, quando e onde deveríamos tomar o trem na manhã seguinte.

Aguardei do lado de fora do café enquanto os homens comiam. Assim que saíram, conversando e palitando os dentes, entrei.

– Vamos acabar com esse filho da puta!

– Cara, odeio esse veado nojento.

Entrei e pedi um hambúrguer de carne com cebolas e feijão. Não havia manteiga para o pão, mas o café estava bom. Quando saí, eles já tinham ido. Um mendigo vinha pela calçada em minha direção. Dei-lhe meu tíquete do hotel.

Aquela noite dormi no parque, me pareceu mais seguro. Estava cansado, e o

banco duro do parque não me causou qualquer problema. Dormi.

Um pouco mais tarde, fui acordado pelo que pareceu ser um rugido. Não fazia a menor idéia de que os aligátores rugiam. Ou, para ser mais exato, era uma série de sons: um rugido, um inspirar agitado e um silvo. Também ouvi o estalar das presas. Um marinheiro bêbado estava no centro do viveiro e segurava um dos aligátores pelo rabo. A criatura tentava se voltar e alcançar o marinheiro, mas encontrava dificuldade na manobra. As presas do bicho eram terríveis, porém as bocanhadas se davam de modo vagaroso e pouco coordenado. Outro marinheiro e uma jovem assistiam a tudo e riam. Então o marinheiro beijou a garota e eles se afastaram, deixando o outro em sua luta contra a fera...

Em seguida, fui acordado pelo sol. Minha camisa estava quente. Quase queimava. O marinheiro se fora. Assim como o aligátor. No banco a leste, sentavam-se uma garota e dois jovens. Eles também tinham, evidentemente, dormido no parque aquela noite. Um dos jovens se levantou.

– Mickey – disse a garota –, você está de pau duro!

Eles riram.

– Quanto dinheiro ainda temos?

Eles vasculharam os bolsos. Tinham um níquel.

– Bem, o que vamos fazer?

– Sei lá. Vamos nos mexer.

Vi quando eles se afastaram, saindo do parque e entrando na cidade.

8

Quando o trem chegou a Los Angeles, ficamos três dias parados na escala. Arranjaram-nos diárias para o hotel e as refeições. Entreguei meus tíquetes do hotel para o primeiro mendigo que encontrei. Enquanto seguia em busca do café onde poderia usar meus vales, percebi que estava logo atrás dos homens que haviam tomado o trem em Nova Orleans. Apressei o passo para alcançá-los.

– Como vão as coisas, companheiros? – perguntei.

– Ah, está tudo bem, tudo na boa.

– Têm certeza? Ninguém veio encher o saco de vocês?

– Não, está tudo certo.

Segui em frente e encontrei o café. Eles serviam cerveja, o que me fez trocar todos os vales por bebida. O resto do pessoal estava lá. Quando terminasse com meus vales, ainda teria uns trocados para tomar o bonde até a casa dos meus pais.

9

Minha mãe gritou ao abrir a porta.

– *Filho, é você, filho?*

– Preciso dormir um pouco.

– Sua cama está sempre pronta.

Segui até o quarto, me despi e deitei na cama. Fui acordado por volta das seis da tarde pela minha mãe.

– Seu pai está em casa.

Levantei-me e comecei a me vestir. O jantar estava servido quando entrei na sala.

Meu pai era um homem grande, mais alto do que eu, e tinha os olhos castanhos. Os meus eram verdes. Seu nariz era largo demais e não havia como não reparar em suas orelhas: pareciam prestes a fugir de sua cabeça.

– Escute – ele disse –, se você quiser ficar por aqui, vou lhe cobrar pelo quarto, pela comida e mais o serviço de lavanderia. Quando você arranjar um trabalho, o que você nos deve será subtraído de seu salário até que sua dívida conosco esteja encerrada.

Comemos em silêncio.

10

Minha mãe arrumou um emprego. Era para ela começar no dia seguinte. Isso deixava a casa toda para mim. Depois do café, logo que meus pais seguiam para seus empregos, eu tirava minhas roupas e voltava para a cama. Me masturbava e depois fazia um tempo estudando os horários – anotados em um velho caderno escolar – dos aviões que sobrevoavam a casa. Enfeitei a tabela com alguns desenhos obscenos e prazerosos. Sei que meu pai ia me cobrar um preço atroz pelo quarto, pela comida e roupa lavada e que também iria aproveitar para me listar, com todos os detalhes necessários, como seu dependente no imposto de renda, para obter uma boa restituição, mas o desejo de encontrar um emprego parecia ter me abandonado.

Enquanto relaxava na cama, comecei a ter essa estranha sensação na cabeça. Era como se meu crânio fosse feito de algodão, ou então um pequeno balão cheio de ar. Eu podia sentir o *espaço* em meu crânio. Não podia compreendê-lo. De súbito, parei de me preocupar com aquilo. Sentia-me confortável, não era algo agoniante. Fiquei escutando música sinfônica, fumando os cigarros do meu pai.

Levantei e fui até a sala da frente. Na casa do outro lado da rua havia uma jovem esposa. Vestia um vestido marrom, justo e curto. Estava sentada nos degraus da varanda de sua casa, logo em frente. Eu podia ver muito além de seu vestido. Eu a observava, escondido atrás das cortinas da janela da sala, ela e aquele vestido. Fiquei excitado. Por fim, voltei a me masturbar. Tomei um banho e me vesti e sentei para mais uns cigarros. Eram quase cinco horas. Saí de casa e fui dar uma longa

caminhada por quase uma hora.

Quando retornei, meus pais já estavam em casa. O jantar estava quase pronto. Segui para meu quarto e esperei que me chamassem. Chamaram. Entrei na sala.

– Bem – disse meu pai –, encontrou um emprego?

– Não.

– Escute, qualquer homem a fim de trabalhar consegue uma colocação.

– Talvez.

– Mal posso acreditar que você seja meu filho. Não tem nenhuma ambição, não tem iniciativa própria. Como, diabos, vai conseguir sobreviver neste mundo?

Colocou umas ervilhas na boca e voltou a falar:

– Que fumaça de cigarro é essa? Argh! Tive que abrir todas as janelas! O ar estava *azul*!

11

No dia seguinte, retornei para a cama logo que eles saíram. Depois fui até a sala da frente e espiei por entre as cortinas. A jovem esposa estava sentada nos degraus de sua casa, do outro lado da rua. Usava um vestido diferente, ainda mais sexy. Olhei-a por um longo tempo. Então me masturbei devagar e sossegadamente.

Tomei um banho e me vesti. Encontrei umas garrafas vazias e descolei uma grana por elas no armazém. Encontrei um bar na Avenida, entrei e pedi um chope. Havia um grande número de bêbados por ali, brincando com a *jukebox*, falando aos gritos e gargalhando. De quando em quando, um novo chope aparecia na minha frente. Alguém estava pagando. Eu bebia. Comecei a falar com as pessoas.

Então olhei para o lado de fora. A tarde já tinha caído, estava quase escuro. Os chopes continuavam chegando. A dona do bar, uma gorda, e seu namorado eram simpáticos.

Acabei indo lá fora para lutar com alguém. A luta não foi grande coisa. Os dois estávamos bêbados, e havia enormes irregularidades na superfície do asfalto, o que dificultava nossos jogos de pernas. Desistimos...

Acordei muito mais tarde num reservado com estofamento vermelho no fundo do bar. Levantei e dei uma olhada em torno. Todo mundo tinha ido embora. O relógio marcava 3h15. Tentei a porta, estava trancada. Cruzei o balcão do bar e peguei uma garrafa de cerveja, abri-a, voltei e me sentei. Depois voltei lá e descolei um charuto e umas batatas chips. Terminei a cerveja, levantei, encontrei uma garrafa de vodca, uma de uísque e voltei a me sentar. Misturei as bebidas com água, fumei uns quantos charutos, comi carne-seca, batata chips e ovos cozidos.

Bebi até as cinco da manhã. Depois dei uma arrumada no bar, joguei o lixo fora, fui até a porta, dei um jeito de sair. Ao chegar à rua, vi que uma viatura da polícia se aproximava. Eles guiavam devagar na cola dos meus passos.

Depois de uma quadra, estacionaram um pouco mais à frente de onde eu estava. Um dos policiais botou a cabeça para fora da janela.

– Ei, parceiro!

O foco de suas lanternas estava sobre meu rosto.

– O que está fazendo?

– Indo pra casa.

– Mora aqui perto?

– Sim.

– Onde?

– Avenida Longwood, 2122.

– O que fazia saindo daquele bar?

– Sou o zelador.

– Quem é o dono do bar?

– Uma senhora chamada Jewel.

– Entre.

Obedeci.

– Mostre pra gente onde você mora.

Eles me levaram para casa.

– Agora, toque a campainha.

Caminhei pela passagem até a varanda, toquei a campainha. Não houve resposta.

Toquei de novo várias vezes. Finalmente a porta se abriu. Meu pai e minha mãe estavam ali, plantados com seus pijamas e roupões.

– *Você está bêbado!* – gritou meu pai.

– Sim.

– Onde arranjou dinheiro para beber? Você não tem um centavo!

– Vou arrumar um trabalho.

– *Você está bêbado! Bêbado! Meu filho é um bêbado. Meu filho é um bêbado maldito, um desgraçado!*

Os cabelos na cabeça de meu pai se erguiam em tufos desordenados. Suas sobrancelhas estavam eriçadas, sua cara inchada e turva pelo sono.

– Você age como se eu tivesse matado alguém.

– *É praticamente a mesma coisa!*

– ...oooh, merda....

Subitamente vomitei em seu tapete persa que representava a *Árvore da Vida*. Minha mãe gritou. Meu pai avançou em minha direção.

– Sabe o que a gente faz com um cachorro que caga num tapete?

– Sim.

Ele me agarrou pela nuca. Começou a me empurrar para baixo, forçando-me a dobrar a coluna. Queria me pôr de joelhos.

– Vou lhe ensinar.

– Não...

Meu rosto estava quase roçando aquilo.

– Vou lhe mostrar como fazemos com os cachorros!

Ergui-me do chão com o soco pronto. Um golpe perfeito. Ele retrocedeu toda a distância da porta até o sofá, onde caiu sentado. Fui para cima dele.

– Levante.

Ele ficou sentado. Escutei minha mãe.

– *Você bateu no seu pai! Você bateu no seu pai! Você bateu no seu pai!*

Deu um grito e lanhou um dos lados do meu rosto com suas unhas.

– Levante – eu disse a meu pai.

– *Você bateu no seu pai!*

Arranhou meu rosto mais uma vez. Voltei-me para encará-la. Ela atacou minha outra face. O sangue escorria por meu pescoço, ensopando minha camisa, as calças, os sapatos, o tapete. Ela baixou as mãos e ficou me olhando.

– Terminou?

Ela não respondeu. Fui para o meu quarto pensando que o melhor era arranjar um emprego.

12

Fiquei no meu quarto até que eles saíssem na manhã seguinte. Então apanhei o jornal e fui em busca dos anúncios classificados. Meu rosto doía; eu ainda estava enjoado. Circulei alguns anúncios, me barbeei da melhor forma que pude, tomei umas aspirinas, me vesti e segui até o bulevar. Estiquei o dedo em busca de uma carona. Os carros passavam. Até que um parou. Entrei.

– Hank!

Era um velho amigo, Timmy Hunter. Freqüentáramos juntos o City College de Los Angeles.

– O que anda fazendo, Hank?

– Procurando emprego.

– Agora estou na Southern Cal[2]. O que houve com o seu rosto?

– As unhas de uma mulher.

– Sério?

– Sim. Timmy, preciso de um trago.

Timmy estacionou no bar mais próximo. Entramos e pedimos duas garrafas de cerveja.

– Que tipo de trabalho você está procurando?

– Almoxarife, empacotador, faxineiro.

– Escute. Tenho alguma grana em casa. Conheço um bar legal em Inglewood.

Podemos ir até lá.

Ele morava com a mãe. Ao entrarmos, a velha senhora ergueu os olhos de seu jornal:

– Hank, não vá embebedar o Timmy.

– Como vai, sra. Hunter?

– Da última vez que você e Timmy saíram juntos, os dois acabaram na cadeia.

Timmy largou os livros sobre a cama e retornou.

– Vamos lá – ele disse.

O lugar tinha uma decoração havaiana e estava lotado. Um homem falava ao telefone:

– Você tem que arranjar alguém pra vir buscar o caminhão. Estou bêbado demais pra dirigir. Sim, eu sei que perdi o maldito do emprego, apenas venha buscar o caminhão!

Timmy pagava, nós dois bebíamos. Sua conversa era legal. Uma loira dava umas olhadas em minha direção e me mostrava as pernas. Era jovem. Timmy seguia falando. Seu assunto era sobre os tempos do City College: como mantínhamos garrafas de vinho em nossos armários; sobre Popoff e suas armas de verdade; como demos um tiro no fundo do casco de um barco em Westlake Park e afundamos; sobre a ocasião em que os estudantes armaram uma greve no ginásio da faculdade...

Os drinques continuavam chegando. A loira se foi com alguém. A *jukebox* não parava. Timmy falava e falava. Escurecia. Deixaram de nos servir, tivemos que seguir rua abaixo em busca de outro bar. Eram dez da noite. Mal podíamos ficar de pé. A rua fervilhava de carros.

– Olha só, Timmy, vamos dar uma parada.

Avistei o lugar. Uma funerária, com o aspecto de uma mansão colonial, com holofotes e uma ampla escada que levava à varanda.

Timmy e eu vencemos metade dos degraus. Então tratei de estendê-lo, com cuidado, sobre um dos degraus, esticando-lhe os braços e as pernas. Logo assumi uma posição similar, um degrau abaixo.

13

Acordei em uma sala. Estava sozinho. Começava a amanhecer. Fazia frio. Estava apenas com minha camiseta. Tentei pensar. Levantei-me da cama de parede, fui até a janela. Estava barrada. Lá fora se estendia o oceano Pacífico. (De algum modo eu tinha ido parar em Malibu.) O carcereiro apareceu cerca de uma hora mais tarde, fazendo soar pratos e bandejas de metal. Passou meu café-da-manhã por entre as grades. Sentei e comi, ouvindo o mar.

Quarenta e cinco minutos depois, fui levado para o lado de fora. Havia um grupo de homens algemados uns aos outros numa longa fila. Segui para o fim da fila e estiquei minhas mãos. O guarda disse:

– Você não.

Recebi meu próprio par de algemas. Dois policiais me colocaram numa viatura e partimos.

Chegamos a Culver City e estacionamos nos fundos da corte. Um dos policiais me conduziu. Entramos pela parte de trás e sentamos na primeira fila do tribunal. O policial retirou as algemas. Nem sinal do Timmy por ali. Houve aquela tradicional espera pelo juiz. O meu era o segundo caso.

– Você é acusado de embriaguez pública e de bloquear o tráfego. Dez dias de detenção ou trinta dólares de fiança.

Declarei-me culpado, mesmo sem saber o que ele queria dizer com bloquear o tráfego. O policial me levou escada abaixo, fazendo com que me sentasse na parte traseira do camburão.

– Ficou barato – ele disse. – Vocês conseguiram provocar um engarrafamento de um quilômetro e meio. Foi o pior engarrafamento da história da cidade de Inglewood.

Então ele me levou para a prisão municipal de L. A.

14

Naquela noite, meu pai apareceu com os trinta dólares. Ao sairmos, seus olhos estavam úmidos.

– Você desgraçou sua mãe e a mim – ele disse. Parece que eles conheciam um dos policiais, que acabou por lhe perguntar, “Sr. Chinaski, o que *seu* filho está fazendo aqui?”.

– Fiquei envergonhado demais. Meu próprio filho na prisão...

Caminhamos até seu carro, entramos. Ele deu a partida. Seguiu com as lamúrias.

– Já era bastante ruim que você não quisesse servir a seu país neste momento de guerra...

– O psiquiatra disse que eu não estava apto.

– Meu filho, se não fosse pela Primeira Guerra Mundial eu nunca teria conhecido a sua mãe e você não teria nascido.

– Tem um cigarro?

– Agora você vai parar na cadeia. Uma coisa dessas é capaz de matar sua mãe.

Passamos por alguns botecos na baixa Broadway.

– Vamos entrar num desses e tomar um trago.

– O quê? Você está me dizendo que tem coragem de beber logo após ter ido

parar na cadeia por embriaguez?

– É justamente quando mais se precisa de um trago.

– Não ouse dizer a sua mãe que você, mal saiu da cadeia, precisa de um trago – ele me advertiu.

– Também preciso de um rabo.

– O quê?

– Disse que preciso de um rabo.

Ele quase cruzou um sinal vermelho. Depois seguimos em silêncio.

– A propósito – ele disse por fim –, preciso lhe dizer que o valor da fiança será adicionado às despesas de quarto, comida e roupa lavada?

15

Consegui um emprego numa loja de autopeças logo ali na Flower Street. O gerente era uma cara alto e feio, de bunda chupada. Sempre me contava como tinha trepado com a mulher na noite anterior.

– Comi minha mulher na noite passada. Mas pegue antes o pedido dos Irmãos William.

– Estamos sem aros K-3.

– Devolva o pedido deles.

Eu carimbava "devolvido" na tampa da caixa e na fatura.

– Comi minha mulher na noite passada.

Fechei a caixa dos Irmãos William com fita adesiva, pus a etiqueta, pesei e afixei os selos necessários para a postagem.

– Foi uma delícia.

Ele tinha um bigode cor de areia, cabelos cor de areia e uma bunda chupada.

– Ela sempre se mija quando goza.

16

Minha dívida com quarto, comida, roupa lavada etc. já estava tão alta que foram precisos vários salários para liquidá-la. Assim que isso aconteceu, me mudei de imediato. Eu não tinha condições de pagar os preços praticados lá em casa.

Encontrei uma pensão próxima ao trabalho. Fazer a mudança não era difícil. Minhas coisas não enchiam nem a metade de uma mala...

Mama Strader era minha senhoria, uma ruiva apagada de boa aparência, muitos dentes de ouro e um namorado velhusco. Chamou-me na cozinha, logo na primeira manhã, e disse que me daria um copo de uísque se eu fosse lá fora alimentar as galinhas. Depois de cumprir a missão, sentei-me para beber com Mama

e seu namorado, Al. Estava uma hora atrasado para o trabalho.

Na segunda noite, houve uma batida na minha porta. Era uma gorda já entrada nos quarenta. Trazia uma garrafa de vinho.

– Moro num quarto do outro lado do corredor, me chamo Martha. Você está sempre escutando boa música. Pensei em lhe trazer uma bebida.

Martha entrou. Vestia uma espécie de bata verde e, depois de alguns copos de vinho, começou a me mostrar suas pernas.

– Tenho pernas legais.

– Sou vidrado em pernas.

– Olhe mais pra cima.

Suas pernas eram muito brancas, gorduchas, flácidas, com veias roxas e protuberantes. Martha me contou sua história.

Era uma prostituta. Tinha percorrido todo o circuito dos bares. Sua principal fonte de renda era o dono de uma loja de departamentos.

– Ele me dá dinheiro. Vou até a loja dele e levo tudo o que quero. Os vendedores não me incomodam. Ele disse pra me deixarem em paz. Ele não quer que a mulher saiba que eu trepo muito melhor do que ela.

Martha se levantou e ligou o rádio. Alto.

– Sou uma ótima dançarina – ela disse. – Veja como eu danço!

Ela girava dentro daquela barraca verde, dando chutes no ar. Estava longe de ser o que alardeava. Logo a bata passava da linha de sua cintura, e ela começou a balançar a bunda bem junto ao meu rosto. A calcinha rosa tinha um enorme furo sobre o glúteo direito. Então a bata já era, e ela ficou só de calcinha. Logo todas as suas vestes estavam no chão, e ela seguiu com o número. Seus pêlos pubianos quase desapareciam debaixo da barriga frouxa, que não parava de balançar.

O suor fazia com que sua maquiagem escorresse. Subitamente seus olhos se estreitaram. Eu estava sentado na beirada da cama. Ela se jogou sobre mim antes que eu pudesse reagir. Sua boca já aberta foi pressionada contra a minha. Tinha gosto de cuspe e cebolas e vinho barato e (imaginei) dos espermas de quatrocentos homens. Enfiou sua língua na minha boca. Estava grossa pela quantidade de saliva, o que me fez engasgar e empurrá-la para longe. Ela se pôs de joelhos, baixou meu zíper, e em um segundo meu pau frouxo estava em sua boca. Ela chupou e bateu. Martha usava uma pequena fita amarela em seu cabelo grisalho e curto. Tinha verrugas e grandes pintas marrons no pescoço e nas bochechas.

Meu pênis subiu; ela gemeu e me deu uma mordida. Gritei, segurei-a pelos cabelos e a afastei. Fiquei de pé no centro do quarto, aterrorizado e ferido. Tocavam uma sinfonia do Mahler no rádio. Antes que eu pudesse me mover, ela estava novamente de joelhos. Agarrou minhas bolas sem qualquer piedade com as duas mãos. Sua boca se abriu, ela me tomou; sua cabeça ia e vinha, chupando, masturbando. Ela me obrigou a deitar no chão, dando um tremendo puxão no meu

saco, quase partindo meu pau ao meio com os dentes. Os sons da chupada enchiam o quarto, enquanto o rádio tocava Mahler. Era como se eu estivesse sendo devorado por um animal impiedoso. Meu pau endureceu, coberto de cuspe e sangue. A visão daquilo a enlouqueceu. Era como ser devorado vivo.

Se eu gozar, pensei em desespero, jamais me perdoarei.

Quando consegui dar um jeito de agarrar seus cabelos para afastá-la, ela apertou novamente minhas bolas e as esmagou sem pena. Seus dentes cravaram na metade do meu pau como se quisessem, feito uma tesoura, parti-lo ao meio. Gritei, soltei-lhe o cabelo, deitei no chão. Sua cabeça seguia em ação, sem qualquer remorso. Tinha certeza de que essa chupada podia ser ouvida ao longo de toda pensão.

– NÃO! – gritei.

Ela prosseguiu com uma fúria inumana. Comecei a gozar. Era como sugar o interior de uma serpente que estivesse presa. Sua fúria mesclava-se à loucura; ela engoliu todo o esperma, fazendo-o gorgolejar em sua garganta.

Ela continuou masturbando e chupando.

– Martha! Chega! Acabou!

Ela não iria parar. Era como se tivesse se transformado numa enorme boca, capaz de devorar tudo. Continuou chupando e masturbando. Seguiu e seguiu.

– NÃO! – gritei novamente.

Desta vez ela bebeu como se fosse uma batida de baunilha, de canudinho.

Desfaleci. Ela se ergueu e começou a se vestir. Cantou:

> “When a New York baby says goodnight
> it’s early in the morning
>
> goodnight, sweetheart
> it’s early in the morning
>
> goodnight, sweetheart
> milkman’s on his way home…”[3]

Com esforço fiquei de pé, agarrando-me aos bolsos da minha calça em busca da carteira. Saquei uma nota de US$ 5, passei a ela. Pegou a nota e enfiou-a entre os seios, pela parte frontal do vestido, deu mais uma agarrada, bem faceira, nas minhas bolas, apertou-as, soltou e seguiu bailando quarto afora.

17

Trabalhei o tempo necessário para juntar o dinheiro para comprar uma passagem para outro lugar qualquer, mais uns poucos dólares para as despesas iniciais. Larguei o emprego, peguei o mapa dos Estados Unidos e dei uma olhada.

Decidi-me por Nova York.

Coloquei cinco garrafas de uísque dentro da mala que levei comigo no ônibus. Toda vez que alguém sentava ao meu lado e começava a falar, eu puxava uma das garrafas e dava um longo trago. Cheguei lá.

A rodoviária de Nova York ficava próxima a Times Square. Ganhei a rua com minha velha mala. Anoitecia. As pessoas saíam em grandes enxames das estações do metrô. Como insetos, sem rostos, dementes, elas se lançavam sobre mim, me cercavam, em grande intensidade. Batiam-se e se empurravam, faziam sons terríveis.

Busquei refúgio no vão de uma porta e terminei a última das garrafas.

Então segui em frente, empurrando, acotovelando, até avistar um sinal de "há vagas" na Terceira Avenida. A gerente era uma velha senhora judia.

– Preciso de um quarto – disse-lhe.

– Precisa de um bom terno, meu garoto.

– Estou falido.

– É um terno dos bons, uma pechincha. Meu marido toca a alfaiataria do outro lado da rua. Venha comigo.

Paguei por meu quarto, levei a mala para o andar de cima. Depois a acompanhei até o outro lado da rua.

– Herman, mostre o terno ao garoto.

– Ah, é um ótimo terno.

Herman o trouxe lá de dentro; era azul-marinho, um pouco gasto.

– Parece muito pequeno.

– Não, não, vai servir direitinho.

Saiu de trás do balcão com o terno.

– Aqui. Experimente o paletó.

Herman me ajudou a vesti-lo.

– Viu só? Serve... Quer provar a calça?

Segurou-a na minha frente. Ia da minha cintura aos dedos do pé.

– Parece bem.

– Dez dólares.

– Estou falido.

– Sete dólares.

Dei a Herman os sete dólares, levei o terno para o meu quarto, escada acima. Saí atrás de uma garrafa de vinho. Ao voltar, tranquei a porta, tirei a roupa, preparava-me para a primeira noite verdadeira de sono em um bom tempo.

Deitei na cama, abri a garrafa, dobrei o travesseiro nas costas para ter um bom apoio, respirei fundo e sentei na escuridão olhando a janela. Era a primeira vez que eu estava sozinho em cinco dias. Eu era um homem que se fortalecia na solidão; ela era para mim a comida e a água dos outros homens. Cada dia sem solidão me

enfraquecia. Não que me orgulhasse dela, mas dela eu dependia. A escuridão do quarto era como um dia ensolarado para mim. Tomei um gole de vinho.

Subitamente o quarto se encheu de luz. Houve um estrépito e um rugido. A linha elevada do trem passava ao nível da minha janela. Havia uma estação do metrô ali. Olhei para a fila de rostos nova-iorquinos, que me olharam de volta. O trem se demorou e, então, partiu. O quarto ficou escuro. Logo voltou a se encher de luz. Outra vez olhei para os rostos. Era como uma visão do inferno constantemente repetida. Cada novo carregamento de rostos era mais feio, demente e cruel que o anterior. Bebi o vinho.

Aquilo continuou: escuridão, depois luz; luz, depois escuridão. Terminei a garrafa e fui em busca de mais. Voltei, tirei a roupa, retornei para a cama. As partidas e chegadas dos rostos continuavam; era como se eu estivesse tendo uma visão. Eu era visitado por centenas de demônios que o diabo em pessoa não podia tolerar. Bebi mais vinho.

Finalmente me levantei e peguei meu terno novo no armário. Vesti o paletó. Estava apertado. Parecia menor do que quando o experimentei na alfaiataria. De repente, o tecido se rasgou. O paletó abrira completamente no meio das costas. Joguei o que restara fora. Ainda tinha a calça. Enfiei as pernas. Havia botões na frente em vez de zíper. Ao tentar abotoá-los, a costura abriu nos fundilhos. Passei minha mão atrás e senti minhas cuecas.

18

Durante quatro ou cinco dias, caminhei a esmo. Depois me embebedei por dois dias seguidos. Mudei do meu quarto e fui para o Greenwich Village. Certo dia, li na coluna de Walter Winchell[4] que O. Henry costumava escrever todos os seus textos na mesa de um famoso bar de escritores. Encontrei o bar e fui procurar pelo que mesmo?

Era meio-dia. Eu era o único cliente, apesar da coluna de Winchell. Fiquei ali plantado, sozinho, na frente de um enorme espelho, do bar e do atendente.

– Sinto muito, senhor, não podemos servi-lo.

Fiquei chocado, incapaz de responder. Esperei por uma explicação.

– O senhor está bêbado.

Era possível que estivesse embriagado, mas eu não bebia uma gota de álcool havia doze horas. Resmunguei alguma coisa sobre O. Henry e fui embora.

19

Parecia uma loja abandonada. Havia um cartaz na janela: *Precisa-se de ajudante*. Entrei. Um homem com um bigodinho fino me sorriu.

– Sente-se.

Deu-me uma caneta e uma ficha de inscrição, que preenchi.

– Ah? Faculdade?

– Não exatamente.

– Estamos no ramo da publicidade.

– É?

– Não está interessado?

– Bem, veja você, eu andava envolvido com pintura. Um *pintor*, entende? Fiquei sem dinheiro. Não conseguia vender o material.

– Chegam aqui vários desses.

– Também não gosto dos tipos.

– Alegre-se. Talvez você fique famoso depois da morte.

Seguiu falando que o trabalho acarretava, para começo de conversa, fazer o turno da noite, mas que sempre se podia ascender na carreira.

Eu lhe disse que gostava do turno da noite. Ele me disse que eu podia começar no metrô.

20

Dois caras mais velhos esperavam por mim. Encontrei-os dentro do metrô, onde os vagões estavam estacionados. Deram-me uma braçada de pôsteres e um pequeno instrumento de metal que parecia um abridor de latas. Subimos todos em um dos vagões estacionados.

– Veja como eu faço – disse um dos caras mais velhos.

Subiu em cima dos assentos sujos, arrancando os velhos pôsteres com seu abridor de latas ao longo do percurso. Então é assim que esses negócios vão parar ali, pensei. As pessoas os colocam ali.

Cada pôster era preso por duas tiras de metal que precisavam ser removidas para que um novo pudesse ser colocado. As tiras eram presas com molas e curvas para encaixarem no contorno da parede.

Deixaram que eu tentasse. As tiras de metal resistiram aos meus esforços. Não iriam se mover. As pontas afiadas cortavam minhas mãos enquanto eu trabalhava. Comecei a sangrar. Para cada pôster retirado, era preciso colocar outro no lugar. Cada troca levava uma eternidade. Parecia uma atividade sem fim.

– Há besouros por toda Nova York – disse um dos caras mais velhos depois de um tempo.

– É mesmo?

– Sim. Você é novo em Nova York?

– Sim.

– Não sabe que todas as pessoas em Nova York sofrem com esses besouros?

– Não.

– Sim. A mulher quis trepar comigo na noite passada. Eu disse, “Não, baby, não vai rolar”.

– É?

– É. Disse pra ela que faria a coisa por cinco pratas. Porque é preciso umas cinco pratas em carne pra repor a porra que eu gastaria.

– Ela lhe deu as cinco pratas?

– Que nada. Ofereceu-me uma lata de sopa Campbell’s de cogumelo.

Seguimos com o trabalho até chegarmos ao fim do vagão. Os dois homens saíram pela traseira e caminharam em direção ao próximo carro do metrô, que estava estacionado a cerca de quinze metros de distância. Estávamos a uns bons dez metros acima do chão, com nada além dos trilhos para caminhar. Vi que não seria nada difícil para um corpo passar por entre os vãos e cair lá embaixo.

Saí do vagão e comecei a avançar lentamente em direção ao próximo, cuidando onde pisava, o abridor de latas numa mão e os pôsteres na outra. Um metrô cheio de passageiros partiu, as luzes iluminando o caminho.

O veículo se foi, deixando-me na escuridão total. Não conseguia sequer ver os trilhos e as vigas horizontais. Esperei.

Os dois caras mais velhos gritaram lá do outro vagão:

– Vamos! Depressa! Temos muito trabalho pela frente!

– Esperem! Não vejo nada!

– Não temos nenhuma lanterna!

Meus olhos começavam a se adaptar. Avancei lentamente, passo a passo. Assim que entrei no outro carro, coloquei os pôsteres sobre o chão e me sentei. Minhas pernas estavam bambas.

– Qual é o problema?

– Não sei.

– O que é?

– Um homem pode morrer nesse negócio.

– Ninguém nunca caiu.

– Senti que podia ser o primeiro.

– Tudo está na cabeça.

– Eu sei. Como faço pra dar o fora daqui?

– Há uma escada para aqueles lados. Mas você terá que cruzar várias vias, além de cuidar os trens em movimento.

– Sim.

– E não pise no terceiro trilho.

– O que é isso?

– É o condutor de força. É um trilho dourado. Parece feito de ouro. Você vai ver.

Desci para a pista e comecei a caminhar. Os dois caras mais velhos ficaram me olhando. Ali estava o trilho dourado. Passei dando o passo mais largo que pude sobre ele.

Então cheguei à escada. Meio caindo, meio correndo, venci os degraus. Havia um bar do outro lado da rua.

21

O expediente na fábrica de biscoitos caninos ia das quatro e meia da tarde à uma da madrugada.

Deram-me um avental branco encardido e luvas grossas de lona. As luvas estavam gastas e furadas. Podia ver meus dedos brotando do tecido. Recebi o treinamento de um elfo desdentado, cujo olho esquerdo era coberto por uma membrana de um branco esverdeado, coberta por finas veias azuis.

Estava naquele trabalho havia dezenove anos.

Tomei meu lugar. Um apito soou, e as máquinas entraram em ação. Os biscoitos caninos começaram a se mover. A massa recebia o formato e então ia para pesadas fôrmas de metal, com pontas de ferro.

Peguei uma bandeja, coloquei-a no forno atrás de mim. Voltei-me para frente. Ali estava a próxima fôrma. Não havia como retardar o processo. O único momento em que paravam de chegar era quando a máquina emperrava. Não acontecia muito. Quando ocorria, o elfo logo dava um jeito.

As chamas do forno se erguiam a cinco metros de altura. A parte interna era como a roda de um barco a vapor. Cada compartimento comportava doze fôrmas. Quando o responsável pelo forno (eu) havia enchido um dos compartimentos, acionava um dispositivo com o pé que fazia a roda girar, expondo o novo compartimento vazio.

As fôrmas eram pesadas. Um homem podia cansar de levantar apenas uma delas. Se você chegasse a pensar em fazer esse serviço por oito horas, erguendo centenas de fôrmas, não conseguiria nem começar. Biscoitos verdes, biscoitos vermelhos, biscoitos amarelos, biscoitos azuis, biscoitos vitaminados, biscoitos de vegetais.

Nesses tipos de trabalho um homem cansa. Vai a um estado de exaustão superior à fadiga. Diz coisas loucas e luminosas. Fora de mim, amaldiçoei e disse asneiras e piadas e cantei. O inferno se encheu de gargalhadas. Até mesmo o elfo riu de mim.

Trabalhei ali por várias semanas. Chegava sempre bêbado. Não fazia diferença; eu estava no emprego que ninguém queria. Após uma hora em frente ao forno, eu ficava sóbrio. Minhas mãos estavam cheias de bolhas e queimaduras. A cada dia, sentava-me na cama, morrendo de dor, e estourava as bolhas com alfinetes

que esterilizava com fósforos.

Certa noite, estava mais bêbado do que o de costume. Recusava-me a alimentar o forno.

– Chega – eu lhes disse.

O elfo ficou em choque.

– Como vamos dar conta do trabalho, Chinaski?

– Ah.

– *Fique conosco só por essa noite!*

Dei-lhe uma gravata. Suas orelhas ficaram vermelhas.

– Seu pequeno verme – eu disse.

Então o soltei.

22

Depois de chegar à Filadélfia, encontrei uma pensão e paguei uma semana de aluguel adiantado. O bar mais próximo devia ter uns cinqüenta anos. Dava para sentir o cheiro de urina, merda e vômito acumulados ao longo de meio século brotando das frestas do piso, visto que os banheiros ficavam no andar de baixo.

Eram quatro e meia. Dois homens brigavam no meio do bar.

O cara à minha direita disse que seu nome era Danny. O da esquerda, que se chamava Jim.

Danny trazia um cigarro na boca, a ponta brilhando. Uma garrafa de cerveja vazia cruzou o ar. Por um triz, não lhe acertou em cheio no cigarro e no nariz. Não se moveu nem olhou ao redor, bateu a cinza do cigarro no cinzeiro.

– Essa foi perto, seu filho da puta! Mande mais uma dessas e a pancadaria começa!

Todos os lugares estavam ocupados. Havia umas mulheres por ali, algumas donas de casa, gordas e meio estúpidas, e duas ou três senhoras que enfrentavam dificuldades. Ao me sentar por ali, uma garota levantou e se foi com um homem. Retornou em cinco minutos.

– Helen! Helen! Como você consegue fazer isso?

Ela gargalhou.

Outro se lançou sobre ela para experimentar.

– Deve ser bom. Tenho que provar!

Saíram juntos. Helen retornou em cinco minutos.

– Ela deve ter uma bomba de sucção na buceta!

– Tenho que tentar também – disse um velho sentado no fundo do bar. – Não tenho uma ereção desde que Teddy Roosevelt tomou sua última colina.

Com ele, Helen levou dez minutos.

– Quero um sanduíche – disse um gordo. – Quem vai buscar pra mim por uma graninha?

Eu lhe disse que iria.

– Bife no pão, com tudo o que tem direito.

Deu-me algum dinheiro.

– Fique com o troco.

Fui até o lugar onde se faziam os sanduíches. Um velho meio esquisito apareceu.

– Bife no pão, com tudo o que der pra botar em cima. E uma garrafa de cerveja enquanto espero.

Tomei a cerveja, levei o sanduíche até o gordo e procurei outro lugar. Apareceu uma dose de uísque. Virei. Outra surgiu. Virei. A *jukebox* tocava.

Um jovem, que devia ter uns vinte e quatro, veio lá dos fundos do bar.

– Preciso que as persianas sejam limpas – ele me disse.

– Sem dúvida.

– O que você faz?

– Nada. Bebo. Vario entre isso.

– Que tal cuidar das persianas?

– Cinco pratas.

– Contratado.

Eles o chamavam de Billy-Boy. Billy-Boy havia se casado com a dona do bar. Ela estava com quarenta e cinco.

Trouxe-me dois baldes, água e sabão, uns esfregões e esponjas. Retirei as persianas, removi as lâminas e comecei.

– Bebida de graça – disse Tommy, o atendente da noite – enquanto você estiver trabalhando.

– Uma dose de uísque, Tommy.

Era um trabalho lento; o pó havia endurecido, formando uma espécie de laca. Cortei minha mão diversas vezes nas plaquetas de metal. A água ensaboada ardia.

– Uma dose de uísque, Tommy.

Terminei o primeiro jogo de persianas e o coloquei no lugar. Os fregueses do bar deram uma olhada no que eu havia feito.

– Maravilha!

– Com certeza vai ajudar o lugar.

– Na certa vão subir o preço das bebidas.

– Uma dose de uísque, Tommy – eu disse.

Baixei outro jogo de persianas, retirei as plaquetas. Desafiei Jim para uma partida de *pinball* e lhe tomei vinte e cinco centavos, esvaziei os baldes na privada e os enchi com água limpa.

O segundo jogo progrediu ainda mais devagar. Minhas mãos receberam mais cortes. Duvido que essas persianas tivessem sido limpas em dez anos. Ganhei mais vinte e cinco centavos no *pinball*, e então Billy-Boy ordenou que eu voltasse ao trabalho.

Helen passou em direção ao banheiro feminino.

– Helen, vou lhe dar cinco pratas assim que acabar. Será que dá?

– Claro, mas você não vai nem levantar o negócio quando for a hora.

– Levanto sim.

– Estarei aqui quando fecharem. Se você ainda conseguir ficar de pé, faço de graça!

– Estarei *firme*, baby!

Helen retornou ao banheiro.

– Uma dose de uísque.

– Ei, vá devagar – disse Billy-Boy – ou jamais terminará o trabalho nesta noite.

– Billy, se eu não terminar, você pode ficar com os cinco.

– Fechado. Ouviram isso?

– A gente ouviu, Billy, seu mão-de-vaca.

– A saideira, Tommy.

Tommy me serviu o uísque. Bebi o copo e então fui trabalhar. Consegui progredir. Após mais umas doses de uísque, consegui deixar os três jogos de persianas limpos e brilhantes.

– Tudo pronto, Billy. Pague o que deve.

– Ainda não acabou.

– Como?

– Há mais três janelas no salão dos fundos.

– Salão dos fundos?

– Salão dos fundos. O salão de festas.

Billy-Boy me mostrou o salão dos fundos. Havia mais três janelas, mais três jogos de persianas.

– Deixo por dois e cinqüenta, Billy.

– Negativo. Ou faz todo o trabalho, ou não recebe nada.

Apanhei os baldes, esvaziei a água suja, enchi de água limpa, sabão, depois desci um novo jogo de persianas. Retirei as plaquetas, depositei-as sobre uma mesa e fiquei olhando para elas.

Jim parou no meio do caminho até o banheiro.

– O que está acontecendo?

– Não conseguirei limpar outro jogo.

Quando Jim saiu do banheiro, foi até o bar e retornou com sua cerveja. Começou a limpar as persianas.

– Jim, deixe disso.

Fui até o bar, peguei mais uma dose. Quando voltei, uma das garotas descia um dos jogos.

– Tome cuidado, não vá se cortar – eu disse a ela.

Alguns minutos depois, havia umas quatro ou cinco pessoas por ali, falando e sorrindo, até mesmo Helen. Todas trabalhavam na limpeza. Logo quase todos os fregueses do bar estavam por lá. Concentrei-me em esvaziar mais dois copos. Finalmente, as persianas estavam limpas e no lugar. Não levou muito tempo. Cintilavam. Billy-Boy apareceu:

– Não tenho que lhe pagar nada.

– O trabalho está terminado.

– Mas não foi você quem terminou.

– Não seja um mão-de-vaca, Billy – alguém disse.

Billy-Boy desencavou uma nota de US$ 5 e eu a peguei. Fomos até o bar.

– Uma rodada por minha conta!

Coloquei a nota de US$ 5 sobre o balcão.

– E uma bebida pra mim.

Tommy deu uma volta distribuindo as bebidas.

Tomei a minha e Tommy pegou o dinheiro.

– Você deve US$ 3,15 para o bar.

– Ponha na conta.

– O.k., qual é seu sobrenome?

– Chinaski.

– Conhece aquela do polaco que teve que usar a casinha?

– Sim.

Os drinques continuaram chegando para mim até a hora do fechamento. Após o último, dei uma olhada em volta. Helen tinha desaparecido. Ela mentira.

Como fazem as putas, pensei, assustada com o trabalho que teria...

Ergui-me e tomei o rumo de minha pensão. A lua brilhava. Meus passos ecoavam pela rua vazia, parecendo os passos de um perseguidor. Olhei ao redor. Eu estava enganado. Somente a solidão me acompanhava.

23

Quando cheguei a St. Louis, fazia muito frio, estava prestes a nevar. Encontrei um quarto num lugar legal e limpo, um segundo andar de fundos. Era cedo da noite e me atacava uma de minhas crises depressivas, o que me fez ir cedo para cama, buscando, de alguma maneira, adormecer.

Quando despertei pela manhã, estava muito frio. Eu tremia de modo incontrolável. Levantei e descobri que uma das janelas estava aberta. Fechei-a e voltei para a cama. Comecei a me sentir nauseado. Consegui dormir mais uma hora,

depois acordei. Fiquei de pé, me vesti, mal alcançara o banheiro do corredor quando vomitei. Despi-me novamente e voltei a me deitar. Logo houve uma batida à porta. Não respondi. As batidas continuaram.

– Sim? – respondi.

– Você está bem?

– Sim.

– Podemos entrar?

– Entrem.

Eram duas garotas. Uma estava um pouco acima do peso, mas parecia limpa, radiante, em um vestido florido e rosado. Tinha um rosto gentil. A outra usava um cinto bem apertado que acentuava sua maravilhosa figura. Seu cabelo era longo, negro, e tinha um nariz delicado; usava saltos, dona de pernas perfeitas, vestia uma blusa branca decotada. Seus olhos eram de um castanho escuro, muito escuro, e seguiam cravados em mim, marotos, muito marotos.

– Sou Gertrude – ela disse – e esta é Hilda.

Hilda se ruborizou quando Gertrude cruzou o quarto em direção à cama.

– Escutamos você no banheiro. Você está passando mal?

– Sim. Mas não é nada sério, tenho certeza. Uma janela aberta.

– A sra. Downing, a senhoria, está fazendo uma sopa para você.

– Não precisa, está tudo bem.

– Vai lhe fazer bem.

Gertrude se aproximou da minha cama. Hilda permaneceu onde estava, rosa e luzidia e ruborizada. Gertrude andava para lá e para cá em seus saltos agudíssimos.

– Você é novo na cidade?

– Sim.

– Não está no exército?

– Não.

– O que você faz?

– Nada.

– Não trabalha?

– Não trabalho.

– Sim – disse Gertrude a Hilda –, olhe essas mãos. Tem as mãos mais lindas que já vi. Dá pra ver que nunca pegaram no batente.

A senhoria, sra. Downing, bateu. Ela era gorda e simpática. Imaginei que seu marido estava morto e que ela era uma pessoa religiosa. Trazia uma enorme tigela de caldo de carne. Podia ver a fumaça subindo. Peguei a tigela. Trocamos gentilezas. Sim, seu marido falecera. Ela era extremamente religiosa. Havia ainda umas bolachas, mais sal e pimenta.

– Muito obrigado.

A sra. Downing olhou para as duas garotas.

– Bem, está na hora da gente ir. E espero que as garotas não o tenham incomodado muito.

– Oh, não!

Sorri em direção à sopa. Ela gostou do gesto.

– Vamos, garotas.

A sra. Downing deixou a porta aberta. Hilda deu um jeito de ruborizar mais uma vez, deu-me um sorriso discreto, depois saiu. Gertrude permaneceu. Observou-me tomar umas colheradas do caldo.

– Está gostoso?

– Quero agradecer a todas vocês. Tudo isso... não é algo a que eu esteja acostumado.

– Vou indo.

Ela deu meia-volta e caminhou lentamente até a porta. Sua bunda se movia sob a saia negra apertada; suas pernas eram douradas. Junto à soleira, ela parou e se virou, deitando seus olhos negros novamente sobre mim, deixando-os ficar. Fiquei pasmado, em brasa. No momento em que percebeu minha reação, lançou a cabeça para trás e deu uma gargalhada. Tinha um pescoço adorável e toda aquela cabeleira negra. Ela desapareceu no corredor, deixando a porta entreaberta.

Peguei o sal e a pimenta, temperei o caldo, quebrei as bolachas água e sal e as coloquei na tigela, aplacando minha doença a colheradas.

24

Arrumei um emprego como despachante de estoque em uma loja de roupas para mulheres. Mesmo durante a Segunda Guerra Mundial, quando era de se supor que houvesse uma escassez de mão-de-obra masculina, havia quatro ou cinco candidatos por vaga. (Ao menos para os trabalhos mais humildes.) Esperamos com nossos formulários de emprego preenchidos. Nascido quando? Solteiro? Casado? Situação militar? Último emprego? Últimos empregos? Por que saiu? Eu já havia preenchido tantos formulários, que há muito tempo havia memorizado as respostas certas. Tendo saído tarde demais da cama, eu era o último da chamada naquela manhã. Um homem careca, com estranhos tufos de cabelo sobre as orelhas, fez a entrevista comigo.

– Sim? – ele perguntou, olhando-me por sobre a folha.

– Sou um escritor, temporariamente sem inspiração.

– Oh, um *escritor*, é?

– Sim.

– Tem certeza disso?

– Não, não tenho.

– O que você escreve?

– Contos, na maior parte das vezes. Estou na metade de um romance.
– Um romance, é?
– Sim.
– E qual é o título?
– “A torneira pingante do meu destino”.
– Oh, gostei disso. Do que trata a história?
– De tudo.
– De tudo? Você quer dizer, por exemplo, que trata do meu câncer?
– Sim.
– E minha esposa?
– Também está lá.
– Aqui está em branco. Por que você quer trabalhar numa loja de roupas para mulheres?
– Sempre gostei de mulheres em roupas de mulheres.
– Você é 4-F[5]?
– Sim.
– Deixe-me ver sua certidão militar.
Mostrei-lhe a carteira. Ele a devolveu para mim.
– Você está contratado.

25

Trabalhávamos em um porão. As paredes eram pintadas de amarelo. Empacotávamos nossas roupas femininas em caixas oblongas de um metro de comprimento por cinqüenta centímetros de largura. Era preciso certa habilidade para encaixotar cada vestido para que não amarrotasse dentro da embalagem. Para evitar que isso ocorresse, utilizávamos enchimentos de cartolina e tecido, além de recebermos instruções minuciosas. O correio era utilizado para as entregas fora da cidade. Nós mesmos tínhamos nossas próprias escala e uma máquina de metragem postal. Não se podia fumar.

Larabee era o gerente do setor de envio. Klein era o gerente-assistente. Larabee era o chefe. Klein tentava puxar o tapete de Larabee. Klein era judeu, assim como os donos da loja, e Larabee vivia nervoso. Klein e Larabee discutiam ao longo de todo o dia e noite adentro. Sim, noite adentro. O problema, naqueles dias de guerra, eram as horas extras. Aqueles que estava no comando sempre preferiam sobrecarregar uns poucos homens de modo contínuo a contratar mais pessoas para que todos pudessem trabalhar um pouco menos. Você dava a seu chefe oito horas, e ele sempre pedia por mais. Ele nunca lhe mandava para casa depois de seis horas, por exemplo. Isso daria tempo a você para que pensasse.

26

Toda vez que eu passava pelo corredor da pensão, Gertrude parecia estar ali plantada. Era perfeita, sexo puro e enlouquecedor, e ela sabia disso, e jogava com isso, e destilava isso, e permitia que você sofresse desejando aquilo. Isso a deixava feliz. E também não me fazia mal. Ela podia ter simplesmente encerrado tudo, privando-me do calor que me provocavam aquelas gotinhas que ela deixava escorrer. Como a maioria dos homens numa situação como esta, percebi que não conseguiria nada com ela – conversas íntimas, excursões excitantes pela costa, longas caminhadas aos domingos – até que lhe tivesse feito umas quantas promessas absurdas.

– Você é um cara estranho. Passa um bocado de tempo sozinho, não?

– Sim.

– O que há de errado?

– Estive doente por muito tempo antes daquela manhã em que você me conheceu.

– Está doente agora?

– Não.

– Então o que há de errado?

– Não gosto de pessoas.

– Você acha que isso é certo?

– Provavelmente não.

– Você iria comigo ao cinema numa noite dessas?

– Tentarei.

Gertrude rebolou na minha frente; rebolou sobre os saltos altos. Avançou. Partes de seu corpo me tocavam. Eu simplesmente não podia responder. Havia um espaço entre nós dois. A distância era grande demais. Era como se ela estivesse falando com uma pessoa que desaparecera, uma pessoa que não estava mais ali, uma pessoa que já não existia. Seus olhos pareciam me atravessar. Não conseguia me conectar a ela. Não sentia vergonha por isso, apenas embaraço e desamparo.

– Venha comigo.

– O quê?

– Quero lhe mostrar o meu quarto.

Segui Gertrude pelo corredor. Ela abriu a porta do quarto e eu a acompanhei. Era decorado de modo bastante feminino. A cama de casal estava coberta por bichinhos de pelúcia. Todos pareciam surpresos e me encaravam: girafas, ursos, leões, cachorros. O ar estava perfumado. Tudo era asseado e limpo e parecia macio e confortável. Gertrude se aproximou de mim.

– Gostou do meu quarto?

– É legal. Oh, sim, gostei dele.

– Nunca diga à sra. Downing que eu trouxe você aqui, ela ficaria escandalizada.

– Não direi.

Gertrude ficou parada em silêncio.

– Tenho que ir – eu lhe disse por fim.

Então fui até a porta, abri-a, fechei-a ao passar e retornei para o meu quarto.

27

Após perder várias máquinas de escrever no prego, simplesmente desisti da idéia de possuir uma. Compunha minhas histórias à mão e as enviava dessa maneira. Escrevia-as à pena. Eu precisava ser um calígrafo veloz. Tinha que conseguir executar as letras mais rápido do que as idéias que elas continham. Escrevia três ou quatro contos por semana. Colocava-os no correio. Imaginava os editores da *The Atlantic Monthly* e da *Harper's* dizendo: "Ei, aqui está mais uma das coisas daquele louco...".

Certa noite, levei Gertrude a um bar. Sentamos lado a lado em uma mesa e bebemos cerveja. Nevava lá fora. Sentia-me um pouco melhor do que de costume. Bebemos e conversamos. Uma hora, ou por volta disso, se passou. Comecei a me fixar nos olhos de Gertrude e ela me respondia da mesma maneira. "*Nos dias de hoje, é difícil encontrar um bom homem!*", dizia a *jukebox*. Gertrude acompanhava a música com o corpo, com a cabeça, olhava-me nos olhos.

– Você tem uma cara muito estranha – ela disse. – Você não é realmente feio.

– Número quatro no setor de envio de mercadorias, galgando posições.

– Alguma vez você já se apaixonou?

– Isso é para pessoas de verdade.

– Você me parece de verdade.

– Não gosto de pessoas de verdade.

– Não gosta?

– Eu as odeio.

Bebemos mais um pouco, sem falar muito. Continuava a nevar. Gertrude virou a cabeça e ficou olhando para o aglomerado de pessoas. Então voltou a me olhar.

– Ele não é *bonito*?

– Quem?

– O soldado lá adiante. Está sentado sozinho. Tão *ereto*. E tem todas as medalhas no uniforme.

– Vamos, é hora de dar o fora daqui.

– Mas ainda é cedo.

– Você pode ficar.

– Não, quero ir com *você*.

– Não me importo com o que você fizer.

– É por causa do soldado? Você ficou assim por causa do soldado?

– Oh, merda!

– Foi o soldado!

– Estou indo.

Levantei-me, deixei uma gorjeta e caminhei em direção à porta. Ouvi Gertrude atrás de mim. Segui pela rua cortando a neve. Logo ela estava ao meu lado.

– Você nem ao menos pegou um táxi. Andar de salto alto na neve!

Não respondi. Caminhamos as quatro ou cinco quadras até a pensão. Subi os degraus lado a lado com ela. Então entrei em meu quarto, fechei a porta, me despi e fui para a cama. Escutei-a jogar alguma coisa contra a parede em seu quarto.

28

Continuava escrevendo minhas histórias à mão. Mandava quase todas a Clay Gladmore, cuja revista nova-iorquina *Frontfire* eu admirava. Pagavam apenas US$ 25 por conto, mas Gladmore havia descoberto William Saroyan e muitos outros, havia sido amigo de Sherwood Anderson. Gladmore devolvia muitos de meus textos com rejeições de próprio punho. Verdade, a maioria delas não era muito longa, porém pareciam gentis e encorajadoras. As revistas de maior porte costumavam usar notas de rejeição já impressas. Mesmo as notas impressas de Gladmore não eram impessoais: "Lamentamos, com pesar, que esta seja uma nota de rejeição impressa, mas...".

Assim, mantinha Gladmore ocupado com quatro ou cinco contos por semana. Enquanto isso, eu continuava na loja de roupas femininas, lá no porão. Klein ainda não conseguira desbancar Larabee; Cox, o outro funcionário do setor, não se interessava por quem estivesse no comando, desde que ele pudesse fumar seu cigarrinho na escada a cada vinte e cinco minutos.

As horas extras passaram a ser automáticas. Eu bebia mais e mais nas minhas horas de folga. A jornada de oito horas se fora para sempre. Ao chegar pela manhã, era preciso se preparar para ao menos onze horas de trabalho seguido. Isso incluía sábado, que costumava ser meio expediente, mas que passara a jornada completa. A guerra estava a pleno vapor, porém as damas consumiam caminhões de vestido...

Isto se deu depois de uma jornada de doze horas. Já tinha vestido meu casaco, saíra do porão, acendera um cigarro e percorria o caminho em direção à saída quando ouvi a voz do meu chefe:

– Chinaski!

– Sim?

– Venha até aqui.

Meu chefe fumava um charuto longo e caro. Parecia descansado.

– Este é meu amigo, Carson Gentry.

Carson Gentry fumava um charuto do mesmo tipo.

– O sr. Gentry também é escritor. Ele está muito interessado nessa coisa de escrever. Eu lhe disse que você era escritor e ele ficou a fim de conhecê-lo. Você não se importa, não é mesmo?

– Não, claro que não.

Ambos sentaram por ali, me olhando e fumando seus charutos. Muitos minutos se passaram. Eles inalavam, exalavam, olhavam para mim.

– Importa-se se eu me for? – perguntei.

– Está tudo bem – disse-me o chefe.

29

Sempre seguia para o meu quarto, caminhando por seis ou sete quadras. As árvores que margeavam a calçada eram todas iguais: pequenas, retorcidas, semicongeladas, desfolhadas. Gostava delas. Caminhava debaixo do luar gelado.

Aquela cena do escritório se entranhou em mim. Aqueles charutos, as roupas finas. Pensei em belos bifes, longos passeios por passagens cheias de curvas que levavam a casas maravilhosas. Boa vida. Viagens à Europa. Mulheres de alta classe. Eles eram assim tão mais espertos do que eu? O que nos diferenciava era a grana e o desejo de acumulá-la.

Eu também poderia fazer isso! Economizaria meus tostões. Eu teria uma grande idéia, pegaria um financiamento. Contrataria e despediria. Manteria garrafas de uísque na gaveta da minha escrivaninha. Teria uma esposa com enormes peitos e um rabo que faria o jornaleiro da esquina gozar nas calças só de vê-lo balançar. Eu iria traí-la e ela saberia e ficaria quieta para continuar morando comigo e usufruindo minha riqueza. Eu demitiria os sujeitos só para ver a palidez de seus rostos. Demitiria mulheres que não mereciam tal destino.

Isto era tudo de que um homem necessitava: esperança. Era a falta de esperança que desencorajava um homem. Lembrei de meus dias em Nova Orleans, vivendo de duas barras de caramelo de cinco centavos por dia, ao longo de várias semanas, para ter tempo livre para escrever. Mas passar fome, infelizmente, não melhora a arte. Apenas a obstrui. A alma de um homem está profundamente enraizada em seu estômago. Um homem pode escrever muito melhor após comer um belo pedaço de filé acompanhado de uma dose de uísque do que depois de uma barra de caramelo de um níquel. O mito do artista faminto é um embuste. Uma vez que você percebe que tudo é um embuste, você fica esperto e passa a sangrar e queimar seus semelhantes. Eu ergueria um império sobre as carcaças e vidas destroçadas de homens, mulheres e crianças indefesos – eu os atropelaria. *Eu lhes daria uma bela lição!*

Eu tinha chegado à pensão. Subi as escadas até meu quarto. Girei a chave,

acendi as luzes. A sra. Downing havia colocado uma correspondência junto à porta. Era um envelope pardo, grande, enviado por Gladmore. Recolhi-o do chão. Estava pesado pelos manuscritos rejeitados. Sentei-me e abri o envelope.

> Caro sr. Chinaski:
>
> Estamos devolvendo esses quatro contos, mas vamos ficar com *Minha alma embriagada de cerveja é mais triste do que todas as árvores de Natal cortadas sobre a face da Terra*. Temos acompanhado o seu trabalho por longo tempo e estamos muito felizes de aceitar essa história.
>
> Atenciosamente,
> Clay Gladmore.

Levantei-me da cadeira, segurando ainda a carta de minha aceitação. MINHA PRIMEIRA. Da revista literária número um da América. O mundo nunca parecera tão bom, tão cheio de promessas. Fui até a cama, sentei-me, voltei a lê-la. Estudei cada curva da assinatura à mão de Gladmore. Levantei-me, fui com a aceitação até a cômoda, guardei-a lá dentro. Depois me despi, apaguei as luzes e fui para a cama. Não conseguia dormir. Levantei-me, acendi as luzes, fui até a cômoda e voltei a ler a carta:

> Caro sr. Chinaski...

30

Freqüentemente eu via Gertrude no corredor. Conversávamos, mas não voltei a convidá-la para sair. Ela ficava colada em mim, rebolando de leve, aqui e ali meio que cambaleando, como se estivesse bêbada, na altura de seus saltos. Numa manhã de domingo, me peguei no meio do gramado frontal com Gertrude e Hilda. As garotas faziam bolas de neve, gargalhavam e gritavam, jogavam-nas em mim. Nunca tendo vivido numa região em que nevava, demorei, de início, para descobrir como se faziam aquelas bolas e o que era preciso para arremessá-las, mas logo peguei a manha. Gertrude lançava uma, gritava. Ela era deliciosa. Toda fogaréu e luz. Por um momento me senti disposto a cruzar o gramado e agarrá-la. Então desisti, segui caminhando rua afora, as bolas de neve zunindo ao cruzar por mim.

Dezenas de milhares de jovens estavam lutando na Europa e na China, nas ilhas do Pacífico. Quando eles voltassem, ela encontraria alguém. Não teria nenhum problema. Não com aquele corpo. Não com aqueles olhos. Até mesmo Hilda não teria qualquer dificuldade.

Comecei a sentir que já era tempo de dar o fora de St. Louis. Decidi que devia voltar para Los Angeles; nesse meio-tempo, continuei mandando as histórias

escritas à mão aos magotes, me embebedando, escutando a Quinta do Beethoven, a Segunda do Brahms...

Certa noite em particular, depois do trabalho, parei num bar das redondezas. Sentei e bebi umas cinco ou seis cervejas, levantei e venci a quadra que me separava da pensão. Ao passar pelo corredor, a porta de Gertrude estava aberta.

– Henry...

– Olá.

Aproximei-me da porta, olhei para ela.

– Gertrude, estou deixando a cidade. Hoje dei o aviso prévio no trabalho.

– Ah, sinto muito.

– Vocês foram legais comigo.

– Escute, antes de você ir, quero que conheça o meu namorado.

– Seu namorado?

– Sim, ele recém se mudou, o quarto seguindo o corredor.

Segui-a. Ela bateu e eu aguardei atrás dela. A porta se abriu: calças risca de giz, uma camisa xadrez de manga comprida, gravata. Um bigodinho. Olhos vagos. De uma de suas narinas corria um fluxo fino e quase invisível de ranho que finalmente acabou por se juntar em uma pequena bola brilhante. A bola se alojou no bigode, pronta para pingar, mas nesse meio-tempo ficou ali, refletindo a luz.

– Joey – ela disse –, quero que você conheça o Henry.

Trocamos um aperto de mão. Gertrude entrou. A porta se fechou. Retornei para o meu quarto e comecei a fazer a mala. Este era sempre um bom momento.

31

Quando voltei para Los Angeles, encontrei um hotel barato nas imediações da Hoover Street e fiquei na cama e bebi. Bebi por algum tempo, três ou quatro dias. Não conseguia achar disposição para ler os classificados. A idéia de me sentar diante de um homem e sua mesa e lhe dizer que eu queria um trabalho, que eu tinha as qualificações necessárias, era demais para mim. Francamente, eu estava horrorizado diante da vida, o que um homem precisava fazer para comer, dormir, manter-se vestido. Então fiquei na cama enchendo a cara. Quando você bebia, o mundo continuava lá fora, mas por um momento era como se ele não o trouxesse preso pela garganta.

Certa noite, saí da cama, me vesti e saí a caminhar pela cidade. Quando dei por mim, estava na Alvarado Street. Segui até chegar a um bar que me pareceu convidativo e entrei. Estava cheio. Havia apenas um lugar vago. Sentei. Pedi um scotch com água. À minha direita, estava uma loira quase castanha, um pouquinho gorda, o pescoço e as bochechas um tanto flácidas, na certa uma bêbada. Havia, no

entanto, em seus traços um resquício ainda de sua beleza, e seu corpo continuava parecendo rijo, jovem e bem-proporcionado. De fato, suas pernas eram longas e adoráveis. Quando ela terminou seu drinque, perguntei se aceitaria outro. Ela disse sim. Paguei-lhe um.

– Mas que bando de idiotas vem aqui – ela disse.

– Estão em todo lugar, mas especialmente aqui – eu disse.

Paguei-lhe mais três ou quatro rodadas. Não nos dissemos nada. Então lhe comuniquei:

– Este foi o último. Estou quebrado.

– Sério?

– Sim.

– Tem algum lugar pra ficar?

– Um apartamento, com mais duas ou três diárias pagas.

– E você não tem mais nenhuma grana? Nem nada pra beber?

– Não.

– Vem comigo.

Segui-a para fora do bar. Percebi que ela tinha um traseiro e tanto. Fui junto com ela até a loja de bebidas mais próxima. Ela disse ao atendente o que queria: duas garrafas de uísque Grandad, um farnel com seis cervejas, dois maços de cigarros, algumas batatas chips, uns aperitivos, uns alka-seltzers[6], um bom charuto. O atendente fechou a conta.

– Cobre – ela disse – de Wilbur Oxnard.

– Espere – ele disse –, terei que pegar a autorização.

Ele discou um número e falou com alguém ao telefone. Depois desligou.

– Está tudo certo.

Ajudei-a com as sacolas e fomos embora.

– Para onde estamos indo com tudo isso?

– Para a sua casa. Você tem carro?

Levei-a até meu carro. Eu o havia comprado em um lote em Compton por trinta e cinco dólares. As molas estavam estouradas e o radiador vazava, mas ainda se podia rodar com ele.

Chegamos à minha casa e eu coloquei as compras na geladeira, servi dois drinques, levei-os comigo, sentei e acendi um cigarro. Ela se sentou no sofá à minha frente, as pernas cruzadas. Usava brincos verdes.

– O máximo – ela disse.

– O quê?

– Você se considera o máximo, se acha muito fodão.

– Não.

– Sim, você se acha. Posso dizer pelo modo como se comporta. Mas ainda gosto de você. Gosto do seu jeito.

– Suba um pouco o vestido.

– É ligado em pernas?

– Sim. Suba mais o vestido.

Ela obedeceu.

– Oh, Jesus, agora suba mais, muito mais!

– Escute, você não é algum tipo de maluco, é? Há um cara molestando as garotas. Leva elas pro apartamento dele e depois tira as roupas delas e, com uma navalha, marca os corpos delas com palavras cruzadas.

– Não sou ele.

– Tem uns caras também que comem você e depois fazem mil pedacinhos do seu corpo. Aí vão encontrar uma parte do seu cu entalada num cano de esgoto em Playa del Rey e o seu peito esquerdo numa lata de lixo em Oceanside...

– Parei de fazer isso anos atrás. Suba mais a saia.

Ela deu uma bela erguida na saia. Era como se a vida e a alegria começassem agora, estava ali o verdadeiro sol. Me aproximei, sentei-me ao seu lado no sofá e lhe dei um beijo. Então me levantei, servi mais dois drinques e sintonizei o rádio na KFAC[7]. Pegamos o início de alguma coisa de Debussy.

– Você gosta desse tipo de música? – ela perguntou.

A certa altura daquela noite, enquanto conversávamos, despenquei do sofá. Caí no chão e fiquei olhando aquelas pernas maravilhosas.

– Baby – eu disse –, sou um gênio, mas ninguém além de mim sabe disso.

Ela me olhou, baixando a vista.

– Levante do chão, seu retardado, e me traga um drinque.

Trouxe-lhe a bebida e me encolhi perto dela. Sentia-me um idiota. Mais tarde fomos para a cama. As luzes estavam apagadas e fui por cima dela. Dei uma ou duas metidas, parei.

– Qual seu nome mesmo?

– Qual é a diferença, caralho? – ela respondeu.

32

O nome dela era Laura. Eram duas da tarde, e eu caminhava ao longo de uma passagem atrás de uma loja de móveis da Alvarado Street. Trazia minha mala junto comigo. Havia um casarão branco por ali, de madeira, dois andares, velho, a pintura descascando.

– Agora se afaste da porta – ela disse. – Há um espelho antes da escada que permite que ele veja quem está chegando.

Laura ficou ali, tocando a campainha, enquanto eu me escondia à direita da porta.

– Deixa apenas ele me ver, e quando soar o zumbido, eu abro a porta e você me segue.

O zumbido soou, e Laura abriu a porta. Segui-a, deixando minha mala no início da escada. Wilbur Oxnard estava plantado no topo da escada, e Laura correu em sua direção. Wilbur era um velho, grisalho, maneta.

– Baby, é tão *bom* ver você!

Wilbur enlaçou Laura pela cintura com seu único braço e a beijou. Ao se separarem, ele me viu.

– Quem é o cara?

– Oh, Willie, quero que você conheça um amigo meu.

– Olá – eu disse.

Wilbur não me respondeu.

– Wilbur Oxnard, Henry Chinaski – apresentou-nos Laura.

– Prazer em conhecê-lo, Wilbur – eu disse.

Wilbur continuou calado. Finalmente, ele disse:

– Bem, suba.

Segui Wilbur e Laura através da sala de estar. Moedas cobriam o chão todo, níqueis, moedas de dez, vinte e cinco, cinqüenta centavos. Um órgão elétrico estava posicionado bem no meio da sala. Segui-os até a cozinha, onde sentamos em torno à mesa do café. Laura me apresentou às duas mulheres sentadas ali.

– Henry, esta é Grace e esta é Jerry. Garotas, este é Henry Chinaski.

– Olá – disse Grace.

– Que tal? – perguntou Jerry.

– É um prazer conhecê-las, senhoritas.

Bebiam uísque com cerveja. Havia uma tigela no centro da mesa, repleta de azeitonas verdes e negras, pimentas vermelhas e talos de aipo. Estiquei o braço e apanhei uma pimenta.

– Sirva-se – disse Wilbur, sinalizando a garrafa de uísque. Ele já havia me servido uma cerveja. Providenciei-me uma dose.

– O que você faz? – perguntou Wilbur.

– Ele é escritor – disse Laura. – As revistas têm publicado coisas dele.

– Você é escritor? – perguntou-me Wilbur.

– Às vezes.

– Preciso de um escritor. Você é um dos bons?

– Todo escritor pensa que é um dos bons.

– Preciso de alguém para compor o libreto de uma ópera que escrevi. Chama-se *O Imperador de São Francisco*. Você sabia que houve uma vez um sujeito que queria ser Imperador de São Francisco?

– Não, não sabia.

– É muito interessante. Vou lhe dar um livro que fala disso.

– Tudo bem.

Por um tempo, ficamos ali sentados, bebendo em silêncio. Todas as garotas já avançavam na casa dos trinta, atraentes e muito sensuais, e cientes desses fatos.

– Que lhe parecem essas cortinas? – ele me perguntou. – As garotas me fizeram essas cortinas. Elas são talentosíssimas.

Olhei para as cortinas. Eram de embrulhar o estômago. Enormes morangos vermelhos as cobriam de ponta a ponta, envoltos em suas hastes gotejantes.

– Gostei das cortinas – eu lhe disse.

Wilbur foi buscar mais cerveja e todos nos servimos mais uns drinques de uísque da garrafa.

– Não se preocupe – disse Wilbur –, há mais uma garrafa quando essa acabar.

– Obrigado, Wilbur.

Ele me olhou.

– Meu braço está perdendo os movimentos.

Ele o ergueu e movimentou os dedos.

– Mal consigo mexer os dedos, acho que vou morrer. Os médicos não conseguem descobrir o que há de errado. As garotas acham que estou brincando, elas riem da minha cara.

– Não acho que você esteja brincando – eu lhe disse. – Acredito em você.

Tomamos mais uns drinques.

– Gosto de você – disse Wilbur. – Tem um jeito de quem passou por poucas e boas, de quem tem classe. A maioria das pessoas não tem classe. Você tem classe.

– Não sei nada sobre ter classe – eu disse –, mas já passei por poucas e boas.

– Vamos para a outra sala. Quero lhe mostrar algumas linhas musicais da ópera.

– Certo – eu disse.

Abrimos mais uma garrafa de uísque, mais cerveja, e fomos para a outra sala.

– Não quer que eu lhe faça uma sopa, Wilbur? – perguntou Grace.

– Onde já se viu alguém tomar sopa tocando órgão? – respondeu.

Todos rimos. Todos gostávamos de Wilbur.

– Ele joga dinheiro no chão cada vez que fica bêbado – sussurrou-me Laura. – Ele diz coisas horríveis pra gente e joga moedas em nós. Diz que é o que a gente vale. Ele pode ser muito cruel.

Wilbur subiu, foi até o seu quarto, voltou vestindo um chapéu de marinheiro e se sentou ao órgão. Começou a tocar o instrumento com seu único braço e seus dedos entorpecidos. Tocava num volume altíssimo. Ficamos ali sentados, bebendo e ouvindo o órgão. Quando ele terminou, eu aplaudi.

Wilbur virou-se no assento.

– As garotas estavam aqui uma noite dessas – ele disse –, e então alguém gritou "POLÍCIA!". Você tinha que ter visto elas correndo, algumas estavam nuas, algumas

de calcinha e sutiã, todas elas correram e foram se esconder lá na garagem. Foi divertido pra burro. Fiquei aqui sentado e elas foram voltando pouco a pouco, uma a uma, lá da garagem. *Diversão* garantida!

– Quem gritou "POLÍCIA"? – perguntei.

– Eu – ele disse.

Então ele se levantou e foi para o seu quarto e começou a se despir. Eu podia vê-lo sentado na ponta da cama, em seus trajes de baixo. Laura foi até lá, sentou ao lado dele na cama e lhe deu um beijo. Em seguida ela saiu, e Grace e Jerry entraram. Laura seguiu em direção à base da escada. Desci em busca da minha mala e a trouxe para cima.

33

Quando acordamos, Laura me contou a história de Wilbur. Eram nove e meia e não havia som nenhum na casa.

– Ele é um milionário – ela disse –, não deixe essa casa velha enganá-lo. Seu avô comprou terras por toda a região, assim como seu pai. Grace é sua garota, mas lhe dá um bocado de trabalho. E ele é um grande filho da puta. Gosta de cuidar nos bares das garotas que não têm onde dormir. Mas tudo o que ele oferece é casa e comida, nunca dinheiro. E elas só arranjam bebida quando *ele* está bebendo. Apesar disso, Jerry chegou nele numa noite dessas. Ele estava excitado e perseguia ela ao redor da mesa. Então ela disse, "Não, não, não, a não ser que você me dê cinqüenta pratas por mês pelo resto da vida!". Ele finalmente assinou um papel, e você sabe que foi até um cartório e registrou? Agora paga a ela cinqüenta por mês, e está acertado que, quando ele morrer, a família terá que seguir pagando pra ela.

– Bom – eu disse.

– Ainda assim, Grace é sua garota principal.

– E quanto a você?

– Não ficarei por muito tempo.

– Isso é bom, porque gosto de você.

– Sério?

– Sim.

– Agora, veja só. Se ele aparecer esta manhã com seu chapéu de marinheiro, aquele chapéu de capitão, isso significa que iremos até o iate dele. O médico disse pra ele comprar um iate por motivo de saúde.

– É dos grandes?

– Claro. Escute, você recolheu todas aquelas moedas do chão na noite passada?

– Sim – eu disse.

– É melhor pegar algumas e deixar outras.

– Acho que você está certa. Será que devo colocar umas de volta?

– Se você tiver chance.

Começava a me vestir quando Jerry entrou correndo no quarto.

– Ele está na frente do espelho arrumando seu chapéu no ângulo correto. Vamos sair no iate!

– O.k., Jerry – disse Laura.

Nós dois começamos a nos vestir. Ficamos prontos na hora certa. Wilbur não disse nada. Curtia uma ressaca. Seguimos atrás dele pela escada e depois até a garagem, onde entramos em um carro inacreditavelmente velho. Era tão velho que tinha um assento suplementar na traseira. Grace e Jerry entraram no banco da frente com Wilbur, e eu e Laura ocupamos o assento suplementar. Wilbur saiu de ré, tomou a direção sul na Alvarado, e já rumávamos para San Pedro.

– O cretino está de ressaca e não está bebendo. Quando ele não está bebendo, ninguém mais pode beber. Então veja isso – disse Laura.

– Céus, preciso de um trago.

– Todo mundo precisa – disse Laura.

Laura tirou uma garrafa de sua bolsa e abriu a tampa. Passou-me o casco.

– Agora espere até ele dar uma olhada na gente pelo retrovisor. Então, quando os olhos dele voltarem pra estrada, dê um gole.

Logo vi que Wilbur nos olhava pelo retrovisor. Depois voltou a pôr os olhos na estrada. Tomei um trago e me senti muito melhor. Devolvi a garrafa para Laura. Ela esperou até que os olhos de Wilbur mirassem o retrovisor e depois voltassem para a estrada. Teve o seu gole. Era uma jornada agradável. Ao chegarmos a San Pedro, a garrafa estava vazia. Laura pegou um chiclete, eu acendi um charuto, e descemos. Quando ajudei Laura a descer do assento suplementar, sua saia subiu e pude ver aquelas pernas compridas em meias de nylon, os joelhos, os tornozelos delgados. Comecei a ficar excitado e olhei em direção à água. Lá estava o iate: *The Oxwill*. Era o maior iate no ancoradouro. Um pequeno barco a motor nos levou até lá. Subimos a bordo. Wilbur acenou para algum camarada em outro barco e alguns ajudantes e então olhou para mim.

– Como está se sentindo?

– Maravilhosamente bem, Wilbur, muito bem... como um Imperador.

– Venha até aqui, quero lhe mostrar uma coisa.

Caminhamos até a popa. Wilbur se curvou, puxou uma argola e depois a tampa de um compartimento. Havia dois motores embaixo.

– Quero lhe mostrar como dar a partida no motor auxiliar, caso alguma coisa dê errado. Não é difícil. Consigo com um braço.

Fiquei ali, entediado, enquanto Wilbur puxava uma corda. Assenti com a cabeça e lhe disse que havia entendido. Mas aquilo não era o suficiente, ele tinha que me mostrar como içar a âncora e retirar as amarras da doca, quando tudo o que eu queria era mais uma bebidinha.

Depois de toda essa função, zarpamos e ele se posicionou em sua cabine, com seu chapéu de capitão, manejando o iate. As garotas o cercaram.

– Oh, Willie, deixe-me pilotar!

– Willie, *eu* devo pilotar!

Não pedi para pilotar. Eu não queria pilotar. Segui Laura para a parte inferior. Era como a suíte de um hotel de luxo, com a diferença de que havia beliches nas paredes em vez de camas. Fomos até a geladeira. Estava cheia de comida e bebida. Encontramos uma garrafa de uísque aberta e a levamos para fora. Tomamos um pouco da bebida com água. Parecia uma vida bastante decente. Laura ligou o aparelho de som e ouvimos algo que se chamava "A retirada de Bonaparte". Laura parecia bem. Estava feliz e sorria. Eu me inclinei sobre ela e a beijei, corri minha mão por sua perna. Então escutei o motor ser apagado e, na seqüência, os passos de Wilbur pela escada.

– Estamos voltando – ele disse. Parecia bastante austero com seu chapéu de capitão.

– O que houve? – perguntou Laura.

– Ela teve uma de suas crises de mau humor. Tenho medo que ela pule no mar. Ela não quer falar comigo. Está ali sentada, olhando o mar. Ela não sabe nadar. Tenho medo que ela se jogue na água.

– Escute, Wilbur – disse Laura –, dê umas dez pratas pra ela. As meias dela estão cheias de fios corridos.

– Não, vamos voltar. Além disso, vocês andaram *bebendo*!

Wilbur voltou a subir os degraus. O motor deu um tranco e demos meia-volta em direção a São Pedro.

– Isso acontece toda vez que tentamos ir a Catalina. Grace tem uma dessas crises e fica sentada olhando para o oceano, aquele lenço amarrado ao redor da cabeça. É assim que ela consegue arrancar as coisas dele. Ela jamais vai se jogar no mar. Ela odeia água.

– Bem – eu disse –, podemos aproveitar pra tomar mais uns drinques. Quando penso em escrever as letras para a ópera de Wilbur, percebo o quão nojenta se tornou a minha vida.

– Devemos mesmo encher a cara – disse Laura. – Agora ele já está puto mesmo.

Jerry desceu e se uniu a nós.

– Grace está magoada com o lance de eu arrancar as cinqüenta pratas por mês do velho. Diabo, não é tão fácil quanto parece. É só ela sair que o filho da puta se lança sobre mim e começa a me meter. Nunca fica satisfeito. Acha que vai morrer, então quer foder o máximo que puder.

Tomou sua dose e logo serviu outra.

– Devia ter ficado empregada na Sears Roebuck. Tinha futuro por lá.

Todos bebemos em homenagem a isso.

34

No momento em que atracamos, Grace já havia se juntado a nós. Continuava com o lenço enrolado ao redor da cabeça e seguia muda, mas bebia. Todos bebíamos. Todos bebíamos quando Wilbur desceu as escadas. Ele ficou ali parado a nos olhar.

– Já volto – ele disse.

Aquilo ocorreu à tarde. Esperamos e bebemos. As garotas começaram a discutir sobre como poderiam manipular Wilbur. Subi em um dos beliches e peguei no sono. Quando acordei, já anoitecia e havia esfriado.

– Onde está Wilbur? – perguntei.

– Ele não vai voltar – disse Jerry –, está louco.

– Claro que volta – disse Laura –, Grace está aqui.

– Estou cagando se ele volta ou não – disse Grace. – Temos comida e bebida suficientes para alimentar todo o Exército Egípcio por um mês.

Então ali estava eu, no maior iate do ancoradouro, com três mulheres. Porém, fazia muito frio. Parecia subir da água. Desci do beliche, tomei um trago e me arrastei de volta para a cama.

– Por Deus, está frio demais – disse Jerry. – Deixe eu subir aí pra me esquentar.

Ela se livrou dos sapatos e veio se deitar ao meu lado. Laura e Grace estavam bêbadas e discutiam sobre alguma coisa. Jerry era pequena e roliça, bastante roliça, um tipo aconchegante. Ela se colou em mim.

– Deus, está frio. Me abrace.

– Laura... – eu disse.

– Foda-se a Laura.

– Digo, ela pode ficar puta.

– Não vai ficar. Somos amigas. Veja.

Jerry sentou-se no beliche.

– Laura, Laura...

– Que foi?

– Olha só, estou tentando me aquecer, o.k.?

– O.k. – disse Laura.

Jerry se acomodou novamente sobre as cobertas.

– Viu só, ela disse que não tem problema.

– Tudo bem.

Coloquei minha mão na sua bunda e a beijei.

– Só não vão muito longe – disse Laura.

– Ele só está me abraçando – disse Jerry.

Meti minha mão debaixo de seu vestido e comecei a tirar sua calcinha. Era difícil. Quando ela se livrou da peça, eu já estava mais do que pronto. Sua língua entrava e saía da minha boca. Tentávamos parecer tranqüilos enquanto fazíamos de ladinho. Várias vezes meu pau escapou, mas Jerry voltava a metê-lo.

– Não vão muito longe – voltou a dizer Laura.

O pau saiu e Jerry o agarrou, apertando-o.

– Ela só está grudada em mim – eu disse a Laura.

Jerry deu um risinho e o colocou de volta. Ficou ali dentro. Eu estava mais e mais excitado.

– Sua puta – eu lhe sussurrei –, eu te amo.

Então gozei. Jerry desceu do beliche e foi até o banheiro. Grace estava preparando sanduíches de rosbife para a gente, salada de maionese, de tomate, café e torta de maçã. Estávamos todos famintos.

– Fiquei bem aquecida – disse Jerry. – Henry é uma chapa quente.

– Estou congelando – disse Grace. – Acho que vou tentar um pouco dessa chapa quente. Você se importa, Laura?

– Não. Só não vá muito longe.

– O que seria ir muito longe?

– Você sabe do que estou falando.

Depois de comermos, voltei ao beliche e Grace subiu comigo. Ela era a mais alta das três. Nunca tinha estado na cama com uma mulher tão alta. Beijei-a. Sua língua respondeu. Mulheres, pensei, mulheres são mágica. Que maravilhosas criaturas elas são! Meti minha mão debaixo do seu vestido e lhe puxei a calcinha. Foi uma longa descida.

– Que diabos você está fazendo? – ela sussurrou.

– Estou tirando a sua calcinha.

– Pra quê?

– Vou comer você.

– Laura é minha amiga. Sou mulher do Wilbur.

– Vou comer você.

– O que está fazendo?

– Estou tentando colocar pra dentro.

– Não!

– Caralho, me ajude.

– Ponha você mesmo.

– Me ajude.

– Ponha você mesmo. Laura é minha amiga.

– O que isso tem a ver?

– O quê?

– Esqueça.

– Escute, não estou pronta ainda.

– Aqui está meu dedo.

– Opa, devagar. Mostre um pouco de respeito por uma dama.

– Tudo bem, tudo bem. Assim está melhor?

– Está melhor. Mais pra cima. Aí. Bem aí! Isso...

– Sem sacanagem agora – disse Laura.

– Não tem sacanagem, só estou esquentando a sua amiga.

– Quando será que o Wilbur vai voltar? – disse Jerry.

– Estou cagando se ele não voltar – eu disse, enfiando meu pau na Grace. Ela gemeu. Foi bom. Metia bem devagar, calculando minhas estocadas. Não deixei deslizar para fora como tinha ocorrido com Jerry.

– Seu filho da puta nojento – disse Grace –, seu cretino, Laura é minha amiga.

– Estou comendo você – eu disse –, sente essa coisa entrando e saindo do seu corpo, entrando e saindo, entrando e saindo, entrando e saindo, flop, flop, flop.

– Não diz essas coisas. Você está me deixando excitada.

– Comendo todinha – eu disse –, comendo, comendo, comendo você com tudo, estamos trepando, trepando, trepando. Humm, é tão *sujo*, humm, é tão imundo, essa nossa foda fodida fodida fodida...

– Pare com isso, desgraçado.

– Está ficando ainda maior, sente?

– Sim, sim...

– Vou gozar. Jesus Cristo, vou gozar...

Gozei e tirei para fora.

– Você me estuprou, seu cretino, você me estuprou – ela disse num sussurro. – Terei que contar pra Laura.

– Vá em frente, conte tudo. Acha que ela vai acreditar?

Grace desceu do beliche e foi até o banheiro. Limpei-me no lençol, puxei minhas calças e saltei da cama.

– Vocês sabem jogar dados, garotas?

– O que precisa pra jogar?

– Eu tenho os dados. Vocês têm algum dinheiro? É preciso dados e dinheiro. Eu lhes mostro como. Tirem o dinheiro que têm e o ponham na frente de vocês. Não fiquem embaraçadas se não tiverem muita grana, eu também não tenho. Somos todos amigos, não somos?

– Sim – disse Jerry –, somos todos amigos.

– Sim – disse Laura –, somos todos amigos.

Grace saiu do banheiro.

– O que esse cretino está fazendo agora?

– Ele vai nos ensinar a jogar dados – disse Jerry.

– *Lançar os dados* é o termo. Vou lhes ensinar, garotas, a *lançar os dados*.

– Vai mesmo? – perguntou Grace.

– Claro, Grace, sente esse seu rabo alto aqui e eu vou lhe mostrar como funciona...

Uma hora depois, eu já havia me apoderado de quase todo o dinheiro. Foi quando Wilbur surgiu de repente, descendo a escada. Eis como Wilbur nos encontrou ao voltar – jogando dados e bebendo.

– *Não permito jogatina neste navio!* – ele gritou da base da escada. Grace se ergueu, cruzou a sala, colocou os braços ao redor do pescoço dele e enfiou a língua em sua boca, depois lhe agarrou as partes.

– Onde esteve meu Willie que deixou sua Grace sozinha e abandonada neste barco? Senti muito a sua falta, Willie.

Willie entrou na sala sorrindo. Sentou-se à mesa, e Grace pegou uma nova garrafa de uísque e a abriu. Wilbur serviu os drinques. Olhou-me:

– Tive que voltar e arrumar algumas notas da ópera. Você ainda escreverá o libreto?

– O libreto?

– Os versos.

– Para ser honesto, Wilbur, não estive pensando muito no assunto, mas, se você estiver falando realmente sério, começarei a trabalhar nele.

– Estou falando realmente sério.

– Começarei amanhã – eu disse.

Ato contínuo, Grace levou a mão para debaixo da mesa e abriu o zíper de Wilbur. Seria uma noite e tanto para todos nós.

35

Grace, Laura e eu estávamos sentando no bar The Green Smear, alguns dias mais tarde, quando Jerry entrou.

– Um *whiskey sour*[8] – ela ordenou ao atendente. Quando a bebida chegou, Jerry ficou apenas olhando para ela. – Escute, Grace, você não estava lá na noite passada. Eu estava lá com o Wilbur.

– Tudo bem, doçura, eu tinha que cuidar de uns negócios. Gosto de fazer um certo suspense com o velho.

– Grace, ele realmente passou dos limites, foi muito baixo. Henry não estava lá, Laura também não. Ele não tinha com quem falar. Tentei ajudar ele.

Laura e eu havíamos dormido na casa do atendente do bar, uma festa que atravessou a noite. Viemos de lá diretamente para o bar. Eu ainda não havia começado a trabalhar no libreto, e Wilbur estava na minha cola. Ele queria que eu lesse todos aqueles malditos livros. Há muito tempo que eu já tinha desistido de ler qualquer coisa.

– Ele começou a beber de verdade. Mergulhou na vodca. Começou a beber pura. Não parava de perguntar onde você estava, Grace.

– Pode ser que isso seja amor – disse Grace.

Jerry terminou seu coquetel e pediu outro.

– Não queria que ele bebesse muito – ela disse. – Então, quando ele apagou, eu peguei a garrafa de vodca, joguei uma parte fora e enchi o resto com água. Mas ele já tinha bebido horrores daquele negócio puro. Eu não parava de dizer pra ele ir deitar...

– Ah, é mesmo? – perguntou Grace.

– Eu ficava dizendo pra ele ir pra cama, mas não adiantava. Ele estava tão louco que tive que beber também. Seja o que for, fiquei sonolenta, o negócio me pegou e o deixei naquela cadeira com sua vodca.

– Você não colocou ele na cama? – perguntou Grace.

– Não. Pela manhã entrei na sala, e ele continuava sentado na cadeira, a vodca do lado. "Bom dia, Willie", eu disse. Nunca tinha visto olhos tão lindos. A janela estava aberta e os raios do sol os golpeavam em cheio.

– Eu sei – disse Grace. – Willie tem olhos lindos.

– Ele não me respondeu. Não consegui fazer ele falar. Fui até o telefone e liguei pro irmão dele, você sabe, o médico viciado em narcóticos. O irmão dele apareceu, deu uma olhada e fez uma ligação. Ficamos sentados até que dois caras apareceram, fecharam os olhos de Willie e lhe deram uma injeção. Depois ficamos por ali, conversando por um tempo, até que um dos caras olhou para o relógio e disse, "O.k.", e eles se levantaram e retiraram Willie da cadeira, estendendo ele sobre uma maca. Então levaram o corpo pra fora e isso foi tudo.

– Merda – disse Grace. – Estou fodida.

– Você se fodeu – disse Jerry –, eu ainda tenho os meus cinqüenta por mês.

– E esse seu rabo gordo – disse Grace.

– E meu rabo gordo – disse Jerry.

Laura e eu sabíamos que estávamos fodidos. Nem precisava dizer.

Ficamos sentados ali no bar, tentando pensar no próximo movimento.

– Será – disse Jerry – que não fui eu quem o matou?

– Matou? De que modo? – perguntei.

– Misturando água à vodca dele. Ele sempre a bebia pura. Pode ter sido a água que o matou.

– É bem provável – eu disse.

Então me dirigi ao atendente.

– Tony – eu disse –, poderia servir para a gordinha uma vodca com água?

Grace não achou aquilo muito engraçado.

Não vi isso acontecer, mas, pelo que soube posteriormente, Grace saiu do bar e foi até a casa do Wilbur e começou a bater na porta. Bateu e gritou e bateu, e o

irmão, o médico, veio até a porta, mas não a deixaria entrar, estava abalado com a perda e drogado e não a deixaria entrar, mas Grace não desistiria. O médico não a conhecia muito bem (talvez ele devesse tê-la conhecido, pois era uma ótima foda) e ele pegou o telefone e a polícia chegou, mas ela estava enlouquecida e violenta e foi preciso dois homens para algemá-la. Eles cometeram um erro, e as mãos dela ficaram presas pela frente e ela começou a golpeá-los para cima e para baixo com as algemas e fez um talho na face de um dos policiais, rasgando a bochecha por completo e expondo-lhe os dentes para quem o visse de lado. Mais policiais chegaram e levaram Grace, que não parava de gritar e dar coices. Depois disso, nenhum de nós voltou a vê-la ou a se ver.

36

Filas e mais filas de bicicletas silenciosas. Caixas cheias de peças para bicicleta. Filas e mais filas de bicicletas pendendo do teto: bicicletas verdes, bicicletas vermelhas, bicicletas roxas, bicicletas azuis, bicicletas para meninas, bicicletas para meninos, todas penduradas ali; aros brilhantes, as rodas, os pneus, as tintas, os assentos de couro, as luzes traseiras, os faroletes, os freios de mão; centenas de bicicletas, fila após fila.

Tínhamos uma hora para o almoço. Eu comia depressa, tendo estado desperto ao longo de toda a noite e alvorada, sentia-me cansado e todo dolorido. Havia conseguido encontrar um local escondido debaixo das bicicletas. Eu me arrastava até ali, debaixo de três fileiras de bicicletas imaculadamente arranjadas. Deitava-me ali de costas, e suspensas sobre mim, alinhadas com precisão, pendiam pneus, aros prateados e reluzentes, pinturas novas, tudo em perfeita ordem. Tudo era grandioso, correto, ordenado – 500 ou 600 bicicletas se estendendo sobre mim, cobrindo-me, tudo no seu devido lugar. De algum modo, aquilo tinha um profundo significado. Eu as olhava e sabia que tinha quarenta e cinco minutos de descanso sob aquela árvore de bicicletas.

Ao mesmo tempo, eu sabia, em outra parte da minha consciência, que, se alguma vez eu me deixasse cair no meio de todas aquelas bicicletas cintilantes, seria meu fim, que eu nunca poderia me salvar. Assim, eu ficava ali deitado de costas, deixando que as rodas e os aros e as cores de alguma forma me acalmassem.

Um homem de ressaca jamais deveria deitar de costas e olhar para o telhado de um galpão. As vigas de madeira, por fim, apoderam-se de você; e as clarabóias – você pode ver o gradeado para os pássaros sobre as clarabóias de vidro – que formam esse gradeado de certa maneira trazem à mente de um homem a imagem de uma prisão. Então há todo aquele peso sobre os olhos, o desejo desesperado por um gole apenas, e o som das pessoas se movendo, você as escuta, sabe que seu tempo está se esgotando, de alguma maneira você terá que se levantar e também entrar

nesse movimento, preenchendo ordens e empacotando pedidos...

37

Ela era a secretária do gerente. Seu nome era Carmen – mas, apesar do nome espanhol, ela era loira e usava vestidos colados de tricô, sapatos de salto agulha, meias de nylon, cinta-liga, trazia a boca muito pintada, porém, ah, ela sabia rebolar, sabia mexer, ondulava os quadris quando vinha com os pedidos até a mesa, voltava do mesmo modo para o escritório, a rapaziada de olho em cada movimento, em cada contração de sua bunda; oscilando, serpenteando, rebolando. Não sou um galanteador. Nunca fui. Para ser um galã, é preciso ter a lábia doce. Nunca fui bom em passar a lábia numa mulher. Mas, finalmente, com Carmen me pressionando, levei-a até um dos transportes de carga que descarregávamos nos fundos do galpão e a peguei de pé, atrás de um desses caminhões. Foi bom, foi quente; pensei no céu azul e em praias amplas e limpas, porém ao mesmo tempo foi triste – faltava, na certa, algum sentimento humano que eu desconhecia ou com o qual não sabia lidar. Eu tinha erguido aquele vestido de tricô acima de seus quadris e fiquei ali, a bombeá-la, apertando, por fim, minha boca contra seus lábios carregados de batom escarlate e gozei entre duas caixas lacradas com o ar cheio de cinzas e com ela pressionada contra um caminhão imundo e descascado na misericordiosa escuridão.

38

Todos nós trabalhávamos no estoque e no setor de envio. Todos nós preenchíamos e enviávamos nossos próprios pedidos. A gerência só existia para apontar os erros. E, como cada um de nós era responsável por todo o processo, do início ao fim, não havia como pôr a culpa em outro. Três ou quatro pedidos errados e você era demitido.

Vagabundos de rua e indolentes, todos nós que ali trabalhávamos tínhamos consciência de que nossos dias estavam contados. Então relaxávamos, esperando pelo momento em que nossa inépcia viria à tona. Nesse meio-tempo, vivíamos de acordo com o sistema, dávamos-lhes umas poucas horas honestas e bebíamos juntos durante a noite.

Éramos três. Eu. E um cara chamado Hector Gonzalves – alto, curvo, plácido. Ele tinha uma esposa adorável, uma mexicana que dividia com ele uma enorme cama na parte alta da Hill Street. Eu sabia disso porque saí com ele certa noite e nós bebemos cerveja e eu assustei a esposa do Hector. Hector e eu entramos na casa após uma ronda nos bares, e eu a puxei da cama e a beijei na frente do Hector. Percebi que eu podia dar uma surra nele. Só tinha que tomar cuidado com a faca.

Por fim, desculpei-me com os dois por ser tão cretino. Eu mal a podia culpar por não me aquecer e acabei por jamais retornar ali.

O terceiro era Alabama, um ladrãozinho de ocasião. Roubava espelhos retrovisores, parafusos e presilhas, chaves de fenda, lâmpadas, refletores, buzinas, baterias. Roubava calcinhas de mulher e lençóis dos varais, tapetes dos vãos de entrada. Ele ia ao supermercado e comprava um saco de batatas, mas no fundo escondia pedaços de carne, fatias de presunto, anchovas enlatadas. Chamava-se George Fellows. George tinha um hábito sórdido: bebia comigo e, quando eu estava quase sem defesas, lançava-se sobre mim. Ele queria a todo custo me dar uma surra, mas era um camarada magro e covarde até não mais poder. Eu sempre dava um jeito de me erguer o suficiente para lhe dar umas porradas no estômago e no lado da cabeça, o que sempre acabava por expulsá-lo, mas não sem que antes ele tivesse enchido os bolsos com alguns pequenos itens – meu lenço, um abridor de latas, um despertador, minha caneta, um frasco de pimenta ou talvez uma tesoura.

O gerente do depósito de bicicletas, sr. Hansen, tinha a face vermelha, sombria, a língua esverdeada por chupar Clorets para se livrar do bafo de uísque. Um dia ele me chamou até o escritório.

– Escute, Henry, esses dois rapazes são meio retardados, não?

– Eles são legais.

– Mas, bem, quer dizer, Hector especialmente... ele *é* retardado, de verdade. Oh, tudo bem, ele é *um cara legal*, mas você acha que ele é capaz de dar conta?

– Hector pode dar conta, senhor.

– Tem certeza?

– Claro.

– E aquele Alabam? Ele nunca olha você nos olhos. Provavelmente rouba umas seis dúzias de pedais por mês, não acha?

– Não, senhor, não acho. Nunca vi ele levar nada.

– Chinaski?

– Sim, senhor?

– Vou lhe dar um aumento de dez dólares por semana.

– Obrigado, senhor.

Apertamos as mãos. Foi quando percebi que ele e Alabam estavam em sociedade, dividindo os ganhos meio a meio.

39

Jan era uma excelente foda. Era mãe de duas filhas, mas trepava maravilhosamente bem. Havíamos nos conhecido num restaurante ao ar livre – eu gastava meus últimos cinqüenta centavos num hambúrguer gorduroso – e iniciamos uma conversa. Ela me pagou uma cerveja, deu-me seu telefone, e três dias mais

tarde eu me mudei para o seu apartamento.

Tinha uma buceta estreita e recebia cada golpe do meu pau como se estivesse sendo esfaqueada. Ela me lembrava uma pequena leitoa. Havia torpeza e hostilidade suficientes nela para me fazer sentir que a cada estocada eu lhe dava uma espécie de corretivo por seu gênio ruim. Ela havia removido um dos ovários e alegava que não podia mais engravidar; para quem tinha um ovário só, ela respondia generosamente.

Jan se parecia bastante com Laura – com a diferença de que ela era mais magra e mais bonita, cabelos loiros na altura dos ombros e olhos azuis. Ela era estranha; estava sempre com tesão pela manhã, apesar das ressacas. Eu não sentia esse tesão com as minhas. Eu era um homem noturno. Mas à noite ela estava sempre gritando e jogando coisas em mim: telefones, guias telefônicos, garrafas, copos (cheios e vazios), rádios, bolsas, violões, cinzeiros, dicionários, pulseiras de relógio arrebentadas, despertadores... Ela era uma mulher incomum. Mas uma coisa era certa: pela manhã, ela sempre queria trepar, e muito. E eu tinha meu emprego no depósito de bicicletas.

Olhando para o relógio, numa típica manhã, eu lhe dava a primeira, contendo o vômito, regurgitando um pouco, tentando esconder o fato; depois conseguia me esquentar, gozava, saía de cima.

– Bem, é isso – eu dizia –, vou chegar quinze minutos atrasado.

E ela então seguia para o banheiro, feliz como um passarinho, lavava-se, cagava, olhava para os pêlos debaixo do braço, olhava-se no espelho, preocupava-se mais em envelhecer do que com a morte, retornava e se metia debaixo das cobertas enquanto eu erguia minhas calças manchadas, pronto para me lançar no tráfego da Third Street, em direção a leste.

– Volte para a cama, papaizinho – ela dizia.

– Olhe, recém recebi um aumento de dez dólares.

– Não precisamos fazer nada. Apenas deite aqui do meu lado.

– Ah, merda, garota.

– Por favor! Cinco minutinhos.

– Oh, caralho.

E tinha que voltar. Ela arredaria os cobertores e me agarraria as bolas. Depois meu pênis.

– Oh, ele é *tão* bonitinho!

Eu ficaria pensando, “quando conseguirei sair daqui?”.

– Posso lhe perguntar uma coisa?

– Vá em frente.

– Você se importa se eu beijar ele?

– Não.

Eu escutava e sentia os beijos, então sentia as lambidas. Logo me esquecia por

completo do depósito de bicicletas. Depois eu a escutei rasgar um pedaço de jornal. Senti algo ser ajustado sobre a cabeça do meu pau.

– Veja – ela disse.

Eu me sentei. Jan havia confeccionado um pequeno chapéu de papel e o havia colocado sobre a ponta do meu pau. Sobre as abas havia uma pequena fita amarela. A coisa ficou bem elevada.

– Oh, ele não é uma *gracinha*? – ela me perguntou.

– *Ele*? Mas isso sou *eu*.

– Oh, não, isso não é você, isso é *ele*, você não tem nada a ver com isso.

– Não tenho?

– Não. Você se importa que eu beije ele de novo?

– Tudo bem, tudo bem. Vá em frente.

Jan retirou o chapéu e, segurando-o com uma das mãos, começou a beijar a pica onde o chapéu estivera. Seus olhos estavam cravados nos meus. A cabeça entrou na sua boca. Reclinei-me, condenado.

40

Cheguei ao depósito de bicicletas às dez e meia. Eu devia entrar às oito. Era a hora do intervalo da manhã, e a caminhonete do café estava do lado de fora. A equipe do depósito estava por ali. Aproximei-me e pedi um café, grande, e uma rosquinha com geléia. Falei com Carmen, a secretária do gerente, famosa pelo transporte de carga. Como de costume, Carmen usava um vestido de tricô muito justo, que se ajustava a seu corpo como um balão se ajusta ao ar que comprime, talvez ainda mais apertado. Ela trazia camadas e mais camadas de batom vermelho sobre os lábios e, quando falava, fazia questão de ficar o mais próxima possível, olhando-me nos olhos e dando risinhos, esfregando partes do seu corpo em mim. Carmen era tão agressiva que chegava a assustar, você não via a hora de se livrar daquela pressão. Como a maioria das mulheres, ela queria o que já não podia mais ter e, além disso, Jan extraía todo o meu esperma e tudo o mais. Carmen pensava que eu me fazia de difícil e de sofisticado. Recostei-me agarrado à minha rosquinha com geléia, e ela se encostou em mim. O intervalo terminou, e todos entramos. Veio-me à mente a imagem da calcinha de Carmen, levemente manchada de merda, enrolada sobre um de meus dedos quando fomos para cama no seu buraco na Main Street. O sr. Hansen, o gerente, estava parado do lado de fora do escritório:

– Chinaski – ele ladrou.

Conhecia aquela entonação: estava tudo acabado para mim.

Segui em sua direção e fiquei parado. Ele vestia um terno bege claro, de verão, recém-passado, uma gravata-borboleta (verde), camisa bege, com sapatos bicolores incrivelmente lustrados. De súbito, tornei-me consciente dos pregos nas solas dos

meus sapatos surrados, pressionando as solas de meus pés. Faltavam-me três botões na minha camisa suja. O zíper da minha calça não subia além da metade. A fivela do meu cinto estava quebrada.

– Sim? – perguntei.

– Terei que dispensá-lo.

– O.k.

– Você é um ótimo funcionário, mas terei que dispensá-lo.

Sentia-me embaraçado com a sua situação.

– Você tem aparecido para trabalhar às dez e meia por cinco ou seis dias seguidos. Como acha que os outros trabalhadores se sentem com isso? Eles cumprem oito horas.

– Está tudo bem. Relaxe.

– Escute, quando eu era mais novo, eu também era um cara durão. Costumava aparecer no trabalho com um olho roxo três ou quatro vezes por mês. Mas eu sempre ia trabalhar. Na hora certa. Subi na vida com meus próprios méritos.

Não respondi.

– O que há de errado? Como você não consegue chegar na hora certa?

Tive um palpite repentino de que poderia salvar meu emprego se lhe desse a resposta certa.

– Recém me casei. Você sabe como é. Estou em lua-de-mel. De manhã, quando começo a me vestir e vejo que o sol já entra pela persiana, ela me arrasta de volta pra cama pra dar uma última trepada.

Não funcionou.

– Vou pedir que lhe façam o seu cheque de indenização.

Hansen seguiu para o seu escritório. Ele entrou, e eu o ouvi dizer algo a Carmen. Tive outra súbita inspiração e bati os dedos contra uma das vidraças. Hansen me olhou, aproximou-se e correu um dos vidros.

– Escute – eu disse –, nunca tive nada com Carmen. De verdade. Ela é legal, mas não faz meu tipo. Faça meu cheque com o valor da semana inteira.

Hansen se voltou para o escritório.

– Faça um cheque com o valor da semana inteira.

Era apenas terça-feira. Não esperava que funcionasse – porém, naquele momento, ele dividia o lucro de 20 mil pedais meio a meio com Alabam. Carmen veio em minha direção e me estendeu um cheque. Ficou ali plantada, dando-me um sorriso indiferente, enquanto Hansen ligava para a Secretaria de Emprego do Estado.

41

Ainda possuía meu carro de trinta e cinco dólares. Os cavalos estavam com

tudo. Nós estávamos com tudo. Jan e eu não sabíamos nada sobre cavalos, mas confiávamos na sorte. Naquela época, eles programavam oito páreos em vez de nove. Tínhamos uma fórmula mágica – chamava-se "Harmatz na oito". Willie Harmatz era melhor do que a média dos jóqueis, porém enfrentava problemas com a balança, como agora ocorre com Howard Grant[9]. Examinando os prospectos, notamos que Harmatz normalmente chegava em primeiro no último páreo, o que pagava o melhor prêmio.

Não era todo dia que íamos lá. Em algumas manhãs, estávamos mareados demais por causa da bebida para sairmos da cama. Então levantávamos no início da tarde, parávamos numa loja de bebidas, depois íamos para algum bar, passávamos uma ou duas horas ali, escutando a *jukebox*, olhando os bêbados, fumando, escutando as risadas dos mortos – era um bom jeito de se levar a vida.

Tínhamos sorte. Era como se fôssemos ao hipódromo apenas nos dias certos.

– Veja lá – eu diria a Jan –, ele não vai conseguir outra vez... isso é impossível.

E então viria Willie Harmatz, com a velha corrida de estirão, vencendo no último momento, rasgando a melancolia e a bebedeira, o bom e velho Willie que nos pagaria 16 por 1, 8 por 1, 9 por 2. Willie continuava a nos salvar quando todo o resto do mundo, havia muito, tornara-se indiferente à nossa sorte.

A lata velha de trinta e cinco dólares geralmente dava a partida, esse não era o problema: difícil era conseguir acender os faróis. Estava sempre muito escuro após o oitavo páreo. Jan normalmente insistia em levar uma garrafa de porto em sua bolsa. Então ficávamos bebendo cerveja no hipódromo e – se as coisas tivessem corrido bem – bebíamos no bar do hipódromo, na maior parte das vezes scotch com água. Eu já tinha uma multa por dirigir embriagado e agora conduzia um carro sem faróis na escuridão total, sem ter a mais vaga idéia de onde estava.

– Não se preocupe, baby – eu disse. – No próximo objeto sólido em que toparmos, as luzes se acenderão.

Tínhamos a vantagem de que as molas estavam todas estouradas.

– Olha o solavanco! Segure seu chapéu!

– Não tenho um chapéu!

Passei pelo buraco.

PLOC! PLOC! PLOC!

Jan balançou para cima para baixo, tentando segurar sua garrafa de porto. Agarrei-me ao volante e mirei numa pequena faixa de luz mais à frente na estrada. Quando topava em algum dos desníveis, esperava que as luzes ligassem. Às vezes mais cedo, às vezes mais tarde, os faróis acabavam acendendo.

42

Vivíamos no quarto andar de uma casa de apartamentos; tínhamos duas peças

no fundo. O prédio ficava junto a um desfiladeiro alto; assim, quando se olhava pela janela dos fundos, parecia que você estava no décimo segundo andar, e não no quarto. Aquilo se assemelhava muito a viver nos confins do mundo – um último abrigo antes da queda final.

Enquanto isso, nossa onda de sorte terminou, como todas as ondas de sorte um dia terminam. Havia muito pouco dinheiro, e bebíamos vinho. Porto e moscatel. Tínhamos sobre o chão da cozinha garrafões de vinho enfileirados, seis ou sete deles, secundados por outra fileira de cinco ou seis garrafas, que por sua vez tinham à frente três ou quatro garrafinhas.

– Dia desses – eu disse a Jan –, quando eles demonstrarem que o mundo tem quatro dimensões em vez de três, um homem poderá sair para uma caminhada e desaparecer. Nada de enterro, nem lágrimas, nem ilusões, nem paraíso ou inferno. As pessoas estarão sentadas numa roda e dirão: "O que aconteceu ao George?". E alguém responderá: "Bem, sabe lá. Ele disse que ia comprar cigarros".

– Escute – disse Jan –, que horas são? Quero saber as horas.

– Bem, vejamos, a gente acertou o relógio pelo da rádio ontem à meia-noite. Sabemos que ele se adianta 35 minutos a cada hora. Diz sete e meia agora, mas sabemos que está errado porque ainda não escureceu. Muito bem. São sete e meia. 7 vezes 35 minutos, isso dá 245 minutos. Metade de 35 é 17 e meio. Na soma temos 252 minutos e meio. Bem, isso são 4 horas e 42 minutos e meio de diferença, então ajustamos o relógio para 17h47. São 17h47. Está na hora da janta e não temos nada pra comer.

Nosso relógio havia caído e se quebrado, mas eu o tinha arrumado. Tirei a parte de trás e descobri que havia alguma coisa errada com a mola principal e com a corda. O único jeito que eu tinha de fazer o relógio funcionar era encurtando e apertando a mola principal. Isso acabou por afetar a velocidade dos ponteiros; dava quase para ver o ponteiro dos minutos se movendo.

– Vamos abrir outro garrafão de vinho – disse Jan.

Nada mais nos restava senão beber vinho e fazer amor.

Tínhamos comido tudo o que havia para comer. À noite, saíamos para caminhar e roubar cigarros dos painéis e porta-luvas dos automóveis estacionados.

– Faço umas panquecas? – perguntou Jan.

– Não sei se consigo suportar mais uma delas.

Estávamos sem manteiga e banha, de modo que Jan fritava as panquecas a seco. E não era uma massa com todos os ingredientes – era farinha misturada com água. Elas ficavam quebradiças, realmente quebradiças.

– Que tipo de homem eu sou? – perguntei-me em voz alta. – Meu pai me disse que eu ia terminar desse jeito! Certamente posso sair e me virar, não? Estou *saindo* em busca de alguma coisa... Mas, primeiro, um bom gole.

Enchi um copo grande com vinho do porto. Tinha um gosto vil e você não

podia se concentrar no que estava bebendo sob o risco de não conseguir virar o negócio. Então eu sempre colocava outro filme para passar no meu cinema imaginário. Pensava num velho castelo na Escócia coberto de musgos – pontes elevadiças, água cristalina, árvores, um céu azul, cúmulos-nimbos. Ou então pensava em uma mulher muito sexy descendo suas meias de seda bem devagar, sem nenhuma pressa. Dessa vez, o filme em cartaz era o das meias de seda.

Sequei o copo.

– Estou indo. Até logo, Jan.

– Até logo, Henry.

Cruzei o corredor, desci os quatro lances de escada de modo muito silencioso, passei pelo apartamento do gerente (estávamos com o aluguel vencido), e ganhei a rua. Desci a colina. Estava na esquina da Sixth Street com a Union. Atravessei a Sexta e segui na direção leste. Havia um pequeno mercado por ali. Passei o mercado, dei meia-volta e tornei a me aproximar. A banca com as verduras estava bem na frente. Havia tomates, pepinos, laranjas, abacaxis e *grapefruits* expostos. Fiquei de olho neles. Depois olhei para dentro da loja, um velho com um avental. Ele falava com uma mulher. Peguei um pepino, enfiei-o no bolso e me afastei. Quando já estava há uns cinco metros do lugar, ouvi:

– Ei, senhor! SENHOR! Ou você devolve esse PEPINO, ou chamarei a POLÍCIA! Se não quer ir pra CADEIA, devolva já ESSE PEPINO!

Dei meia-volta e fiz a longa caminhada em sua direção. Havia três ou quatro pessoas olhando. Puxei o pepino do bolso e o devolvi à banca. Então caminhei na direção oeste. Segui pela Union Street, subindo o lado oeste da colina, depois os quatro lances de escada e abri a porta. Jan olhava para a sua bebida.

– Sou um fracasso – eu disse. – Não consigo nem roubar um pepino.

– Está tudo bem.

– Prepare as panquecas.

Fui até o garrafão e me servi de um trago.

... Eu cruzava o Saara no lombo de um camelo. Tinha um nariz largo, que de certa maneira se assemelhava ao bico de uma águia, mas ainda assim eu era muito bonito, sim, em mantas brancas com listras verdes. E eu era corajoso, já matara mais de um homem. Tinha uma enorme espada curva presa à cintura. Seguia em direção à tenda onde uma garota de catorze anos, abençoada com grande sabedoria e um hímen intacto, esperava ansiosa estendida sobre um tapete oriental...

A bebida desceu; o veneno fez meu corpo tremer; pude sentir o cheiro da farinha com água queimando. Servi um drinque para Jan e outro para mim.

A certa altura, no meio de uma de nossas noites infernais, a Segunda Guerra Mundial terminou. A guerra sempre havia sido para mim, na melhor das hipóteses, uma realidade vaga, mas agora estava encerrada. E os trabalhos que sempre haviam

sido conseguidos com grande dificuldade tornaram-se ainda mais difíceis. Levantava a cada manhã e me dirigia a todas as agências públicas de emprego, começando pelo Mercado de Trabalhadores Rurais. Levantava com grande esforço às quatro e meia da manhã, de ressaca, e normalmente voltava depois do meio-dia. Eu seguia de agência em agência, numa busca sem fim. De vez em quando, conseguia um trabalho ocasional de uma jornada, descarregando algum caminhão, mas isso só começou a ocorrer depois que recorri a uma agência privada que ficava com um terço dos meus vencimentos. Conseqüentemente, havia muito pouca grana, e nosso aluguel ia ficando cada vez mais atrasado. No entanto, mantínhamos com bravura as garrafas de vinho alinhadas, fazíamos amor, brigávamos e esperávamos.

Quando sobrava alguma grana, íamos até o Grande Mercado Central para conseguir guisado de carne barato, cenouras, batatas, cebolas e aipo. Colocávamos tudo numa enorme panela e sentávamos para conversar, sabendo que logo haveria comida, cheirando-a – as cebolas, os vegetais, a carne –, escutando a fervura. Fechávamos cigarros e íamos juntos para a cama e levantávamos e cantávamos canções. Algumas vezes, o gerente aparecia e nos mandava calar, lembrando-nos de que o aluguel estava *atrasado*. Os inquilinos nunca reclamavam de nossas brigas, mas não gostavam de nossas cantorias: *I got plenty of nothing; Old man river; Buttons and bows; Tumbling along with the tumbling tumbleweeds; God bless America; Deutschland über alles; Bonaparte's retreat; I get the blues when it rains; Keep your sunny side up; No more money in the bank; Who's afraid of big bad wolf; When the deep purple falls; A tiskit a tasket; I married an angel; Poor little lambs gone astray; I want a gal just like the gal who married dear old dad; How the hell ya gonna keep them down on the farm; If I'd know you were coming I'd a baked a cake...* [10]

43

Sentia-me muito mal para me levantar às 4h30 – ou, de acordo com nosso relógio, às 7h27 e 30 segundos. Apaguei o despertador e voltei para a cama. Algumas horas mais tarde, houve um grande estrondo no corredor.

– Mas que diabos é isso? – perguntou Jan.

Levantei-me. Vesti minhas cuecas. Estavam manchadas: limpávamo-nos com folhas de jornal que dobrávamos e amaciávamos com nossas próprias mãos – e com freqüência não conseguia me limpar perfeitamente. Além disso, as cuecas estavam rasgadas e tinham furos de cigarro onde caíam as cinzas quentes sobre meu colo.

Fui até a porta e a abri. Havia uma fumaça espessa no corredor. Bombeiros com enormes capacetes de metal com números gravados. Bombeiros arrastando

longas mangueiras. Bombeiros vestidos com amianto. Bombeiros com machados. O barulho e a confusão eram inacreditáveis. Fechei a porta.

– O que está acontecendo?

– É o corpo de bombeiros.

– Ah – ela disse.

Puxou as cobertas sobre a cabeça e rolou para o lado. Deitei-me ao seu lado e dormi.

44

Finalmente fui contratado por um atacado de autopeças. Ficava na Flower Street, nas imediações da Eleventh Street. Vendiam peças em promoção na frente e todo tipo de peças para distribuidores e lojas. Tive que me humilhar para conseguir o trabalho – disse a eles que gostava de pensar no meu emprego como uma segunda casa. Isso os agradou.

Trabalhava como balconista. Também percorria meia dúzia de lugares na vizinhança e apanhava peças. Era uma oportunidade de dar uma circulada.

Certo dia, durante meu horário de almoço, percebi que um rapaz, um chicano, olhava para os prognósticos diários do turfe com grande inteligência e intensidade.

– Você aposta nos cavalinhos? – perguntei.

– Claro.

– Posso dar uma olhada no seu jornal?

Olhei as entradas. Devolvi-lhe o jornal.

– My Boy Bobby deve ganhar no oitavo páreo.

– Eu sei. E eles nem o colocam entre os favoritos.

– Melhor ainda.

– O que acha que ele pagará?

– Perto de 9 por 2.

– Gostaria de fazer uma fezinha.

– Eu também.

– A que horas é a última corrida em Hollywood Park? – perguntou.

– Às cinco e meia.

– Saímos daqui às cinco.

– Podemos tentar. My Boy Bobby vai ganhar.

– Para nossa sorte.

– Quer me acompanhar?

– Claro.

– Fique atento ao relógio. Às cinco em ponto, partimos.

Faltando cinco minutos para as cinco, nós dois trabalhávamos o mais próximo possível da saída. Meu amigo, Manny, olhou para o seu relógio.

– Vamos roubar dois minutos. Quando eu começar a correr, me siga.

Manny ficou ali, colocando caixas com peças na última estante. Subitamente ele disparou. Eu estava logo atrás dele, e escapamos pela porta dos fundos na velocidade de um raio, descendo desabalados pela rua. Ele era um bom corredor. Mais tarde, descobri que ele havia sido campeão citadino dos 400 metros na época do colégio. Rua abaixo, eu o segui, todo o tempo, cerca de um metro atrás. Seu carro estava estacionado junto à esquina. Ele abriu a porta, entramos e partimos.

– Manny, nunca vamos conseguir.

– Vamos sim. Sei manejar esse negócio aqui.

– Devemos estar a uns quinze quilômetros do lugar. Temos que chegar lá, estacionar, sair do carro, ir até o guichê.

– Sei manejar esse negócio aqui. Vamos conseguir.

– Não podemos parar nos sinais vermelhos.

Manny tinha um carro relativamente novo e sabia como trocar de pista.

– Já apostei em todos os hipódromos deste país.

– Em Caliente também?

– Sim, Caliente. Os filhos da puta ficam com vinte e cinco por cento.

– Eu sei.

– É pior na Alemanha. Lá eles ficam com cinqüenta por cento.

– E ainda tem gente que aposta?

– Segue havendo gente que aposta. Os idiotas pensam que tudo o que se tem a fazer é escolher o vencedor.

– Aqui os caras levam dezesseis por cento, já é dureza demais.

– Dureza pura. Mas um bom apostador pode superar tudo.

– Sim.

– Merda, um sinal fechado!

– Caralho. Fure.

– Vou pegar a direita.

Manny mudou abruptamente de faixas e cruzou o semáforo.

– Fique de olho nas viaturas da polícia – continuou.

– Certo.

Manny realmente sabia manejar aquele carro. Se ele apostasse nos cavalos com a mesma destreza com que dirigia, certamente era um vencedor.

– Você é a casado, Manny?

– Sem chance.

– Mulheres?

– Às vezes. Mas nunca dura.

– Qual é o problema?

– Uma mulher é um emprego de turno integral. É preciso escolher sua profissão.

– Acredito que há um esgotamento emocional.

– E físico também. Elas querem trepar dia e noite.

– Consiga uma que você goste de comer.

– Sim, mas se você bebe ou joga elas pensam que isso deprecia o amor que elas sentem por você.

– Arrume uma que goste de beber, jogar e foder.

– Quem quer uma mulher assim?

Então chegamos ao estacionamento. Depois da sétima corrida, não cobravam mais ingresso, nem para o carro, nem para a pista. Não ter um programa ou um prognóstico, porém, era um problema. Se houvesse alguma troca na ordem, não se poderia saber qual era o número do seu cavalo.

Manny trancou o carro. Começamos a correr. Manny abriu rapidamente uma boa distância de mim no estacionamento. Cruzamos um portão aberto e descemos por um túnel. Manny manteve sua folga ao longo do túnel, que em Hollywood Park é bastante longo. Chegando propriamente à pista, consegui reduzir um pouco nossa distância. Já conseguia ver os cavalos do portão. Disparamos em direção ao guichê das apostas.

– My Boy Bobby... qual é o número dele? – gritei para um perneta na passagem. Antes que ele pudesse responder, já não podia ouvi-lo. Manny correu para o guichê de cinco dólares. Quando consegui chegar ali, ele já estava com seu bilhete.

– Qual é o número dele?

– Oito! É o número 8!

Tirei minha nota de cinco e comprei o bilhete no exato momento em que soou a campainha, dando por encerradas as apostas e liberando o portão dos cavalos.

Bobby pagaria ainda mais do que a cotação da manhã caso vencesse. O cavalo 3 era o favorito, pagando 6 para 5. Era um prêmio de US$ 8 mil, uma corrida de 1.800 metros. Ao completarem a primeira volta, o favorito levava a vantagem de uma cabeça e Bobby seguia logo atrás, como se fosse um carrasco. Galopava relaxado e tranqüilo.

– Devíamos ter apostado dez dólares – eu disse. – Estamos no páreo.

– Sim, apostamos no vencedor. A não ser que algum cavalo desgraçado dispare do pelotão.

Bobby se manteve ao lado do favorito até que chegaram à última curva e, então, fez seu movimento antes do que eu esperava. Era um truque que os jóqueis usavam de vez em quando. Bobby se adiantou ao favorito, seguiu junto à vala e se lançou no pique final antes do momento. Levava em relação aos outros três corpos e meio de vantagem. Então emergiu do pelotão o cavalo que tínhamos que bater, o 4, que pagava 9 para 1, mas mesmo assim ele se aproximava. Mas Bobby seguia à frente. Ganhou com dois corpos e meio de vantagem e pagou US$ 10,40.

45

No dia seguinte, no trabalho, fomos perguntados sobre nossa saída repentina. Admitimos que partíramos em busca da última rodada do hipódromo e que faríamos o mesmo nesta tarde. Manny tinha escolhido seu cavalo e eu o meu. Alguns dos caras perguntaram se poderíamos fazer umas apostas por eles. Eu disse que não sabia. Ao meio-dia, Manny e eu fomos a um bar almoçar.

– Hank, faremos as apostas deles.

– Esses caras não têm um tostão furado, tudo o que levam nos bolsos são uns trocados que as esposas lhes dão para os cafés e chicles, não temos tempo a perder no guichê de dois dólares.

– Não apostaremos o dinheiro deles, ficamos com a grana.

– E se eles vencerem?

– Não tem como. Sempre escolhem os cavalos errados. Eles têm um faro para apostar nos perdedores.

– Mas suponha que eles apostem no mesmo cavalo que a gente?

– Então, saberemos que escolhemos o cavalo errado.

– Manny, o que você faz trabalhando numa loja de autopeças?

– Descanso. Minha ambição é consumida pela preguiça.

Tomamos outra cerveja e voltamos ao serviço.

46

Corremos através do túnel no momento em que os cavalos já eram alinhados. Queríamos apostar em Happy Needles. Receberíamos apenas 9 para 5, e percebi que não poderíamos ganhar dois dias seguidos, então apostei apenas US$ 5. Manny foi de US$ 10. Happy Needles ganhou por um pescoço, vindo por fora na reta final. Ganhamos a aposta e ainda ficamos com os US$ 32 dos maus palpites, cortesia dos rapazes da loja.

A notícia circulou, e os rapazes de outros estabelecimentos, aos quais eu ia em busca de peças, faziam suas apostas comigo. Manny estava certo, pois raramente alguma delas pagava. Eles não sabiam apostar; ou jogavam muito pouco dinheiro ou demais, sempre em posições intermediárias que pagavam mal. Comprei um bom par de sapatos, um novo cinto e duas camisas caras. O dono da loja de autopeças já não parecia tão poderoso. Manny e eu demorávamos um pouco mais no almoço e voltávamos fumando charutos de qualidade. Continuava sendo, contudo, uma dificuldade chegar todas as tardes a tempo do último páreo. O pessoal das arquibancadas se acostumou a ver nossa corrida pelo túnel, esperando por ela a cada tarde. Eles nos acenavam e balançavam seus prognósticos, e os aplausos pareciam crescer à medida que passávamos em direção aos guichês de aposta.

47

O novo estilo de vida não caiu bem para Jan. Ela estava habituada a ter quatro trepadas por dia e também a me ver andar pobre e humilde. Depois de um dia na loja, das loucuras para chegar de carro até lá e finalmente da corrida do estacionamento à pista, não me restava muito amor a dar. Ao anoitecer, quando eu chegava, ela já ia alta no vinho.

– Sr. Apostador – ela dizia à minha entrada. Estava toda vestida: saltos, meias de nylon, as pernas cruzadas bem altas, balançando um dos pés. – O sr. Grande Apostador. Você sabe, quando o conheci, gostava do jeito como você atravessava uma sala. Não era apenas um cruzar de sala, você caminhava como se pudesse cruzar uma parede, como se fosse dono da situação, como se nada mais importasse. Agora que você arrumou uns trocados, mudou completamente. Você se comporta como um dentista qualquer, como um encanador.

– Não me venha com essa merda sobre encanadores, Jan.

– Você não faz amor comigo há duas semanas.

– O amor assume muitas formas. A minha tem sido mais sutil.

– Você não me come há duas semanas.

– Tenha paciência. Em seis meses estaremos de férias em Roma, em Paris.

– Olhe pra você! Servindo-se desse bom uísque e me deixando aqui sentada, condenada a beber esse vinho barato que mais parece gasolina.

Deixei-me cair sobre uma cadeira, relaxado, rodando os gelos no meu copo de uísque. Eu vestia uma camisa cara, amarela, muito chamativa, e uma calça nova, verde com listras brancas.

– O sr. Maior Apostador de Todos os Tempos!

– Eu lhe dou alma. E sabedoria e luz e música e algumas risadas. Além disso, sou o maior apostador de cavalos do mundo.

– Você é merda de cavalo!

– Não, apostador de cavalos.

Terminei meu uísque, levantei-me e me servi de uma nova dose.

48

As discussões eram sempre iguais. Eu entendia a questão perfeitamente – os grandes amantes eram sempre homens desocupados. Eu trepava melhor sendo um vagabundo do que tendo que bater ponto.

Jan iniciou seu contra-ataque, que era discutir comigo, deixar-me furioso e usar isso como desculpa para sair, percorrer os bares. Tudo o que ela precisava fazer era sentar-se sozinha ao balcão que as bebidas e outras ofertas seriam conseqüência. Naturalmente, eu considerava aquilo injusto da parte dela.

Boa parte das noites acabou caindo em um padrão. Ela discutia, pegava sua bolsa e saía porta afora. Era efetivo; havíamos vivido juntos e nos amado por muito tempo. Era normal que aquilo me afetasse, e afetava de fato. Mas eu sempre a deixava ir e me sentava impotente na cadeira e bebia meu uísque e ouvia um pouco de música clássica no rádio. Eu sabia que ela estava lá fora e sabia que havia mais alguém na jogada. Não podia fazer nada para evitá-lo, era preciso deixar que os eventos tomassem seu próprio rumo.

Nesta noite em particular, eu estava ali sentado quando alguma coisa se quebrou dentro de mim, pude senti-la se partir, e então algo se agitou e se ergueu dentro de mim, fazendo-me levantar e descer os quatro lances de escada e chegar à rua. Segui pela Third Street e pela Union até a Sixth Street, depois segui na direção oeste até a Alvarado. Fui cruzando as fachadas dos bares, sabia que ela estava em algum deles. Tive um palpite, entrei, e lá estava Jan, sentada bem no fundo do salão. Trazia um lenço de seda, branco e verde, atravessado sobre o colo. Sentava-se entre um homem magro, com uma enorme verruga no nariz, e outro que era um pequeno amontoado de carne, com óculos bifocais e um velho terno preto.

Jan me viu chegar. Ergueu a cabeça e, mesmo na escuridão do bar, eu a vi empalidecer. Caminhei até lá por detrás dela, plantado-me junto ao seu banco.

– Tentei fazer de você uma mulher, mas você jamais deixará de ser uma puta desgraçada!

Dei-lhe uma bofetada com o dorso da mão que a derrubou do banco. Ela caiu estatelada no chão e começou a gritar. Peguei seu drinque e tomei. Então fui me dirigindo lentamente para a saída. Ao chegar lá, dei meia-volta.

– Bem, se há alguém aqui... que não *aprova* o que acabei de fazer... se manifeste.

Não houve resposta. Creio que todos aprovaram meu ato. Retornei à Alvarado Street.

49

Na loja de autopeças, eu trabalhava cada vez menos. Quando o sr. Mantz, o dono, aproximava-se, ou eu estava agachado em um canto escuro, ou em um dos corredores, colocando, com toda a preguiça do mundo, as novas peças nas prateleiras.

– Chinaski, você está bem?

– Sim.

– Não está doente?

– Não.

Então Mantz se afastava. Essa cena se repetia ao infinito com pequenas variações. Uma vez ele me pegou fazendo um esboço da ruela de trás da loja no verso de uma nota fiscal. Meus bolsos estavam cheios com o dinheiro das apostas.

As ressacas já não incomodavam tanto, uma vez que eram fruto do melhor uísque que o dinheiro podia comprar.

Segui ali por mais duas semanas recebendo os contracheques. Então, na manhã de uma quarta-feira, Mantz parou no centro de um corredor próximo ao seu escritório. Ele fez um sinal com a mão para que eu me aproximasse. Ao entrar em seu escritório, Mantz foi se sentar do outro lado da mesa.

– Sente-se, Chinaski.

No centro da mesa havia um cheque, a face voltada para baixo. Puxei o cheque sem virá-lo ao longo do tampo de vidro e, sem olhar o valor, guardei-o na minha carteira.

– Você sabia que iríamos demiti-lo?

– Chefes nunca são um mistério.

– Chinaski, você sabe que vem fazendo corpo mole há mais de um mês.

– Um cara dá o melhor de si e é isso que recebe em troca.

– Você está longe de dar o melhor de si, Chinaski.

Olhei para os meus sapatos por um tempo. Não sabia o que dizer. Então o encarei.

– Eu lhe dei meu *tempo*. É tudo o que tenho pra oferecer, é tudo o que um homem tem a oferecer. E pelo quê? Para ganhar um dolarzinho chorado e quinze centavos por hora.

– Lembre-se que você implorou por esse emprego. Você disse que essa aqui era a sua segunda casa.

– ...meu tempo para que você possa viver na sua mansão lá no alto do morro e o pacote completo que vem com isso. Se alguém perdeu alguma coisa nesse negócio, nesse acordo... esse alguém foi eu. Está entendendo?

– Tudo bem, Chinaski.

– Tudo bem?

– Sim. Apenas vá embora.

Levantei-me. Mantz vestia um terno marrom bastante tradicional, camisa branca, uma gravata vermelho-escura. Tentei encerrar o episódio com frases de efeito.

– Mantz, quero meu seguro-desemprego. Não quero ter problemas com isso. Os da sua laia estão sempre tentando enganar um trabalhador quanto aos seus direitos. Assim, não me cause problemas ou virei aqui buscá-lo.

– Você receberá o seu seguro. Agora suma daqui!

Foi o que fiz.

50

Eu tinha o dinheiro das minhas vitórias e o das apostas do pessoal. Assim,

apenas fiquei de pernas para o ar, e Jan gostou disso. Depois de duas semanas, caí no seguro-desemprego e aí relaxamos e fodemos e fizemos a ronda nos bares e toda semana eu me dirigia ao Departamento de Emprego do Estado da Califórnia e entrava na fila e pegava meu pequeno e delicioso cheque. Só tinha que responder a três questões:

– Está capacitado para o trabalho?

– Deseja encontrar um emprego?

– Aceitará uma oferta de serviço?

– Sim! Sim! Sim! – eu sempre respondia.

Era preciso também preencher uma lista com o nome de três empresas em que eu tinha ido procurar emprego na semana passada. Escolhia-as no guia telefônico e anotava seus endereços. Nunca deixava de me surpreender com os requerentes que vinham pedir o seguro e respondiam com "não" a uma das três questões. Seus cheques eram imediatamente retidos e eles eram convidados a seguir até uma outra sala onde conselheiros especialmente treinados os ajudariam a retornar à condição de mendigos.

Contudo, apesar do seguro-desemprego e dos fundos dos cavalinhos, minha conta começou a minguar. Tanto eu como Jan éramos totalmente irresponsáveis quando começávamos a beber de verdade, e as encrencas em que nos metíamos vinham aos lotes. Eu sempre tinha que ir até a cadeia de Lincoln Heights pagar a fiança de Jan. Ela surgia do elevador conduzida por matronas lésbicas, quase sempre com um olho roxo ou a boca estourada, muitas vezes com chatos, cortesia de algum maníaco que ela conhecera em um bar qualquer. Então havia o dinheiro da fiança e os custos jurídicos, além de uma ordem do juiz para que ela freqüentasse o A.A. por um período de seis meses. Para completar, eu também contribuía com minha dose de sentenças suspensas e fianças pesadas. Jan dava um jeito de me tirar da prisão, livrando-me de acusações que iam de tentativas de estupro e assalto a atentado gravíssimo ao pudor. Perturbação da ordem pública era uma de minhas favoritas também. A maior parte das acusações não envolvia diretamente o encarceramento – desde que as fianças fossem pagas. Mas era uma fonte constante e considerável de despesa. Lembro de uma noite em que nossa carroça enguiçou junto à saída do Park MacArthur. Olhei pelo retrovisor e disse:

– Ok, Jan, estamos com sorte. Vão bater na gente. Aí vem um carro. Há algumas almas generosas neste mundo horrível.

E olhei novamente:

– Segure sua BUNDA, Jan, ele vai BATER na gente!

O filho da puta nem chegou a diminuir e nos acertou em cheio na traseira, com tanta força que o banco dianteiro quebrou e fomos lançados contra o pára-brisa. Desci e perguntei se o cara tinha aprendido a dirigir na China. Também o ameacei de morte. A polícia chegou e me perguntou se eu me importava em dar uma

bafejada no bafômetro.

– Não faça isso – disse Jan.

Não quis, porém, dar ouvidos a ela. De algum modo, eu tinha a idéia de que, pelo fato do cara estar errado ao bater na gente, não importava que eu estivesse bêbado. A última coisa de que me lembro é de entrar no camburão e olhar a Jan plantada ao lado de nosso carro destruído e com o assento quebrado. Incidentes como este – e eles se repetiam em uma longa série – custavam-nos uma bela grana. Aos poucos, nossas vidas começaram a ruir.

51

Jan e eu em Los Alamitos. Era sábado. Os páreos de um quarto de milha eram novidade então. Vencer ou perder era uma questão de dezoito segundos. Naquele tempo, as arquibancadas não eram mais do que ripas enfileiradas sem verniz. A multidão já começava a ocupar os lugares quando chegamos. Assim, abríamos folhas de jornais e as estendíamos sobre nossos lugares para marcar que estavam ocupados. Então, seguíamos para o bar para estudar os prospectos...

Por volta do quarto páreo, já tínhamos faturado US$ 18, fora as despesas. Fizemos as apostas para o páreo seguinte e retornamos aos nossos lugares. Um baixinho de cabelos grisalhos tinha se sentado bem no centro de nossos jornais.

– Senhor, esses lugares são nossos.

– Não há lugares marcados.

– Sei que não há, mas é uma questão de mera cortesia. Veja só... algumas pessoas chegam cedo aqui, pessoas pobres, como o senhor e eu, que não têm condições de pagar por lugares marcados, e elas esticam uma folha de jornal para indicar que os lugares estão ocupados. É como um código, entende, um código de cortesia... porque, se os pobres não se respeitarem entre si, não o serão por mais ninguém.

– Esses lugares NÃO são marcados.

Espalhou-se ainda mais um pouco sobre o jornal que havíamos deixado ali.

– Jan, sente-se. Ficarei de pé.

Jan tentou se sentar.

– Chegue um pouco para lá ao menos – eu disse. – Se o senhor não pode ser um cavalheiro, pelo menos não seja um porco.

Ele se moveu um pouquinho. Meu cavalo, que estava pagando 7 por 2, saía pela raia mais externa. Embolou-se na largada e teve que se recuperar ao longo do percurso. Aproximou-se do líder, o favorito a 6 por 5, no último segundo, forçando a decisão pela fotografia. Esperei, torcendo. Subiram uma placa com o número do outro cavalo. Eu tinha apostado US$ 20 no ganhador.

– Preciso de um trago.

Havia um totalizador com as apostas lá dentro. As cotações para o próximo páreo já estavam expostas ao entrarmos no bar. Pedimos as bebidas para um homem que parecia um urso polar. Jan se olhou no espelho, preocupada com a flacidez de suas bochechas e as bolsas debaixo de seus olhos. Eu nunca me olhava nos espelhos. Jan ergueu seu copo.

– Aquele velho que pegou nossos lugares tem peito. Um velho vira-lata, mas corajoso.

– Não fui com a cara dele.

– Ele cagou pra você.

– O que se pode fazer com um velho daqueles?

– Mesmo que fosse um cara novo você não ia fazer nada.

Dei uma olhada no totalizador. Three-Eyed Pete pagava 9 por 2 e parecia ser uma boa primeira ou segunda escolha. Terminamos nossas bebidas, e apostei US$ 5 no ganhador. Quando voltamos para as arquibancadas, o velho continuava sentado por lá. Jan sentou ao lado dele, as pernas coladas.

– O que você faz da vida? – Jan lhe perguntou.

– Vivo de rendas. Faturo mais de sessenta mil por ano, livre de impostos.

– Então por que não compra um lugar marcado? – perguntei.

– Isso é prerrogativa minha.

Jan pressionou seu flanco contra ele. Sorriu-lhe seu melhor sorriso.

– Sabe – ela disse – que seus olhos azuis são muito bonitos?

– Um-hum.

– Qual é seu nome?

– Tony Endicott.

– Eu me chamo Jan Meadows. Meu apelido é Misty.

Os cavalos foram alinhados no portão e, em seguida, foi dada a largada. Three-Eyed Pete logo se destacou. Levava um pescoço de vantagem ao longo do percurso. Nos últimos trinta metros, o jóquei puxou o relho e espancou as ancas do cavalo. O segundo favorito lançou-se num galope final. A decisão foi para a foto novamente e pressenti que tinha perdido.

– Você tem um cigarro? – Jan perguntou a Endicott.

Ele o alcançou para Jan, que o levou à boca, e, com os corpos colados, ele acendeu-lhe o cigarro. Olharam-se nos olhos. Agachei-me e o agarrei pelo colarinho da camisa. Ele se curvou um pouco, mas mantive-o preso pelo colarinho.

– Senhor, este lugar é meu.

– Sim. E o que você vai fazer a respeito disso?

– Olhe para baixo, entre seus pés. Consegue ver o buraco debaixo do assento? São sete metros até o chão. Posso enfiá-lo por ali.

– Você não tem coragem pra isso.

Subiram o número do segundo favorito. Eu tinha perdido. Enfiei uma de suas

pernas no buraco, deixando-a suspensa no ar. Ele ofereceu resistência e era surpreendentemente forte. Cravou-me os dentes na orelha esquerda e estava a ponto de arrancá-la. Apertei meus dedos ao redor de sua garganta e comecei a sufocá-lo. Havia um longo fio de cabelo branco crescendo em seu pescoço. Ofegou em busca de ar. Sua boca se abriu e consegui livrar minha orelha. Empurrei sua outra perna no buraco. Uma imagem de Zsa Zsa Gabor pipocou em minha mente: impassível, toda arrumada, imaculada, coberta de pérolas, os peitos quase saltando para fora do decote – e os lábios que nunca seriam meus dizendo "não". Os dedos do velho se agarravam à madeira da arquibancada. Ele estava pendurado na parte de baixo da armação. Soltei uma das mãos. Depois a outra. Ele caiu no espaço aberto, vagarosamente, chocando-se contra as estruturas até chegar ao solo, onde permaneceu imóvel. Não havia sangue. As pessoas ao nosso redor não se manifestavam. Olhavam para seus prospectos.

– Vamos embora – eu disse.

Seguimos até o portão lateral. As pessoas seguiam estudando suas apostas. Era uma tarde agradável, quente mas não sufocante, um clima brando. Ao sairmos, cruzamos por trás da pista, passando pela sede do clube, e, ao olharmos através das grades da cerca, avistamos os cavalos saindo dos estábulos, movendo-se lentamente, descrevendo um círculo para assumir suas posições. Caminhamos até o estacionamento. Entramos no carro. Partimos. Retornamos à cidade: passando primeiro pelos depósitos de óleo, pelos silos, e então através do campo, cruzando pequenas fazendas, tranqüilas, agradáveis, o feno ordenado em douradas pilhas, os celeiros e suas pinturas brancas descascadas sob o sol poente, pequenas granjas assentadas sobre os morros, perfeitas e acolhedoras. Quando chegamos ao nosso apartamento, percebemos que não havia nada para beber. Mandei Jan buscar alguma coisa. Ao retornar, ela e eu sentamos para beber, sem nos dizer muita coisa.

52

Quando acordei, estava lavado em suor. A perna de Jan estava cruzada sobre minha barriga. Afastei-a. Eu me levantei e fui ao banheiro. Estava com diarréia.

Pensei, bem, estou vivo e sentado aqui, sem ninguém para me incomodar.

Depois me levantei, limpei-me e olhei, que confusão, pensei, que fedor delicioso e poderoso. Em seguida, vomitei e dei a descarga. Eu estava muito pálido. Um calafrio convulsionou meu corpo, fazendo-me tremer; depois me correu uma onda de calor, pondo fogo no meu pescoço e nas minhas orelhas, enrubescendo-me a face. Senti-me tonto e fechei os olhos, apoiei-me com as duas mãos sobre a pia, inclinando-me. Passou.

Fui até o quarto, me sentei na beira da cama e fechei um cigarro. Não havia me limpado muito bem. Quando me levantei para buscar uma cerveja, ficara ali uma

mancha marrom e úmida. Fui até o banheiro e me limpei novamente. Depois voltei a me sentar na cama, bebericando a cerveja, esperando Jan acordar.

A primeira vez que descobri que eu era um idiota foi no pátio da escola. Brincavam e me ameaçavam e me cutucavam como faziam com os outros dois idiotas do colégio. Minha única vantagem sobre eles, que eram espancados e perseguidos, era que eu não me importava. Quando me cercavam, eu não me aterrorizava. Nunca me atacavam, mas por fim desciam a lenha sobre os outros dois para eu ver.

Jan se mexeu, acordou e olhou para mim.

– Já acordou.

– Já.

– Foi uma noite e tanto.

– Noite? Para o diabo, o *dia* é que me incomoda.

– O que você quer dizer com isso?

– Você sabe o que quero dizer.

Jan se levantou e foi até o banheiro. Servi-lhe uma dose de vinho do porto com gelo e depositei o copo sobre a cabeceira.

Ela retornou, sentou na cama e apanhou a bebida.

– Como você se sente? – ela perguntou.

– Escute bem, eu matei um cara e você me pergunta como estou me sentindo.

– Que cara?

– Você sabe muito bem. Não estava tão bêbada assim. Estávamos em Los Alamitos, eu joguei o velho pelo buraco entre as arquibancadas. Seu futuro amante de olhos azuis e sessenta mil por ano.

– Você está louco.

– Jan, você continua bêbada, perdeu a noção das coisas. Eu também estou mal, mas não chego nem perto disso.

– Não estivemos em Los Alamitos ontem. Você odeia as corridas de quarto de milha.

– Lembro inclusive dos nomes dos cavalos em que apostei.

– Ontem ficamos o dia inteiro aqui. E de noite também. Você me falou dos seus pais, que seus pais odiavam você. Certo?

– Certo.

– Por isso que você é assim meio louco. Não teve amor. Todo mundo precisa ser amado. Isso arruinou com você.

– As pessoas não precisam de amor. Precisam é de sucesso, de uma forma ou de outra. Pode ser que seja no amor, mas não necessariamente.

– A Bíblia diz: “Amai ao próximo”.

– Isso poderia significar algo como “deixe-o em paz”. Vou sair atrás de um jornal.

Jan bocejou e ergueu os seios. Tinham uma cor interessante, entre o marrom e o dourado – como um bronzeado semelhante a terra suja.

– Traga uma garrafinha de uísque na volta.

Vesti-me e desci a colina em direção à Third Street. Havia uma loja de conveniências logo no fim do declive e um bar nas proximidades. O sol brilhava com sofreguidão, e alguns carros corriam para leste, outros para oeste, e me ocorreu que, se todos pudessem apenas seguir na mesma direção, tudo estaria resolvido.

Comprei o jornal. Fiquei ali, lendo as páginas de cabo a rabo. Não havia qualquer menção à morte de um apostador de cavalos em Los Alamitos. Mas, é claro, aquilo tinha ocorrido no Condado de Orange. Talvez o Condado de Los Angeles só desse conta de seus próprios assassinatos.

Comprei uma garrafa de 250ml de Grand Dad na loja de bebidas e subi novamente a colina. Dobrei o jornal debaixo do braço e abri a porta de nossa casa. Joguei a garrafinha na direção de Jan.

– Gelo, água e uma bela mexida nos nossos copos. Estou precisando de um trago.

Jan foi até a cozinha e preparou as bebidas, enquanto me sentei, abri o jornal e conferi os resultados em Los Alamitos. Lá estava o do quinto páreo: Three-Eyed Pete tinha saído com 9 para 2 e havia sido vencido por um nariz pelo segundo favorito.

Quando Jan trouxe a bebida, eu a tomei de um só gole.

– Você fica com o carro – eu disse –, e metade do dinheiro que me resta é sua.

– Há outra mulher na jogada, não?

– Não.

Juntei todo o dinheiro e o espalhei sobre a mesa da cozinha. Havia US$ 312 e algumas moedas. Entreguei a Jan a chave do carro e US$ 150.

– É Mitzi, não é?

– Não.

– Você não me ama mais.

– Pode parar de falar merda?

– Cansou de trepar comigo, não é?

– Apenas me leve até a rodoviária, pode ser?

Ela foi até o banheiro e começou a se arrumar. Estava magoada.

– Alguma coisa entre a gente se perdeu. Não é mais como era antes.

Preparei-me outro copo de bebida e não respondi.

– Hank, fique comigo.

– Não.

Ela voltou para dentro e não disse mais nada. Tirei a mala do armário e comecei a acomodar meus poucos pertences. Peguei o relógio. Ela não iria precisar

dele.

Jan deixou-me do lado de fora da rodoviária. Mal tive tempo de tirar minha mala do carro e ela se foi. Segui até o guichê. Depois me sentei em um banco de espera ao lado de outros passageiros. Ficamos ali, olhando uns para os outros sem olhar uns para os outros. Mascávamos chicletes, bebíamos café, íamos ao banheiro, mijávamos, dormíamos. Ficávamos ali sentados naqueles bancos, fumando cigarros sem querer fumá-los. Olhávamo-nos e não gostávamos do que víamos. Olhávamos para os produtos expostos nas prateleiras e nas bancas: batatas fritas, revistas, amendoins, best-sellers, chicles, pastilhas, balas, apitos de brinquedo.

53

Miami foi o lugar mais distante ao qual conseguir chegar sem deixar o país. Levei Henry Miller comigo e tentei lê-lo ao longo do percurso. Ele era bom quando era bom, e vice-versa. Tomei uma garrafa de uísque. Depois outra e ainda outra. A viagem levou quatro dias e cinco noites. Fora uns amassos com uma jovem morena cujos pais não podiam mais lhe pagar a faculdade, nada de mais ocorreu. Ela deixou o ônibus no meio da noite em uma parte particularmente estéril e fria do país e desapareceu. Eu sempre tive insônia na estrada, e o único modo de dormir em um ônibus era enchendo completamente a cara. Mas não me arriscava a fazer isso. Quando chegamos ao destino, eu mal havia dormido ou cagado por cinco dias e mal conseguia caminhar. Era cedo da noite. A sensação de estar novamente caminhando pelas ruas era deliciosa.

QUARTOS PARA ALUGAR. Aproximei-me e toquei a campainha. Nessas circunstâncias, a atitude mais sábia era deixar a mala fora do alcance da visão da pessoa que abrisse a porta.

– Procuro um quarto. Quanto custa?

– US$ 6,50 por semana.

– Posso dar uma olhada?

– Claro.

Entrei e a segui pela escada. Devia ter uns quarenta e cinco, mas sua bunda balançava de um modo legal. Sempre que seguia essas mulheres escada acima, como agora, eu pensava que, se uma dessas senhoras se oferecesse para tomar conta de mim, oferecendo-me refeições quentes e roupas limpas para vestir, eu aceitaria.

Ela abriu a porta, e eu dei uma olhada no interior.

– Tudo bem – eu disse –, parece um bom lugar.

– Você tem emprego?

– Mais ou menos.

– Posso perguntar o que você faz?

– Sou escritor.

– Oh, você já escreveu livros?

– Oh, ainda não estou pronto pra escrever um romance. Por enquanto escrevo artigos, alguma coisa para revistas. Os textos não são grande coisa, mas estou melhorando.

– Tudo bem. Vou lhe dar uma chave e fazer um recibo.

Seguia-a novamente pela escada. O rabo não se movimentava com a mesma beleza descendo os degraus. Olhei sua nuca e me imaginei a beijá-la atrás das orelhas.

– Sou a sra. Adams – ela disse. – E você?

– Henry Chinaski.

Enquanto ela preenchia o recibo, eu escutava uns sons que lembravam o de uma madeira sendo serrada, vindos detrás de uma porta que ficava à nossa esquerda. O som de serragem era pontuado pelo ofegar de uma respiração penosa. Cada tomada de ar parecia ser a última, ainda que logo fosse sucedida por outra mais dolorosa.

– Meu marido está doente – disse a sra. Adams ao me passar o recibo e a chave. Sorriu. Seus olhos brilhantes tinham uma adorável cor de avelã. Dei meia-volta e segui pela escada.

Quando entrei no meu quarto, lembrei que havia deixado minha mala lá embaixo. Fui buscá-la. Ao passar pela porta da sra. Adams, os ofegos estavam muito mais altos. Levei minha mala escada acima, lancei-a sobre a cama, voltei a descer e ganhei a noite. Encontrei uma espécie de bulevar principal seguindo um pouco para o norte, entrei em uma mercearia e comprei um pote de manteiga de amendoim e um pão de sanduíche. Tinha uma faquinha de bolso e poderia assim espalhar a manteiga no pão e ter algo para comer.

Quando retornei à pensão, parei no saguão e fiquei com os ouvidos no sr. Adams, pensando, eis a Morte. Fui para o meu quarto, abri o pote de manteiga de amendoim e, enquanto escutava os sons do moribundo que vinham do térreo, mergulhei meus dedos fundo no vidro. Comi a pasta direto dos dedos. Estava uma delícia. Então abri o pão. Estava verde e úmido, exalando um cheiro azedo e forte. Como podiam vender um pão nesse estado? Que tipo de lugar era a Flórida? Joguei o pão no chão, tirei a roupa, apaguei as luzes, puxei as cobertas e me deitei no escuro, escutando.

54

Pela manhã, tudo estava muito silencioso e pensei, isso é ótimo, levaram-no para o hospital ou para o necrotério. Talvez agora eu consiga dar uma cagada. Vesti-me e segui pelo corredor em direção ao banheiro e, evidentemente, consegui.

Então voltei para o meu quarto, para a cama, e dei mais um cochilo.

Fui acordado por uma batida na porta. Sentei-me e disse, "entre, por favor", antes que me desse conta do que tinha feito. Era uma mulher toda vestida de verde. A blusa tinha um corte baixo, a saia extremamente justa. Parecia uma artista de cinema. Ela simplesmente ficou por ali, olhando-me por um tempo. Eu terminava de me sentar, de cuecas, cobrindo-me com o cobertor. Chinaski, o grande amante. Se eu fosse qualquer outro tipo de homem, pensei, eu a estupraria, colocaria fogo em sua calcinha, faria com que me seguisse pelo mundo afora, faria brotar lágrimas de seus olhos com minhas cartas de amor, escritas em papel vermelho de seda. Seus traços eram indefinidos, nem de perto semelhantes ao seu corpo; havia o formado arredondado de sua face, seus olhos pareciam buscar os meus, mas sua cabeleira estava um pouco bagunçada e despenteada. Ela já avançava na casa dos trinta. Alguma coisa, porém, deixava-a excitada.

– O marido da sra. Adams morreu na noite passada – ela disse.

– Ah – respondi, perguntando-me se ela se sentia tão aliviada quanto eu pelo barulho ter parado.

– E estamos recolhendo uma contribuição para comprar flores para o funeral do sr. Adams.

– Não creio que flores façam qualquer diferença para o morto – eu disse com a voz falhada.

Ela hesitou.

– Pensamos que seria um gesto legal, e gostaria de saber se você quer contribuir?

– Gostaria, mas cheguei a Miami na noite passada e estou quebrado.

– Quebrado?

– Estou procurando emprego. Estou numa ruim, como se diz. Gastei meus últimos cobres num pote de manteiga de amendoim e num pão de sanduíche. O pão estava verde, mais verde que o seu vestido. Deixei o negócio ali e nem os ratos tiveram coragem de atacá-lo.

– Ratos?

– Não sei como estão as coisas no seu quarto.

– Mas quando falei com a sra. Adams na noite passada e perguntei sobre o novo inquilino, porque aqui somos todos como uma família, ela me disse que você era escritor, que você publicava em revistas como a *Esquire* e a *Atlantic Monthly*.

– Diabos, não consigo escrever. Digo isso apenas para melhorar minha imagem. Isso faz com que a senhoria se sinta melhor. O que preciso de verdade é de um emprego, de um trabalho qualquer.

– Você não pode entrar ao menos com vinte e cinco centavos? Vinte cinco centavos não vão lhe fazer tanta falta.

– Doçura, preciso mais de vinte e cinco centavos do que o sr. Adams.

– Tenha respeito pelo morto, jovem.

– Por que não respeitar os vivos? Estou sozinho e desesperado, e você parece adorável aí, toda vestida de verde.

Ela se virou e saiu, cruzou o corredor, abriu a porta de seu quarto, entrou, fechou a porta, e nunca mais voltei a vê-la.

55

O Departamento de Emprego do Estado da Flórida era um lugar agradável. Não era tão abarrotado de gente como o escritório de Los Angeles, que estava sempre cheio. Estava na hora de eu ter um pouquinho de sorte, não precisava nem ser muita. Era verdade que eu não tinha muita ambição, mas devia haver um lugar para pessoas assim, digo, um lugar melhor do que o tradicionalmente reservado. Como, diabos, pode um homem gostar de ser acordado às 6h30 da manhã por um despertador, sair da cama, vestir-se, alimentar-se à força, cagar, mijar, escovar os dentes e os cabelos, enfrentar o tráfego para chegar a um lugar onde essencialmente o que fará é encher de dinheiro os bolsos de outro sujeito e ainda por cima ser obrigado a mostrar gratidão por receber essa oportunidade?

Meu nome foi chamado. O atendente tinha o meu cartão à sua frente, um que eu havia preenchido ao entrar. Eu havia elaborado o meu currículo de modo bastante criativo. Profissionais fazem assim: você deixa de lado os subempregos e descreve apenas os melhores, enriquecendo os detalhes, banindo dos registros aqueles seis meses em que você passou alcoolizado, trepando com uma mulher recém-liberta de um hospício e de um mau casamento. Claro, como todos os meus trabalhos anteriores foram subempregos, deixei de fora os que nem assim poderiam ser classificados.

O atendente correu os dedos por um fichário. Puxou um dos cartões.

– Ah, temos aqui um emprego pra você.

– Sim?

Ele deu uma olhada.

– Trabalhador de saneamento.

– Como?

– Lixeiro.

– Não quero esse emprego.

Tive um arrepio ao pensar em todo aquele lixo, as ressacas matinais, os negros rindo de mim, o peso impossível dos latões, e eu botando os bofes para fora sobre cascas de laranja, borras de café, cinzas úmidas de cigarro, restos de banana e absorventes usados.

– Qual é o problema? Não é um serviço bom o suficiente para você? São quarenta horas por semana. E estabilidade. Para toda a vida.

– Você fica com esse trabalho e eu fico com o seu.

Silêncio.

– Fui treinado para executar o meu serviço.

– É mesmo? Passei dois anos na faculdade. Isso é pré-requisito para coletar lixo?

– Bem, que tipo de trabalho você procura?

– Algo assim como ficar correndo os dedos por um fichário.

Ele correu os dedos pelos cartões. Então lançou um olhar sobre as fichas.

– Não temos nada para você.

Ele carimbou o pequeno livro que haviam me dado e o passou de volta para mim.

– Volte a nos contatar em sete dias para novas perspectivas de emprego.

56

Encontrei um emprego nos classificados do jornal. Fui contratado por uma loja de roupas, mas não em Miami, e sim em Miami Beach, e a cada manhã eu tinha que enfrentar uma travessia aquática junto com a minha ressaca. O ônibus corria por uma faixa muito estreita de cimento e ficava junto à água sem qualquer forma de *guard-rail*, nenhuma proteção. Só havia a pista. O motorista se recostava, e nós seguíamos sobre essa faixa estreita de cimento completamente cercada pela água, e todos a bordo, as vinte e cinco ou trinta pessoas confiavam nele, mas eu jamais. Às vezes, era um motorista novo, e eu pensava, como eles selecionam esses filhos da puta? Havia água profunda nos dois lados, e um erro de julgamento mataria a todos nós. Isso era ridículo. Suponha que ele tenha brigado com sua mulher naquela manhã? Ou que tenha câncer? Ou que tenha visões de Deus? Um dente podre? Qualquer coisa. Seria o suficiente para ele. Lá estaríamos nós no fundo do mar. Sei que, se *eu* estivesse dirigindo, consideraria a possibilidade ou o desejo de afogar todo mundo. E algumas vezes, depois de ter feito essas consideração, a possibilidade passaria à ação. Para cada Joana d'Arc há um Hitler suspenso do outro lado da balança. A velha história do bem e do mal. Mas nenhum dos motoristas jamais nos lançou no mar. Por suas cabeças não passava mais do que prestações do carro, resultados do beisebol, cortes de cabelo, férias, enemas, visitas familiares. Não havia um homem de verdade entre toda aquela merda. Eu sempre chegava enjoado no trabalho, ainda que em segurança. O que demonstra porque Schumann é melhor termo de comparação que Shostakovich...

Fui contratado para o que eles chamavam de bola-extra. O bola-extra era o cara que fazia de tudo sem ter, ao mesmo tempo, nenhuma atividade específica. Ele devia saber o que *fazer* após consultar uma espécie profunda e infalível de sexto sentido. Instintivamente, esse cara devia saber como manter as coisas funcionando de modo natural, o que era melhor para a empresa, a Mãe de todos, e suprir-lhe todas as pequenas necessidades que eram irracionais, contínuas e insignificantes.

Um bom bola-extra não tem face nem sexo e deve estar disposto a se sacrificar pela causa. Está sempre esperando junto à porta, antes mesmo do primeiro homem chegar. Logo deve lavar a calçada, cumprimentando cada pessoa pelo nome à medida que elas chegam, sempre trazendo no rosto um sorriso brilhante e encorajador. Reverente. Isso fará com que todos se sintam melhores antes que as engrenagens do moedor comecem a funcionar. Ele verifica se os papéis higiênicos estão em ordem, principalmente no banheiro feminino. Os cestos nunca devem estar cheios. As janelas não podem estar encardidas. Os pequenos reparos são prontamente feitos em mesas e cadeiras. Nada de portas que não abram facilmente. Os relógios sempre ajustados. Nenhum tapete enrugado. Jamais deixar uma mulher

bem-alimentada e forte ficar sobrecarregada por um pacotinho qualquer.

Eu não era muito bom nisso. Minha idéia era vagar por aí sem fazer nada, evitando sempre cruzar com o chefe, além dos puxa-sacos que poderiam me denunciar. Eu não era tão esperto assim. Agia mais por instinto do que qualquer outra coisa. Sempre iniciava um trabalho com a sensação de que, assim que eu o terminasse, seria demitido, e isso me deu um ar tranqüilo, que era facilmente confundido com inteligência ou algum poder secreto.

Era um comércio de roupas auto-suficiente e auto-abastecido, combinando fábrica e venda no atacado. O mostruário, os produtos finalizados e os vendedores ficavam todos no primeiro andar, enquanto a fábrica funcionava no segundo. A fábrica era um labirinto de passarelas e passagens que nem mesmo os ratos conseguiam vencer, longas e estreitas galerias onde homens e mulheres trabalhavam sob lâmpadas de trinta watts, inclinados, movendo os pedais, costurando, sem jamais erguer os olhos ou trocar uma palavra, curvos e calados, trabalhando incessantemente.

Certa vez, em um de meus empregos em Nova York, eu tinha trabalhado transportando tecido para fábricas como essa. Eu seguia com o caminhão por uma rua congestionada, vencendo o tráfego, e então entrava em uma ruela atrás de um prédio encardido. Havia um elevador escuro, e eu tinha que puxar umas cordas por umas roldanas de madeira. Uma das cordas era para subir, a outra para descer. Não havia luz e, enquanto o elevador subia lentamente, eu ficava de olho nos números brancos sobre a parede nua, números que brotavam da escuridão – 3, 7, 9, rabiscados a giz por uma mão esquecida. Chegava ao meu andar, puxava outra corda com meus dedos e, usando toda a minha força, abria com esforço e devagar uma velha e pesada porta de metal, revelando filas e mais filas de velhas senhoras judias sentadas às suas máquinas, trabalhando nas pilhas de tecidos. A costureira número 1 na máquina 1, inclinada, cuidando do seu espaço. A garota número 2 na máquina 2, pronta para substituí-la se fosse necessário. Elas jamais erguiam os olhos ou tomavam consciência de minha presença.

Nessa mistura de fábrica e comércio em Miami Beach, não havia necessidade de entregas. Tudo estava à mão. No meu primeiro dia, andei entre o labirinto de máquinas de costura olhando para as pessoas. Diferentemente de Nova York, a maioria dos trabalhadores era formada de negros. Aproximei-me de um negro, bem pequeno – quase anão –, que tinha um rosto mais agradável que os outros. Ele fazia algum trabalho de acabamento, com uma agulha. Eu tinha uma garrafinha no bolso.

– Seu trabalho é de matar. Vai um trago?

– Claro – ele disse.

Tomou um bom gole. Então devolveu a garrafa. Ofereceu-me um cigarro.

– Você é novo na cidade.

– Sim.

– De onde veio?

– Los Angeles.

– Um astro de cinema.

– Sim, de férias.

– Não devia estar falando com um costureiro.

– Eu sei.

Ele ficou em silêncio. Parecia um pequeno macaquinho, um macaco velho e gracioso. Para os caras do andar debaixo, ele *era* realmente um macaco. Tomei um gole. Sentia-me bem. Observava-os trabalhar, todos quietos sob suas lâmpadas de trinta watts, suas mãos movendo-se delicadas e habilidosas.

– Me chamo Henry – eu disse.

– Brad – ele respondeu.

– Escute, Brad, fico muito, mas muito deprimido vendo vocês trabalharem. Que tal se eu cantar uma música pra vocês?

– Não.

– Esse seu trabalho aqui é pavoroso. Por que você segue com isso?

– Porra, não tenho escolha.

– O Senhor disse que há!

– Você acredita no Senhor?

– Não.

– No que você acredita?

– Em nada.

– Então estamos quites.

Falei com alguns dos outros empregados. Os homens eram de poucas palavras, algumas das mulheres riam de mim.

– Sou um espião – eu ria de volta. – Sou um espião da companhia. Estou de olho em todo mundo.

Tomei outro gole. Cantei a eles minha música favorita, “My heart is a Hobo”. Eles seguiram trabalhando. Ninguém tirou os olhos das roupas. Quando terminei, eles seguiam no labor. Por alguns instantes, houve silêncio. Então escutei uma voz:

– Olha só, branquelo, não venha mais aqui.

Decidi que o melhor era passar uma mangueira na calçada da frente.

57

Não sei por quantas semanas trabalhei lá. Creio que foram seis. A certa altura, fui transferido para a seção de recibos, checando as encomendas de calças que chegavam com as faturas. Eram pedidos que retornavam como crédito de redes de lojas, normalmente de fora do estado. As faturas nunca estavam erradas, talvez

porque o sujeito na outra ponta estivesse apavorado demais tentando manter seu emprego para cometer um deslize. Normalmente ele está na sétima parcela do financiamento em trinta e seis vezes do seu novo carro, sua esposa tem aulas de cerâmica segunda-feira à noite, os juros de sua hipoteca estão a comê-lo vivo, e cada um de seus filhos bebe um litro de leite por dia.

Você sabe, não sou um cara do ramo de roupas. Roupas me chateiam. São coisas terríveis, sufocantes, como vitaminas, astrologia, pizzas, ringues de patinação, música pop, disputas pelo cinturão dos pesos pesados etc. Lá estava eu sentado, fingindo conferir as faturas das calças, quando subitamente alguma coisa especial aconteceu. Havia eletricidade no tecido de uma delas, passando por meus dedos em corrente contínua. Finalmente alguém havia feito algo interessante. Examinei a peça. Tinha um aspecto tão mágico quanto a sensação que provocava.

Levantei-me, levei a calça comigo até o banheiro. Entrei, tranquei a porta. Nunca havia roubado nada.

Tirei minha calça, puxei a descarga. Então vesti a calça mágica. Vesti a peça e a fui enrolando até a linha um pouco abaixo de meus joelhos. Coloquei minha calça por cima dela e terminei de me vestir.

Puxei novamente a descarga.

Depois saí. Em meu nervosismo, parecia que todos me olhavam. Caminhei até a parte da frente da loja. Faltava uma hora ou uma hora e meia para o fim do expediente. O chefe estava parado junto ao balcão próximo à porta. Ele ficou me olhando.

– Tenho um assunto urgente para resolver, sr. Silverstein. Desconte a hora do meu salário...

58

Fui para o meu quarto e tirei minha calça velha. Desenrolei as pernas da minha calça mágica, coloquei uma camisa limpa, lustrei meus sapatos e retornei para a rua com minha nova aquisição. Era de um marrom muito vivo, com ranhuras muito chiques que corriam verticalmente ao longo da peça.

O tecido brilhava. Parei em uma esquina e acendi um cigarro. Um táxi encostou. O chofer colocou a cabeça para fora da janela:

– Táxi, senhor?

– Não, obrigado – eu disse, jogando o fósforo no bueiro e cruzando a rua.

Caminhei a esmo por quinze ou vinte minutos. Três ou quatro táxis ofereceram seus serviços. Depois comprei uma garrafa de porto e retornei ao meu quarto. Tirei minhas roupas, pendurei-as, fui para a cama, bebi o vinho e escrevi um conto sobre um pobre empregado que trabalhava numa fábrica de tecidos em Miami. Um dia esse pobre empregado conhece uma garota da alta sociedade na praia, durante o seu

intervalo de almoço. Ele merecia o dinheiro dela e ela fazia de tudo ao seu alcance para lhe mostrar que ela merecia ficar com ele...

Quando cheguei para trabalhar no dia seguinte, o sr. Silverstein estava de pé junto ao balcão, próximo à porta. Tinha um cheque na mão, que aproximou de mim. Dei um passo à frente e apanhei o cheque. Então retornei para a rua.

59

Levou quatro dias e cinco noites para que o ônibus chegasse a Los Angeles. Como de costume, não consegui dormir ou defecar durante a viagem. Houve uma certa excitação quando uma loira enorme embarcou em algum lugar da Louisiana. Naquela noite ela começou a se vender por US$ 2, e todos os homens e uma das mulheres do ônibus se aproveitaram de sua generosidade, excetuados o motorista e eu. As transações comerciais se davam à noite na parte traseira do veículo. Ela se chamava Vera. Usava um batom púrpura e ria por qualquer motivo. Aproximou-se de mim durante uma rápida parada em uma cafeteria. Plantou-se atrás de mim e me perguntou:

– Qual é, se acha bom demais pra mim?

Não respondi.

– Veadinho.

Ao retornar para o lado de um dos seus fregueses, ouvi seus resmungos enojados...

Em Los Angeles, fiz uma ronda nos velhos bares da vizinhança à procura de Jan. Não obtive qualquer sucesso antes de encontrar Whitey Jackson, que estava trabalhando atrás do balcão no Pink Mule. Ele me disse que Jan estava trabalhando como camareira no Durham Hotel na Beverly com a Vermont. Fui até lá. Eu procurava pelo escritório da gerência quando ela saiu de um dos quartos. Estava com uma boa aparência, como se esse tempo longe de mim lhe tivesse feito bem. Então ela me viu. Não fez nada além de ficar onde estava, parada, apenas seus olhos foram ficando maiores e mais azuis. Até que ela disse:

– Hank!

Correu em minha direção e nos abraçamos. Beijou-me com loucura, que tentei retribuir.

– Por Deus – ela disse –, achei que nunca mais fosse ver você!

– Voltei.

– De vez?

– Minha cidade é L.A.

– Afaste-se um pouco – ela disse –, deixe-me ver você.

Dei um passo para trás, um sorriso aberto no rosto.

– Você está magro. Perdeu peso – Jan disse.

– Você está ótima. Está com alguém?

– Não.

– Não há ninguém mesmo?

– Ninguém. Você sabe que não suporto as pessoas.

– Estou feliz que você esteja trabalhando.

– Venha até o meu quarto – ela disse.

Fui atrás dela. O quarto era muito pequeno, mas tinha um quê de agradável. Você podia olhar o tráfego lá fora pela janela, ver o semáforo mudar de cor, o garoto vendendo jornal na esquina. Gostei do lugar. Jan se jogou na cama.

– Venha, deite aqui do meu lado – ela disse.

– Estou constrangido.

– Eu te amo, seu idiota, nós já trepamos umas 800 vezes, então relaxe.

Tirei meus sapatos e me estiquei na cama. Ela ergueu uma das pernas.

– Continua gostando do que vê?

– Claro que sim! Jan, você terminou seu serviço?

– Sim, com exceção do quarto do sr. Clark. E ele não liga muito pra isso. Ele sempre me dá gorjetas.

– Jan...

– Sim?

– A passagem de ônibus me deixou pelado. Preciso de um lugar pra ficar até arranjar um emprego.

– Posso esconder você aqui.

– Sério?

– Claro.

– Eu te amo, baby – eu disse.

– Cretino – ela respondeu.

Começamos a fazer amor. Estava uma delícia. Uma verdadeira e genuína delícia.

Depois que terminamos, Jan se levantou e abriu uma garrafa de vinho. Abri meu último maço de cigarros e sentamos na cama para beber e fumar.

– Você está todo lá – ela disse.

– Como assim?

– Digo, nunca conheci um homem como você.

– Ah, é?

– Os outros chegavam só uns dez ou vinte por cento lá, você está lá inteiro, você *todo* está bem lá, é tão diferente.

– Não sei do que você está falando.

– Você tem um gancho, você prende as mulheres.

Aquilo fez eu me sentir bem. Após terminarmos nossos cigarros, voltamos a fazer amor. Então Jan me mandou ir buscar mais uma garrafa. Retornei. Eu tinha

que retornar.

60

Fui contratado de imediato por uma companhia de lâmpadas fluorescentes. Ficava na Alameda Street, na direção norte, em um agrupamento de armazéns. Eu trabalhava no balcão. Era uma verdadeira barbada, pois eu apanhava os pedidos em uma cesta, preenchia-os, embrulhava os conjuntos em papelão e os deixava no setor de expedição, cada conjunto etiquetado e com o endereço de entrega. Eu pesava os embrulhos, acrescentava o valor do transporte e ligava para a transportadora para que viesse apanhar as encomendas.

No primeiro dia em que eu estava lá, no turno da tarde, ouvi um estrondo atrás de mim, próximo à linha de montagem. As velhas caixas de madeira que continham as partes prontas corriam para longe da parede e se espatifavam no chão – metal e vidro atingindo em cheio o cimento do piso, explodindo, produzindo uma terrível barulheira. Os trabalhadores da linha de montagem correram para o outro lado do prédio. Então tudo ficou em silêncio. O chefe, Mannie Feldman, saiu de seu escritório.

– Que diabos está acontecendo aqui?

Ninguém respondeu.

– Certo, desliguem a linha de montagem! Vocês todos, peguem pregos e martelo e dêem um jeito nessas caixas de madeira!

O sr. Feldman retornou para o seu escritório. Não havia nada que eu pudesse fazer além de me apresentar para ajudá-los. Nenhum de nós era carpinteiro. Foi preciso toda a tarde e mais da metade da manhã seguinte para que conseguíssemos pregar todas as caixas. Ao terminarmos, o sr. Feldman saiu de seu escritório.

– Então, conseguiram? Muito bem, agora me escutem: quero as 939 em cima, as 820 logo abaixo, os lanternins e vidros nas caixas mais de baixo, entenderam?Será que há alguém aqui que pode não ter entendido o que é pra fazer?

Não houve nenhuma resposta. As 939 eram as caixas mais pesadas – extremamente pesadas – e ele as queria por cima. Ele era o chefe. Fizemos o que ele mandou. Colocamos as 939 no topo, todo aquele peso, e deixamos as mais leves por baixo. Então retornamos ao trabalho. As caixas resistiram o resto do dia e da noite seguinte. Pela manhã, começamos a ouvir uns rangidos. Eram as caixas cedendo. Os trabalhadores da linha de montagem começaram a se afastar, não contendo as gargalhadas. Cerca de dez minutos antes do intervalo da manhã, todas as caixas desabaram. O sr. Feldman veio correndo de seu escritório:

– Mas que diabos está acontecendo aqui?

61

Feldman tentava receber seu seguro e decretar falência ao mesmo tempo. Na manhã seguinte, um homem de aspecto muito digno veio da parte do Banco da América. Ele nos disse para não montarmos mais nenhuma caixa. “Apenas recolham essa merda do chão”, foi o modo como colocou a questão. Ele se chamava Jennings, Curtis Jennings. Feldman devia ao Banco da América um caminhão de dinheiro e agora eles o queriam de volta, antes que o negócio falisse. Jennings assumiu o controle da companhia. Estava sempre circulando, observando o trabalho de todos. Mergulhou fundo nos livros-caixa de Feldman; verificou as trancas e as janelas e a cerca de segurança em torno ao estacionamento. Veio até mim:

– Não use mais a transportadora Sieberling. Foram roubados quatro vezes ao transportarem um de nossos carregamentos entre o Arizona e o Novo México. Alguma razão em especial pra você estar trabalhando com esse pessoal?

– Não, nenhuma razão.

O representante da Sieberling me passava dez centavos por baixo dos panos a cada duzentos quilos em mercadorias despachadas.

Em três dias, Jennings demitiu um homem que trabalhava no escritório principal e o substituiu por três jovens mexicanas cheias de disposição para trabalhar por metade do que o outro ganhava. Demitiu também o homem da limpeza e, além de ter que despachar as mercadorias, incluiu em meu trabalho a função de motorista da empresa para entregas locais.

Assim que recebi meu primeiro contracheque, me mudei do quartinho de Jan para um apartamento só meu. Ao chegar certa noite, ela havia se mudado para lá. Ora, foda-se, eu lhe disse, minha terra é sua terra. Pouco tempo depois, tivemos nossa pior briga. Ela foi embora, e eu fiquei bêbado por três dias e três noites. Assim que recuperei a sobriedade, soube que meu trabalho já era. Nunca voltei lá. Decidi limpar o apartamento. Aspirei o chão, escovei as esquadrias das janelas, esfreguei a banheira e a pia, encerei o chão da cozinha, matei todas as aranhas e baratas, esvaziei e lavei os cinzeiros, lavei os pratos, areei a pia da cozinha, estendi toalhas limpas e coloquei um novo rolo de papel higiênico no banheiro. Devia ser a veadagem chegando, pensei.

Quando Jan finalmente voltou para casa – uma semana depois –, acusou-me de ter trazido uma mulher aqui, pois tudo parecia limpo demais. Ela aparentava uma fúria imensa, que não passava, obviamente, de disfarce para sua própria culpabilidade. Eu não conseguia entender por que não me livrava dela. Era uma adúltera compulsiva – ia com qualquer um que conhecesse num bar e, quanto mais baixo e imundo fosse, mais ela gostava. Usava continuamente nossas brigas para se justificar. No íntimo, eu seguia me dizendo que todas as mulheres do mundo não eram putas, somente a minha.

62

Entrei no prédio do *Times*. Eu havia cursado dois anos de jornalismo na Los Angeles City College. Fui parado por uma jovem junto ao balcão.

– Vocês precisam de um repórter? – perguntei.

Ela me estendeu uma folha impressa.

– Por favor, preencha essa ficha.

A coisa funcionava como em qualquer jornal em boa parte das cidades. Você era contratado ou por ser famoso ou por ser amigo de alguém. Mas acabei preenchendo a ficha. Fiz o negócio de modo a parecer coisa fina. Então dei meia-volta e retornei à Spring Street.

Era um dia quente de verão. Comecei a suar e sentir coceiras. Minhas virilhas coçavam. Comecei a me coçar. A coceira se tornou insuportável. Segui em frente, sem parar de me coçar. Eu não conseguia ser um repórter, não conseguia ser um escritor, não conseguia encontrar uma boa mulher, tudo o que eu conseguia fazer era seguir pela rua me coçando como um macaco. Corri na direção do meu carro, que eu havia estacionado em Bunker Hill. Voltei depressa para o meu apartamento. Jan não estava lá. Entrei no banheiro e me pelei.

Inspecionei minhas virilhas com os dedos e encontrei uma coisa. Puxei-a. Depositei-a na palma da mão e a olhei. Era branca, tinha várias pernas, não parava de se mexer. Aquilo me deixou fascinado. De repente, o bicho saltou para o piso do banheiro. Fiquei olhando para ele. Com um pulo rápido, ele tinha desaparecido. Provavelmente de volta para os meus pêlos pubianos! Senti-me furioso e enojado. Fiquei ali procurando a criatura. Não conseguia encontrá-la. Meu estômago se retorcia. Vomitei no vaso e me vesti novamente.

A farmácia ficava na esquina, não muito longe. Havia um casal de velhos atendendo atrás do balcão. A mulher se aproximou.

– Não – eu disse. – Gostaria de falar com ele.

– Oh – ela disse.

O velho se aproximou. Era farmacêutico. Parecia bastante limpo.

– Sou vítima de uma injustiça – eu lhe disse.

– Como?

– Veja bem, o senhor tem algo para...

– Para o quê?

– Aranhas, pulgas... mosquitos, lêndeas...

– Para o quê?

– *O senhor tem algo para chatos*?

O velho me lançou um olhar de asco.

– Espere aqui – ele disse. Retirou um volume lá da última parte inferior do balcão. Voltou e manteve a máxima distância possível de mim, estendendo-me uma

caixinha preta com verde. Aceitei-a humildemente. Alcancei-lhe uma nota de cinco. Recebi o troco de seu braço esticado. A velha havia se afastado até o canto mais distante da loja. Sentia-me um criminoso.

– Espere – eu disse ao velho.

– O que é agora?

– Quero umas camisinhas.

– Quantas?

– Oh, um pacote, uma meia dúzia.

– Normais ou lubrificadas?

– Como?

– Normais ou lubrificadas?

– Me dê das lubrificadas.

O velho me passou as camisinhas com todo o cuidado. Alcancei-lhe o dinheiro. Mais uma vez, ele me devolveu o troco esticando o braço. Fui embora. Enquanto seguia pela rua, peguei as camisinhas e dei uma olhada nelas. Então as lancei no bueiro.

De volta ao apartamento, tirei minha roupa e li a bula. Ali dizia para aplicar a pomada nas partes infestadas e esperar por trinta minutos. Liguei o rádio, encontrei uma sinfonia e expeli o ungüento do tubo. Era verde. Apliquei uma boa quantidade. Então me deitei na cama e olhei para o relógio. Trinta minutos. Puta que pariu, eu odiava esses chatos, ia deixar o negócio agir por uma hora. Depois de quarenta e cinco minutos, começou a queimar. Vou matar todos esses fodidos, pensei. A queimação se intensificou. Revirava-me na cama, apertando os punhos. Ouvi Beethoven, Brahms, agüentei como pude. Mal consegui completar a hora. Enchi a banheira e entrei, removi a pomada. Quando saí da banheira, não conseguia caminhar. A parte interna de minhas coxas estava queimada, minhas bolas estavam queimadas, minha barriga estava queimada, eu tinha adquirido uma coloração vermelho flamejante, parecia um orangotango. Movi-me muito lentamente em direção à cama. Mas eu havia liquidado com os chatos, eu os vira descer ralo abaixo.

Quando Jan chegou em casa, eu me contorcia na cama. Ela ficou parada, olhando para mim.

– O que está acontecendo?

Rolei na cama e comecei a amaldiçoá-la.

– Sua puta fodida! Olha só o que você *fez* comigo!

Fiquei de pé num pulo. Mostrei a Jan a parte interna de minhas coxas, minha barriga, minhas bolas. Meus bagos bamboleavam em vermelha agonia. Meu pau estava em chamas.

– Deus! O que é isso?

– Não sabe? Não sabe? Não trepei com mais ninguém! Peguei essa porra de

VOCÊ! Você é a *transmissora*, uma *puta* que só faz transmitir doenças!

– O quê?

– Os chatos, os chatos, você me passou CHATOS!

– Não, eu não tenho chatos. Geraldine deve ter me passado.

– O quê?

– Fiquei na casa de Geraldine, devo ter pegado lá no vaso dela.

Joguei-me na cama.

– Ah, não me venha com essa merda! Vá buscar um trago pra gente. Não há uma gota de álcool aqui nessa porra!

– Não tenho dinheiro.

– Pegue na minha carteira. Você sabe como fazer isso. E depressa! Algo pra beber! Estou morrendo!

Jan saiu. Pude ouvi-la correndo escada abaixo. O rádio agora tocava Mahler.

63

Na manhã seguinte, acordei enjoado. Havia sido quase impossível dormir com o lençol sobre o meu corpo. Contudo, as queimaduras pareciam um pouco melhor. Levantei-me e vomitei, olhei meu rosto no espelho. Eles me tinham. Eu não tinha nenhuma chance.

Voltei a me deitar na cama. Jan roncava. Não chegava a ser alto, mas era um ronco persistente. Era, segundo eu imaginava, o modo como roncaria um porquinho. Quase um resfolegar. Olhava-a sem deixar de pensar em quem era essa pessoa com quem eu tinha escolhido viver. O nariz dela lembrava o de um buldogue, e os seus cabelos loiros vinham adquirindo uma cor de "rato", para usar a palavra dela, à medida que iam se tornando grisalhos. Seu rosto despencava e sua papada já era evidente. Ela era dez anos mais velha do que eu. Somente quando estava maquiada e com uma saia apertada e saltos altos é que ela adquiria um bom aspecto. Seu rabo continuava em forma, assim como suas pernas, e ela tinha um sedutor rebolado ao caminhar. Agora, enquanto eu a olhava, ela não parecia tão maravilhosa. Ela dormia de lado e sua barriga pendia de seu corpo. Apesar disso, era uma foda incrível. Eu nunca tivera uma foda melhor. Era o modo como ela levava a coisa. Ela realmente fazia o sexo render. Suas mãos me prendiam, assim como sua boceta. A maioria das fodas e nada é quase a mesma coisa, uma trabalheira dos infernos, algo tão penoso quanto escalar uma colina muito íngreme e lamacenta. Mas não com Jan.

O telefone tocou. Tocou várias vezes antes que eu conseguisse dar um jeito de sair da cama e atendê-lo.

– Sr. Chinaski?

– Sim?

– Aqui é do *Times*.

– Sim?

– Recebemos sua ficha e gostaríamos de empregá-lo.

– Repórter?

– Não, na manutenção e na limpeza.

– Tudo bem.

– Apresente-se ao superintendente Barnes na porta dos fundos às nove da noite.

– Certo.

Desliguei. O telefone acordara Jan.

– Quem era?

– Consegui um emprego e não consigo nem andar. Tenho que me apresentar hoje à noite. Caralho, não sei como vou fazer isso.

Retornei para a cama como uma tartaruga com a bunda assada e desabei sobre o colchão.

– Vamos dar um jeito.

– Não agüentarei uma roupa. Não sei o que fazer.

Ficamos estendidos, olhando para o teto. Jan se levantou e foi até o banheiro. Ao retornar, ela disse:

– Já sei!

– Oba!

– Vou enrolar você com gaze.

– Acha que vai funcionar?

– Claro.

Jan se vestiu e foi às compras. Voltou com gaze, esparadrapo e uma garrafa de moscatel. Arrumou umas pedras de gelo, preparou os drinques e encontrou uma tesoura.

– Certo, vamos dar um jeito em você.

– Espere um pouco, não tenho que estar lá antes das nove da noite. É um trabalho noturno.

– Mas eu quero praticar. Vamos lá.

– Está bem. Que merda.

– Erga um joelho.

– Está bem. Mas vá devagar.

– Assim, voltas e mais voltas. O velho carrossel.

– Alguém alguma vez já lhe disse como você é engraçada?

– Não.

– É bastante compreensível.

– Feito. Agora um pouco de esparadrapo. Mais umas tiras. Feito. Agora erga o outro joelho, amoreco.

– Esqueça o romantismo.

– Girando, girando e girando. Suas pernas grandes e gordas.

– Seu rabo grande e gordo.

– Certo, certo, certo, colabore, amoreco. Um pouco mais de esparadrapo. E mais um pouquinho. Você vai ficar como novo!

– A puta que pariu.

– Agora vamos às bolas, esses seus gigantes bagos vermelhos. Bem a tempo do Natal!

– Espere! O que fará com minhas bolas?

– Vou enfaixá-las.

– Não é perigoso? Pode afetar o meu sapateado.

– Não vai doer nada.

– Elas vão escorregar para os lados.

– Vou fazer um casulo pra elas.

– Antes disso, me prepare outro drinque.

Sentei-me com a bebida, e ela começou a me enfaixar.

– Girando e girando e girando. Pobres baguinhos. Pobres bagões. O que fizeram com vocês? Girando e girando e girando. Agora um pouco de esparadrapo. Mais um pouco. E mais um pouco.

– Não prenda minhas bolas no meu cu!

– Tolinho! Eu não faria isso. Eu o amo!

– Dá pra ver.

– Agora levante e dê uma volta no quarto. Tente fazer isso.

Levantei-me e cruzei o quarto devagar.

– Ei, funcionou! Me sinto como um eunuco, mas funcionou.

– Talvez os eunucos também fizessem isso.

– É bem possível.

– Quer uns ovos cozidos?

– Claro. Acho que sobreviverei.

Jan colocou a água para esquentar, despejou quatro ovos na panela, e ficamos esperando.

64

Eu estava lá às nove da noite. O superintendente me mostrou onde ficava o relógio ponto. Marquei minha chegada. Ele me alcançou três ou quatro flanelas e um enorme pote.

– Há uma barra de latão que se estende ao redor de todo o prédio. Quero que você dê um lustre nela.

Fui até o lado de fora e dei uma olhada na barra. Lá estava. Corria ao redor do prédio, que era dos grandes. Coloquei um pouco de cera sobre o metal e comecei a

lustrá-lo com uma das flanelas. Não parecia fazer muita diferença. As pessoas que passavam pela rua me olhavam com curiosidade. Eu já tivera uma série de trabalhos estúpidos, mas este parecia ser o mais estúpido de todos os tempos.

A solução, decidi, era não pensar. Mas como se faz para parar de pensar? Por que eu havia sido escolhido para polir essa barra? Por que eu não podia estar lá dentro escrevendo editoriais sobre a corrupção municipal? Bem, mas podia ser pior. Eu poderia estar na China, trabalhando na colheita de arroz.

Lustrei cerca de oito metros da barra, dobrei a esquina e avistei um bar do outro lado da rua. Peguei minhas flanelas e o pote de cera e atravessei em direção ao estabelecimento. Não havia ninguém ali, apenas o cara do balcão.

– E aí, tudo na boa?

– Beleza. Me vê uma garrafa de Schlitz.

Apanhou uma, abriu-a, pegou meu dinheiro e fez soar a caixa registradora.

– Onde estão as garotas? – perguntei.

– Que garotas?

– Você sabe. As garotas.

– Esse é um lugar decente.

A porta se abriu. Era o superintendente Barnes.

– Posso lhe pagar uma cerveja? – perguntei.

Ele se aproximou e parou ao meu lado.

– Termine logo, Chinaski. Vou lhe dar a última chance.

Bebi a cerveja e saí junto com ele.

– Evidentemente – ele disse –, você não é muito bom no polimento. Me siga.

Entramos no prédio do *Times* e subimos no elevador. Descemos num dos últimos andares.

– Bem – ele disse, apontando para uma caixa comprida sobre a mesa –, aquela caixa contém lâmpadas fluorescentes novinhas. O seu trabalho será trocar todas as que estão queimadas por essas ali. Tire-as do suporte e coloque as novas. Lá está a sua escada.

– Certo.

O superintendente se afastou e voltei a ficar sozinho. Eu estava numa espécie de depósito. O local tinha o teto mais alto que eu jamais vira. A escada tinha uns dez metros de comprimento. Sempre tive medo de altura. Peguei uma lâmpada nova e subi na escada devagar. Eu me vi obrigado a lembrar a mim mesmo outra vez: tente não pensar em nada. Segui em frente. As lâmpadas fluorescentes tinham cerca de um metro e meio de comprimento. Quebravam com facilidade e eram difíceis de manejar. Quando cheguei ao topo da escada, dei uma olhada para baixo. Foi um erro imperdoável. Uma tontura tomou conta de mim. Eu era um covarde. Estava apoiado contra uma grande janela de um dos últimos andares. Imaginei-me caindo da escada, espatifando o vidro, rasgando o espaço até me acabar na rua lá embaixo.

Eu assistia aos pequenos automóveis cruzar as ruas, suas luzes brilhando na noite. Então, bem devagar, alcancei e removi uma das lâmpadas fluorescentes queimadas. Troquei-a por uma nova. Depois desci, sentindo-me mais aliviado a cada degrau baixado. Ao chegar ao chão, me prometi nunca mais subir novamente naquela escada.

Dei uma volta pelo local, lendo as coisas deixadas sobre as mesas e escrivaninhas. Entrei num escritório com porta de vidro. Havia um bilhete para alguém: "Tudo bem, vamos dar uma chance a este novo cartunista, mas é melhor que ele seja bom. Deve começar bem e manter a qualidade, não estamos aqui para dar força a ninguém".

Uma porta se abriu e ali estava o superintendente Barnes.

– Chinaski, o que você está fazendo?

Saí do escritório.

– Estudei jornalismo, senhor. Estava curioso.

– Tudo o que você fez foi trocar uma lâmpada queimada?

– Senhor, não é trabalho pra mim. Tenho medo de altura.

– Muito bem, Chinaski. Vou dispensá-lo por hoje. Você não merece outra chance, mas quero que volte amanhã às nove da noite preparado para trabalhar. Aí veremos.

– Sim, senhor.

Acompanhei-o até o elevador.

– Me conte uma coisa – ele disse –, por que você caminha desse jeito tão engraçado?

– Eu estava fritando uma galinha e o óleo da frigideira saltou, queimando minhas pernas.

– Pensei que pudesse ser algum ferimento de guerra.

– Não, foi culpa da galinha mesmo.

Descemos juntos no elevador.

65

O nome completo do superintendente era Herman Barnes. Na noite seguinte, Herman me encontrou junto ao relógio ponto e eu o bati.

– Siga-me – ele disse.

Ele me levou a uma sala precariamente iluminada e me apresentou a Jacob Christensen, que seria meu supervisor imediato. Barnes se afastou.

A maioria das pessoas que trabalhavam à noite no *Times* eram velhas, curvas, derrotadas. Todos ali caminhavam cabisbaixos, como se houvesse algo errado com seus pés. Deram-me um macacão de trabalho como o dos velhos.

– Muito bem – disse Jacob –, pegue seu equipamento.

Meu equipamento consistia de um carrinho de metal, dividido em dois compartimentos. Num dos lados havia dois esfregões, algumas flanelas e uma enorme caixa de sabão. O outro continha uma variedade de garrafas coloridas, latas e caixas de suprimentos, além de mais flanelas. Era evidente que eu estava sendo contratado para trabalhar no turno da noite da limpeza. Bem, eu já havia feito algo assim em San Francisco. Você dava um jeito de entrar com uma garrafa de vinho escondida, trabalhava como um cão, mas depois, quando todos já haviam ido, você sentava olhando para as janelas, bebendo vinho à espera do amanhecer.

Um dos velhos faxineiros se colou em mim e gritou no meu ouvido:

– *Que cambada de cretinos! Não têm inteligência! Não sabem nem pensar! Têm medo de usar a cachola! São todos doentes! Covardes! Não são pensadores como você e eu!*

Seus gritos podiam ser ouvidos através da sala toda. Parecia ter uns sessenta e cinco anos. Os outros eram ainda mais velhos, aparentavam setenta ou mais; cerca de um terço eram mulheres. Ninguém se mostrava ofendido com os impropérios do velho, era como se já estivessem acostumados àquilo.

– *Eles me deixam doente!* – ele gritou. – *Não têm coragem! Olhe pra eles! Montes de bosta!*

– Tudo bem, Hugh – disse Jacob, – pegue suas coisas e vá lá pra cima. E comece a trabalhar.

– *Vou lhe dar uma surra, seu idiota!* – ele gritou para o supervisor. – *Vou lhe acertar uma bem no meio das pernas!*

– Vá de uma vez, Hugh.

Hugh empurrou seu carrinho para fora dali, cheio de raiva, quase atropelando uma das senhoras.

– Ele é assim mesmo – me disse Jacob –, mas é o melhor faxineiro que temos.

– Tudo certo – eu disse –, gosto de um lugar animado.

Enquanto seguia com meu carrinho, Jacob me dizia quais seriam minhas responsabilidades. Eu ficaria encarregado de dois andares. O mais importante era a limpeza dos banheiros. Os banheiros em primeiro lugar. Limpar as pias, as privadas, esvaziar as cestas de lixo, passar um pano nos espelhos, trocar as toalhas de rosto, encher os recipientes de sabonete, não economizar nos desodorizantes e ter certeza de que não estão faltando papéis higiênicos e protetores de assento. E não se esqueça dos absorventes no banheiro feminino. Depois disso, recolha o lixo dos escritórios e remova o pó das mesas. Depois você pega essa enceradeira aqui e passa nos corredores e, então, assim que acabar...

– Sim, senhor – eu disse.

Como de costume, os banheiros femininos eram os piores. Muitas das mulheres, aparentemente, apenas abandonavam seus absorventes no chão dos reservados, e a visão deles, embora familiar, era perturbadora, em especial quando

somada a uma ressaca. Os banheiros masculinos eram, de alguma forma, mais limpos, mas os homens não usavam absorventes. Ao menos estava sozinho durante o meu trabalho. Eu não era muito bom com o esfregão; com freqüência sobravam tufos de cabelos ou tocos de cigarro visíveis num dos cantos da parede. Eu os deixava ali. Era consciencioso, porém, com os papéis higiênicos e os protetores de assento. Isto, contudo, eu podia entender: nada pior do que terminar uma boa cagada, esticar a mão e encontrar um rolo de papel higiênico vazio. Mesmo o ser humano mais monstruoso sobre a face da terra merece um papel higiênico para limpar o rabo. Algumas vezes, ao esticar a mão e não encontrar papel, eu ia em busca de um protetor para quebrar um galho, mas, subitamente, descobria o reservatório também vazio. Então você se põe de pé e vê que o que estava usando acaba de cair na água. Depois disso, sobram-lhe poucas alternativas. A que descobri mais satisfatória é limpar o rabo com as cuecas, jogá-las na privada, dar a descarga e entupir o vaso.

Terminei tanto os banheiros masculinos como os femininos, esvaziei as cestas de lixo e espanei algumas mesas. Então retornei ao banheiro das mulheres. Havia sofás e cadeiras lá dentro, além de um despertador. Restavam-me quatro horas. Ajustei o relógio para tocar meia hora antes do fim do meu expediente. Estiquei-me em um dos sofás e caí no sono.

O despertador me acordou. Estiquei-me, lavei meu rosto com água fria e retornei ao depósito com meus equipamentos. O velho Hugh se aproximou de mim.

– Bem-vindo à terra dos idiotas – ele me disse, dessa vez mais calmo. Não respondi. Estava escuro lá dentro, e faltavam apenas dez minutos para o final do expediente. Tiramos nossos macacões e, na maioria dos casos, as roupas que usávamos na rua eram tão tristes e deploráveis quanto as do trabalho. Falávamos muito pouco, quando não aos sussurros. Não me importava com o silêncio. Era relaxante.

Então Hugh chegou ao pé de meu ouvido:

– *Olhe os paspalhos!* – ele gritou. – *Olhe bem para esses paspalhos de merda!*

Afastei-me dele e me posicionei no extremo oposto da sala.

– *Você também é um deles?* – ele gritou em minha direção. – *Também é um cretino*?

– Sim, nobre senhor.

– *Que tal se eu lhe der um chute nesse seu rabo*? – ele gritou de volta.

– Não há nada entre nós que o impeça – eu disse.

Velho guerreiro que era, Hugh decidiu diminuir a distância entre nós e se lançou às pressas para cima de mim, saltando com firmeza sobre uma fila de baldes. Dei um passo para o lado e ele passou reto. Deu meia-volta, retornou e me agarrou pelo pescoço com as duas mãos. Tinha dedos compridos, vigorosos para um homem de sua idade; eu podia senti-los um a um, inclusive seus polegares. O cheiro

de Hugh era o de uma pia cheia de pratos sujos. Tentei me desvencilhar de suas garras, mas sua pegada adquiriu ainda mais força. Manchas vermelhas, azuis e amarelas correram dentro da minha cabeça. Não tive escolha. Ergui um dos joelhos com a máxima delicadeza de que fui capaz. Errei o alvo na primeira, porém o acertei na segunda. Seus dedos se afrouxaram. Hugh caiu no chão, agarrado às partes. Jacob apareceu.

– O que houve aqui?

– Ele me chamou de cretino, senhor, e depois me atacou.

– Escute, Chinaski, este homem é o meu melhor faxineiro. É o melhor que tive em quinze anos. Pegue leve com ele, certo?

Afastei-me, apanhei meu cartão e o bati. O irascível e velho Hugh ficou me olhando do chão, enquanto eu saía:

– Eu vou matar você, cavalheiro – ele disse.

Bem, pensei, ao menos agora ele age com polidez. Mas aquilo realmente não me deixou feliz.

66

Na noite seguinte, trabalhei cerca de quatro horas e fui até o banheiro feminino, ajustei o despertador e me deitei. Eu devia ter dormido cerca de uma hora quando a porta se abriu. Eram Herman Barnes e Jacob Christensen. Eles me olharam; ergui minha cabeça, devolvendo-lhes o olhar, e logo voltei a apoiar minha cabeça na almofada. Ouvi os dois entrarem nos reservados. Quando eles voltaram, não os olhei. Fechei meus olhos, fingindo dormir.

No dia seguinte, quando acordei, por volta do meio-dia, falei com Jan sobre o acontecido:

– Eles me pegaram dormindo e não me demitiram. Acho que os assustei com o negócio do Hugh. São as vantagens de ser um filho da puta colhudo. O mundo é dos mais fortes.

– Eles não vão deixar você se safar dessa.

– Colhões. Sempre lhe disse que eu era foda. Eu tenho a manha. O problema é que você nunca me escuta, está sempre com esses malditos ouvidos fechados pra mim.

– É porque você está sempre nessa lengalenga, não muda o disco.

– Está bem, vamos tomar um trago e falar sobre isso. Desde que a gente voltou, você tem andado por aqui como se fosse a oitava maravilha do mundo. Que porra, não preciso de você nem você precisa de mim. Vamos encarar a realidade.

Antes que a discussão pudesse começar, houve uma batida na porta.

– Um momento – eu disse e fui em busca das calças. Abri a porta e era um entregador da Western Union. Dei-lhe uma moedinha e abri o telegrama:

HENRY CHINASKI: SEU EMPREGO
COM A TIMES CO. FOI ENCERRADO.

HERMAN BARNES.

– O que é? – perguntou Jan.
– Fui demitido.
– E o seu cheque?
– Nenhuma menção.
– Eles lhe devem um cheque.
– Eu sei. Vamos lá buscá-lo.
– Certo.

O carro já era. Primeiramente eu perdera a marcha a ré, o que representava um constante desafio que eu superava planejando onde estacionar enquanto eu dirigia. Então a bateria morreu, o que significava que o único modo de fazer o carro pegar era posicionando-o próximo a uma ladeira. Consegui administrar a situação por algumas semanas, até que certa noite Jan e eu enchemos a cara e eu me esqueci de tudo e acabei estacionando numa rua plana em frente ao bar. É claro que a máquina não deu partida, me obrigando a chamar uma garagem 24h, que mandou um guincho e rebocou o carro. Quando fui buscá-lo, alguns dias depois, eles já tinham metido 55 pratas no conserto, e o carro seguia sem funcionar. Voltei a pé para casa e lhes enviei pelo correio um termo anunciando a minha desistência do veículo.

Desse modo, tínhamos que caminhar até o prédio do *Times*. Jan sabia que eu gostava de vê-la de saltos altos, então ela os calçou e seguimos até lá. Ficava a umas boas vinte quadras de distância. Jan se sentou para descansar em um banco do lado de fora e eu segui para o Setor de Pagamento.

– Sou Henry Chinaski. Fui demitido e estou aqui para receber o cheque.
– Henry Chinaski – disse a garota. – Aguarde um momento.

Verificou uma pilha de papéis.

– Sinto muito, sr. Chinaski, mas seu cheque ainda não está pronto.
– Tudo bem, eu espero.
– Só podemos aprontá-lo para amanhã, senhor.
– Mas eu fui despedido.
– Sinto muito. Amanhã, senhor.

Afastei-me. Jan se levantou do banco. Ela parecia faminta.

– Vamos até o Mercado Central comprar carne moída e verduras, depois pegamos duas garrafas de um bom vinho francês.
– Jan, o cheque não saiu.
– Mas eles têm que dar pra você. É a lei.
– Pois é, sei lá. Mas eles disseram que o cheque fica pronto amanhã.

– Oh, diabos, e eu caminhei toda essa distância de salto alto.

– Você fica ótima neles, baby.

– É.

Começamos a percorrer o caminho de volta. Na metade, Jan tirou os sapatos e seguiu só de meia-calça. Uns dois carros buzinaram para nós enquanto caminhávamos. Para cada um deles estiquei o dedo médio, indicando para onde deveriam ir. Ao retornarmos, havia dinheiro suficiente para tacos e cerveja. Nós os compramos, comemos e bebemos, brigamos um pouco, fizemos amor e fomos dormir.

67

No dia seguinte, por volta da hora do almoço, lá fomos nós outra vez, Jan em seus saltos.

– Quero que você nos prepare um pouco daquele seu guisado hoje – ela disse. – Nenhum homem faz um guisadinho como você. É sua grande especialidade.

– Muitíssimo obrigado – eu disse.

Restavam ainda vinte quadras. Jan sentou no mesmo banco e retirou os sapatos, enquanto eu seguia até o caixa. Era a mesma atendente.

– Sou Henry Chinaski – eu disse.

– Pois não?

– Estive aqui ontem.

– Pois não?

– Você disse que meu cheque estaria pronto hoje.

– Ah.

A garota vasculhou os papéis.

– Sinto muito, sr. Chinaski, mas seu cheque ainda não chegou.

– Você me disse que ele estaria aqui.

– Sinto muito, senhor, às vezes os cheques de pagamento demoram um pouco.

– Quero meu cheque.

– Sinto muito, senhor.

– Você não sente nada. Você nem sabe o que é sentir. Eu sei. Quero ver o chefe do seu chefe. Agora.

A garota fez uma ligação.

– Sr. Handler? Um sr. Chinaski gostaria de falar com o senhor sobre um cheque de fim de contrato.

Seguiram falando qualquer asneira. Por fim, a garota me olhou.

– Sala 309.

Fui até a sala indicada. O letreiro dizia: “John Handler”. Abri a porta. Handler estava sozinho. O diretor-executivo do maior e mais poderoso jornal da Costa

Oeste. Sentei-me à sua frente.

– Bem, John – eu disse –, eles me deram um pé na bunda, me pegaram dormindo no banheiro feminino. Eu e minha mulher caminhamos até aqui dois dias seguidos apenas para nos dizerem que vocês não fizeram o cheque. Bem, você sabe, isso é pura merda. Tudo o que eu quero é apanhar meu cheque e encher a cara. Sei que isso não demonstra nenhuma nobreza de minha parte, mas é uma questão de escolha. Se não receber aquele cheque, não sei do que sou capaz.

Então lhe lancei um olhar saído diretamente do "Casablanca".

– Tem um cigarro?

John Handler me alcançou um. Chegou até a acendê-lo. Ou ele estava pronto para jogar uma rede sobre mim, ou eu receberia meu cheque, pensei.

Handler apanhou o telefone.

– Srta. Simms. Há um cheque em haver para o sr. Henry Chinaski. Quero ele aqui, preenchido, em cinco minutos. Obrigado.

Desligou.

– Escute, John – eu disse –, cursei dois anos de jornalismo, L. A. City College. Não teria uma vaga para mim de repórter?

– Desculpe, as vagas estão todas ocupadas.

Conversamos um pouco e, depois de alguns minutos, uma garota entrou e lhe alcançou o cheque. Ele se ergueu, circundou a mesa e o entregou para mim. Um cara decente. Soube mais tarde que ele veio a falecer um pouco depois daquela ocasião, mas Jan e eu compramos nosso guisado de carne e nossas verduras e nosso vinho francês e seguimos vivendo.

68

Peguei o cartão que eles me deram no Departamento de Emprego do Estado e fui até uma entrevista de trabalho. Ficava a algumas quadras da Main Street e um pouco a norte do bairro pobre da cidade. Era uma empresa que trabalhava com freios para automóveis. No escritório, mostrei-lhes o cartão e preenchi uma ficha. Estiquei o tempo em que permaneci em meus empregos anteriores, transformei dias em meses e meses em anos. A maioria das firmas não se dava ao trabalho de checar as referências. E naquelas que faziam isso eu não tinha muita chance, pois bastava que puxassem a minha ficha corrida para descobrir minhas passagens pela polícia. A casa de suprimentos de freio não fez qualquer menção quanto a referências. Outro problema que aparecia assim que você estivesse no emprego por duas ou três semanas era que boa parte dos patrões tentava fazer com que você aderisse aos seus planos de seguro. Por sorte, normalmente a essa altura eu já havia dado o fora.

O homem deu uma olhada na minha ficha e então se voltou para as duas mulheres que estavam na sala e disse em um tom jocoso:

– Este cara quer um emprego. Vocês acham que ele é capaz de trabalhar para a gente?

Alguns trabalhos eram incrivelmente fáceis de serem conseguidos. Lembro de um lugar em que entrei, me larguei sobre uma cadeira e bocejei. O cara atrás da mesa me perguntou:

– Sim, o que você quer?

– Ah, diabos, acho que preciso de um emprego – respondi.

– Está contratado.

Outros trabalhos, no entanto, estão completamente fora do meu alcance. A Companhia de Gás do Sul da Califórnia punha anúncios nos classificados com promessas de altos vencimentos, aposentadoria com pouco tempo de serviço etc. Não sei quantas vezes preenchi os formulários amarelos de requerimento, quantas vezes me sentei naquelas cadeiras duras, olhando para as grandes fotos emolduradas de dutos e tanques de gás. Jamais estive perto de ser contratado e, sempre que via um sujeito que trabalhava para a Companhia de Gás, eu o olhava com toda a atenção, tentando descobrir o que ele tinha que eu, obviamente, não.

O homem da empresa de freios me conduziu através de uma escada estreita. Seu nome era George Henley. George me mostrou minha sala de trabalho, bastante diminuta, escura, iluminada apenas por um bico de luz e uma janelinha que dava para um beco.

– Bem – ele disse –, ali estão as caixas. Você põe as pastilhas de freio dentro das caixas. Dessa maneira.

O sr. Henley me mostrou como fazer.

– Temos três tipos de caixa, cada uma com sua impressão própria. Uma caixa é para nossa “Pastilha de Freio Super Durável”. A outra é para nossa “Super Pastilha de Freio”. E a terceira é para nossa “Pastilha de Freio Comum”. As pastilhas estão armazenadas bem aqui.

– Mas elas me parecem todas iguais. Como posso diferenciar umas das outras?

– Não é preciso. Elas são todas iguais. Apenas divida tudo em três partes. Assim que terminar, vá até ali embaixo pra encontrarmos mais alguma coisa pra você fazer. Certo?

– Certo. Quando eu começo?

– Agora mesmo. E é absolutamente proibido fumar aqui nesta sala. Se tiver que fumar, vá lá embaixo, certo?

– Certo.

O sr. Henley fechou a porta. Ouvi-o descer a escada. Abri a janelinha e olhei para o mundo lá fora. Então me sentei, relaxei e fumei um cigarro.

Rapidamente perdi aquele emprego, assim como tantos outros. Eu não me importava – com exceção de um. Era o trabalho mais fácil que eu já tivera e odiei deixá-lo escapar. Foi durante a Segunda Guerra Mundial. Eu trabalhava para a Cruz Vermelha em San Francisco, dirigindo um caminhão cheio de enfermeiras e frascos e geladeiras ao redor de pequenas cidades. Coletávamos sangue no esforço de guerra. Eu descarregava os caminhões para as enfermeiras ao chegarmos e então tinha o resto do dia para vagabundear, caminhar pelo parque, o que me desse na telha. No final da jornada, as enfermeiras enfiavam os frascos cheios nos congeladores, e eu limpava as gotas de sangue dos tubos de borracha no banheiro mais próximo. Normalmente eu estava sóbrio, mas gostava de fingir que os coágulos de sangue eram peixinhos ou pequenos e maravilhosos insetos que me ajudavam a segurar a onda.

O trabalho na Cruz Vermelha era dos bons. Eu já tinha, inclusive, um programa agendado com uma das enfermeiras. Porém, certa manhã, peguei a ponte errada na saída da cidade e acabei perdido em um bairro boca braba com um caminhão cheio de enfermeiras e agulhas e frascos vazios. Aqueles marginais estavam loucos para estuprá-las, e algumas das enfermeiras começaram a ficar nervosas. Consegui retornar pela ponte, e acabamos chegando ao caminho correto. Eu havia confundido os trajetos e, quando finalmente alcancei a igreja onde seria feita a coleta dos doadores de sangue, estávamos duas horas e quinze minutos atrasados. O gramado frontal estava apinhado de doadores e médicos e autoridades eclesiásticas, todos furiosos. Do outro lado do Atlântico, Hitler aproveitava cada minuto de atraso. Infelizmente, fui demitido ali no ato.

70

A Companhia de Táxi de L. A. está localizada na parte sul da Third Street. Filas e mais filas de táxi se alinham debaixo do sol ao longo da área. Fica próximo à Sociedade Americana do Câncer. Eu já havia visitado a sociedade anteriormente, acreditando que as consultas seriam gratuitas. Eu tinha protuberâncias ao longo do corpo, desmaios, cuspia sangue, e tudo o que consegui foi uma consulta para dali a três semanas. Bem, como todo garoto americano eu sempre ouvira: *descubra cedo o câncer*. Então, quando você quer seguir o mandamento, eles o fazem esperar três semanas por uma consulta. Eis a diferença entre o que nos é dito e a realidade.

Após três semanas, retornei, e eles me disseram que poderiam me oferecer alguns exames gratuitos, mas que, mesmo que os resultados fossem negativos, não garantiam que eu não tivesse câncer. Contudo, se eu me dispusesse a lhes dar 25 pratas por um outro teste, eu poderia estar *razoavelmente* seguro de que não tinha câncer. Para estar *completamente* seguro, após passar pelo de US$ 25, eu deveria fazer o teste de US$ 75 e, se neste também desse negativo, eu podia relaxar. Meus

sintomas, então, poderiam ser creditados ao alcoolismo, aos nervos, ou à gonorréia. Eles falavam de modo direto e claro, esses gatinhos em seus jalecos brancos da Sociedade Americana do Câncer, e eu disse, em outras palavras, 100 contos. Umm hum, eles responderam, e eu saí dali e mergulhei numa bebedeira de três dias que varreu as protuberâncias, os desmaios e o sangue de minha saliva.

Quando fui até a Companhia de Táxi, passei pelo prédio da Sociedade do Câncer e lembrei que há coisas piores do que procurar por um trabalho indesejado. Entrei e me pareceu uma barbada, os velhos formulários, as questões etc. A única novidade eram as impressões digitais, nada que me fosse desconhecido. Relaxei os dedos e os pressionei contra a almofada, molhando-os com tinta. A atendente me cumprimentou pela técnica apurada. O sr. Táxi me disse para voltar no dia seguinte para o treinamento e, naquela noite, Jan e eu celebramos.

71

Janeway Smithson era um cara pequeno, insano, grisalho, belicoso como um galinho de briga. Ele encheu um táxi com cinco ou seis de nós e nos levou até o leito do rio L. A. Bem, naqueles dias, o rio L. A. não passava de uma farsa – não havia água, apenas uma pista de concreto, ampla e plana. Os mendigos viviam ali às centenas, em pequenas alcovas de cimento debaixo das pontes e passarelas. Alguns deles chegavam inclusive a possuir potes com plantas em frente aos seus lugares. Tudo o que precisavam para viver como reis era de um *Sterno*[11] e do que apanhavam no lixão próximo. Estavam bronzeados e tranqüilos e, em sua maioria, tinham um aspecto muito mais saudável do que a média dos executivos de Los Angeles. Aqueles caras ali não tinham problemas com mulheres, imposto de renda, senhorios, custos funerários, dentistas, contas a prazo, gastos com o carro, nem eram obrigados a ir até uma cabine de votação e esconder seu voto.

Janeway Smithson estava naquele trabalho havia vinte e cinco anos e era estúpido o suficiente para se orgulhar disso. Carregava uma pistola no lado direito da cintura e se gabava de ter freado um táxi no teste em menor tempo e distância do que qualquer outro homem na história da Companhia. Olhando para Janeway Smithson, ocorreu-me que ou isso era mentira, ou tinha sido pura sorte, e que Smithson, como qualquer cara que passava a vida inteira em uma empresa, era totalmente maluco.

– Ok – ele disse. – Bowers, você é o primeiro. Isso, acelere agora a porra do carro até uns setenta por hora e mantenha. Tenho aqui a pistola na minha mão direita e um cronômetro na esquerda. Quando eu der o tiro, você pisa no freio. Se não tiver reflexo pra parar a máquina no momento certo, antes do almoço você estará vendendo bananas no cruzamento da Seventh Street com a Brodway... Não, seu filho da puta! Você não vai ficar olhando pro gatilho! Olhe pra frente! Cantarei

uma musiquinha pra você. Uma cantiga de ninar pra você dormir. Não vai ter como você adivinhar a hora do disparo!

O tiro veio logo em seguida. Bowers pisou no freio. O carro chacoalhou, derrapou e começamos a girar. Densas nuvens de poeira se ergueram sob as rodas, enquanto rodávamos entre os enormes pilares de concreto. Por fim, com os pneus guinchando, o táxi parou, balançando para frente e para trás. Alguém no banco traseiro estava com o nariz sangrando.

– Consegui? – perguntou Bowers.

– Não vou lhe dizer – respondeu Smithson, anotando alguma coisa em seu livrinho preto. – Muito bem, De Esprito. Você é o próximo.

De Esprito assumiu o volante e passou pela mesma prova. Os motoristas seguiam mudando, enquanto subíamos e descíamos o leito do rio L. A., queimando os freios e os pneus, os disparos incessantes da pistola. Eu era o último a fazer a tentativa.

– Chinaski – disse Smithson.

– Você é o recordista, então, Paizão? Vou cuspir na sua marca!

– O quê?

– Limpe a cera do ouvido! Vou bater você, Paizão! Eu já apertei a mão de Max Baer[12]! Uma vez, cuidei do jardim de Tex Ritter[13]! Diga adeus ao seu recorde!

– Você já está com o pé no pedal! Tire seu pé de cima da porra do freio!

– Cante a tal da música pra mim, Paizão! Capricha na musiquinha aí! Tenho quarenta cartas de amor da Mae West na minha mochila!

– *Você não tem como me bater!*

Não esperei pelo disparo. Pisei no freio. Foi um bom palpite. Meu pé e a arma foram pressionados ao mesmo tempo. Bati seu recorde mundial por cinco metros e nove décimos de segundo. Isso foi o que ele disse inicialmente. Então ele mudou de conversa e começou a dizer que eu havia trapaceado.

– O.k. – eu disse. – Escreva o que você quiser aí sobre mim, mas vamos dar o fora daqui. Não vai chover, ou seja, não pegaremos nenhum peixe aqui no rio L. A.

72

Éramos cerca de quarenta ou cinqüenta na Aula de Treinamento. Ficávamos em pequenas carteiras, fileiras delas presas ao chão. Cada uma das carteiras tinha um apoio para escrita no braço direito. Era como voltar aos velhos tempos das aulas de química ou biologia.

Smithson fez a chamada.

– Peters!

– Aqui.

– Calloway.

– Aqui.

– McBride...

(Silêncio.)

– McBride?

– Ah... Opa.

A chamada continuava. Eu achava bacana que houvesse tantas vagas de trabalho, embora isso também me preocupasse – provavelmente seríamos lançados uns contra os outros de alguma maneira. A lei do mais forte. Sempre havia homens à procura de empregos na América, sempre essa oferta de corpos exploráveis. E eu queria ser um escritor. Quase todos eram escritores. Nem todos acreditavam que podiam ser dentistas ou mecânicos de automóvel, mas todos tinham a impressão de que podiam ser escritores. Daqueles cinqüenta caras ali na sala, provavelmente quinze consideravam-se escritores. Quase todos usavam palavras e sabiam escrevê-las, isto é, quase todos podiam ser escritores. Mas a grande maioria dos homens, afortunadamente, não é composta de escritores, ou mesmo de taxistas, e alguns homens – muitos homens –, infelizmente, não são nada.

A chamada terminou. Smithson correu os olhos pela sala.

– Estamos aqui reunidos – ele começou e logo parou. Olhou para um negro na primeira fila. – Spencer?

– Sim.

– Você tirou o arame de seu quepe?

– Sim.

– Pois veja bem, você está sentado no seu táxi, com o quepe enterrado até as orelhas como Doug McArthur[14], e uma senhora qualquer, com uma sacola de compras, se aproxima pra uma corrida, e você está ali assim, desse jeito, largado, os braços pra fora da janela. Ela vai achar que você é um caubói. Vai achar que você é um caubói e aí a corrida já era. Ela pegará um ônibus. Essa atitude pode funcionar no exército, mas aqui estamos na *Companhia de Táxi*.

Spencer juntou o arame do chão e o ajustou de novo no quepe. Ele precisava do emprego.

– Muitos caras aqui pensam que são bons no volante. Mas a verdade é que poucas pessoas sabem dirigir de verdade, a maioria só roda por aí. Cada vez que eu saio guiando pelas ruas, fico maravilhado com o fato de que não aconteça um acidente a cada segundo. Diariamente, eu vejo duas ou três pessoas cruzando o sinal vermelho como se ele nem existisse. Não sou nenhum pastor, mas vou lhes dizer uma coisa: essa vida que as pessoas levam hoje em dia está deixando todas elas loucas, e dá pra ver essa loucura no modo como dirigem. Não estou aqui pra dizer a vocês como tocar suas vidas. Vocês têm que perguntar isso pros seus rabinos, padres ou pras suas putas da esquina. Estou aqui pra ensinar vocês a dirigir. Estou tentando manter o preço do nosso seguro sob controle, além de garantir que vocês

cheguem sãos e salvos ao fim de cada noite.

– Puta que pariu – disse um garoto ao meu lado. – O velho Smithson manda ver, hein?

– Todo homem é um poeta – eu disse.

– Agora – continuou Smithson –, e pelo amor de Deus, McBride, acorde e me ouça... agora me digam, quando é a única ocasião em que um homem pode perder o controle de seu táxi sem que possa fazer nada pra evitar isso?

– Quando fica de pau duro? – perguntou algum gaiato.

– Mendoza, se você não consegue dirigir de pau duro então não pode trabalhar conosco. Alguns dos nossos melhores homens dirigem dia e noite de pau duro.

Os rapazes riram.

– Vamos lá, quando é a única ocasião em que um homem pode perder o controle de seu táxi sem que possa fazer nada pra evitar isso?

Ninguém respondeu. Levantei minha mão.

– Sim, Chinaski?

– Um homem pode perder o controle do táxi quando espirra.

– Correto.

Senti-me novamente como o aluno prodígio. Era como nos velhos tempos da faculdade: péssimas notas, mas uma beleza na hora de falar.

– Muito bem, quando você espirra, o que deve fazer?

Ao erguer novamente minha mão, a porta se abriu e um homem entrou. Atravessou a fila de cadeiras e parou junto a mim.

– Você é Henry Chinaski?

– Sim.

Ele puxou o quepe de minha cabeça, quase com fúria. Todos me olharam. O rosto de Smithson se manteve inalterado e imparcial.

– Siga-me – disse o homem.

Saindo da sala, acompanhei-o até seu escritório.

– Sente-se.

Sentei-me.

– Andamos investigando você, Chinaski.

– E?

– Descobrimos oito detenções por bebedeira e uma por dirigir alcoolizado.

– Pensei que, se colocasse isso na ficha, eu não seria contratado.

– Você nos mentiu.

– Eu parei de beber.

– Não faz diferença. Uma vez que você falsificou sua ficha de inscrição, você não preenche os requisitos.

Levantei-me e saí dali. Fui pela calçada, passei em frente ao prédio do Câncer. Voltei para nosso apartamento. Jan estava na cama. Ela usava uma combinação rosa,

bastante puída. A tira de um dos ombros estava presa por um alfinete de segurança. Ela já estava bêbada.

– Como foi a coisa por lá, paizinho?

– Eles me recusaram.

– Como assim?

– Não queriam homossexuais.

– Ah, bem. Tem vinho na geladeira. Pegue um copo e venha pra cama.

E foi o que fiz.

73

Dois dias mais tarde, encontrei um anúncio no jornal que oferecia emprego de atendente numa loja especializada em materiais de arte. A loja ficava bem próxima de onde morávamos, mas acabei perdendo a hora e só consegui chegar lá às três da tarde. O gerente falava com um candidato quando cheguei. Não sabia quantos mais ele havia entrevistado. Uma garota me estendeu uma ficha para ser preenchida. O cara parecia estar causando uma boa impressão no gerente. Ambos riam. Preenchi o formulário e esperei. Finalmente, o gerente me chamou.

– Quero lhe dizer uma coisa. Hoje de manhã eu já aceitei um outro trabalho – eu lhe disse. – Foi depois disso que vi seu anúncio. Moro aqui junto à esquina. Pensei que seria legal trabalhar tão perto de casa. Além disso, tenho a pintura como hobby. Pensei também no desconto que poderia ter nos materiais que eu precisasse.

– Damos 15% de desconto para nossos empregados. Como é o nome desse lugar em que você foi contratado?

– Companhia de Lâmpadas de Arco Voltaico Jones-Hammer. Meu serviço seria supervisionar o setor de expedição. A sede fica na Alameda Street, logo depois do matadouro. Devo me apresentar às oito da manhã.

– Bem, ainda queremos entrevistar mais alguns candidatos.

– Tudo bem. Não esperava que fosse conseguir a vaga. Vim apenas porque era perto. Vocês têm meu número no formulário. Mas eu precisava de uma resposta antes de começar a trabalhar na Jones-Hammer, pois não ficaria bem para mim se os deixasse na mão.

– Você é casado?

– Sim. Tenho um filho. Um garoto de três aninhos, Tommy.

– Tudo bem. Entraremos em contato.

No final daquela tarde, às 18h30, o telefone tocou.

– Sr. Chinaski?

– Sim?

– Você ainda quer o emprego?

– Onde?

– Na Artigos para Arte Gráfica Querubim.

– Sim, claro.

– Então se apresente às 8h30.

74

Os negócios não pareciam ir muito bem. As ordens de expedição eram poucas e pequenas. O gerente, Bud, veio até onde eu estava, sentado à mesa de expedição, fumando um charuto.

– Quando as coisas estiverem devagar, você pode ir buscar um café ali na esquina. Certifique-se apenas de estar por aqui na hora em que os caminhões chegarem para recolher os pedidos.

– Claro.

– E mantenha a prateleira dos rodos sempre abastecida.

– Certo.

– E mantenha sempre um olho atento para que ninguém entre pelos fundos e roube o nosso estoque. Há uma série de pinguços rondando a região.

– O.k.

– Tem uma boa quantidade de adesivos FRÁGIL?

– Sim.

– Não economize nos adesivos FRÁGIL. Se eles acabarem, me avise. Capriche na hora de empacotar, especialmente nas tintas em potes de vidro.

– Cuidarei de tudo.

– Certo. E quando as coisas estiverem devagar, vá buscar um café para você. Vá ao Café do Montie. Eles têm uma garçonete peituda, coisa fina de se ver. Ela usa blusas decotadas e está sempre se inclinando. E as tortas são sempre feitas na hora.

– O.k.

75

Mary Lou era uma das garotas que trabalhava no escritório da frente. Mary Lou tinha estilo. Dirigia um Cadillac de três anos de uso e morava com a mãe. Ela entretinha membros da Filarmônica de L.A., diretores de cinema, operadores de câmeras, advogados, corretores, quiropráticos, homens da igreja, ex-aviadores, dançarinos de balé e outras figuras de relevo como lutadores e jogadores de futebol americano. Mas ela jamais havia se casado e jamais saía do escritório frontal da Artigos para Arte Gráfica Querubim, exceto ocasionalmente para uma rapidinha com Bud no banheiro feminino, às risadinhas, a porta trancada, quando pensava que todos já havíamos ido embora. Além disso, era religiosa e adorava apostar nos cavalos, mas preferivelmente em um assento reservado e em Santa Anita. Ela

desprezava Hollywood Park. Era afoita e seletiva ao mesmo tempo e, de certo modo, linda, porém as coisas não estavam tão bem assim para ela para que pudesse se tornar aquilo que supunha ser.

Uma de suas funções era me trazer uma cópia dos pedidos após tê-los datilografado. Os atendentes pegavam uma outra cópia dos mesmos pedidos de uma cesta e as conferiam quando não estavam atendendo nenhum cliente. Por fim, eu as cotejava antes de empacotar os pedidos. Na primeira vez que ela veio com alguns pedidos, vestia uma saia preta, justíssima, saltos altos, uma blusa branca, um lenço preto e dourado ao redor do pescoço. Tinha um nariz gracioso e arrebitado, um traseiro maravilhoso e seios primorosos. Era alta. Tinha classe.

– Bud me disse que você pinta.

– Um pouquinho.

– Ah, eu acho isso maravilhoso. Temos tantas pessoas interessantes trabalhando aqui.

– Como assim?

– Bem, temos um faxineiro, um velho, Maurice, que é francês. Ele vem uma vez por semana e limpa a loja. Ele também pinta. Compra todos os seus pincéis, tintas e telas conosco. Mas é estranho. Ele nunca fala nada, apenas concorda com a cabeça e aponta. Faz um gesto na direção das coisas que quer comprar.

– Um-hum.

– Ele é estranho.

– Um-hum.

– Semana passada entrei no banheiro feminino e ele estava lá, esfregando o banheiro no escuro. Estava há uma hora lá dentro.

– Hum.

– Você não fala também.

– Ah, não. Comigo está tudo certo.

Mary Lou deu meia-volta e se afastou. Fiquei olhando seu rabo trabalhar naquele corpo alto. Magia. Algumas mulheres são pura magia.

Eu já havia empacotado alguns pedidos quando o tal velho veio caminhando pelo corredor. Ele usava um bigode grisalho e sujo, que lhe cobria a boca. Era baixinho e curvado, estava vestido de preto, um lenço vermelho ao redor da garganta e uma boina azul na cabeça. Sob a boina escapavam longos fios de cabelo grisalho, totalmente despenteados.

Os olhos de Maurice eram o seu traço mais distintivo: eram de um verde vivo e pareciam olhar para você desde profundezas remotas de seu crânio. Suas sobrancelhas eram hirsutas. Ele fumava um charuto fino e comprido.

– Olá, garoto – ele disse.

Maurice não parecia ter forte sotaque francês. Sentou-se na extremidade da mesa de empacotamento e cruzou as pernas.

– Pensei que você não falasse.

– Ah, isso. Bobagem. Não daria um peido por essa gente. Pra que se dar o trabalho?

– Como você consegue limpar o banheiro no escuro?

– Isso só pode ser coisa da Mary Lou. Eu dou uma boa olhada nela. Então entro lá dentro e bato até gozar no chão. Depois é que faço a limpeza. Ela sabe disso.

– Você pinta?

– Sim, estou trabalhando numa tela agora mesmo. Grande como essa parede. Não é um mural, é uma tela. Estou pintando a vida de um homem – do seu nascimento, quando sai da vagina, passando por todos os anos de sua existência, até finalmente chegar à cova. Olho para as pessoas no parque. Eu as uso. Ah, aquela Mary Lou... Daria uma foda e tanto, não acha?

– Talvez. Pode ser que ela não passe de uma miragem.

– Morei na França. Conheci Picasso.

– Sério?

– Caralho, claro que sim. Ele é legal.

– Como você o conheceu?

– Bati na porta dele.

– Ele ficou puto?

– Não, não ficou.

– Algumas pessoas não vão com a cara dele.

– Algumas pessoas não vão com a cara de ninguém que seja famoso.

– E algumas não vão com as de quem não é.

– Pessoas não importam. Não dou um peido por elas.

– O que Picasso disse?

– Bem, eu lhe perguntei: “Mestre, o que devo fazer para melhorar minhas pinturas?”.

– Fala sério?

– Caralho, claro que sim.

– O que ele respondeu?

– Ele disse: “Não posso lhe dizer nada sobre suas pinturas. Você tem que descobrir sozinho o caminho”.

– Ah.

– Sim.

– Que beleza.

– Sim. Tem um fósforo?

Alcancei-lhe um. Seu charuto havia apagado.

– Meu irmão é rico – disse Maurice. – Ele me renegou. Não gosta de como bebo, não gosta de como pinto.

– Mas seu irmão nunca conheceu Picasso.

Maurice se pôs de pé e sorriu.

– Não, ele nunca conheceu Picasso.

Maurice seguiu pelo corredor até a parte da frente da loja, a fumaça do charuto fazendo evoluções por sobre seu ombro. Ele havia ficado com minha caixa de fósforos.

76

Bud apareceu empurrando um carrinho com três latas de galão de tinta. Colocou-as sobre a mesa de empacotamento. Os rótulos diziam *carmesim*. Passou-me três rótulos novos. Nestes estava escrito *cinabre*.

– Estamos sem cinabre – ele disse. – Remova os rótulos antigos e cole os que dizem *cinabre*.

– Há uma enorme diferença entre carmesim e cinabre – eu disse.

– Faça o que mandei.

Bud me deixou uns esfregões e uma navalha. Molhei os panos na água e esfreguei as latas com eles. Então raspei os restos dos antigos rótulos e colei os novos por cima.

Ele retornou alguns minutos mais tarde. Ele tinha uma lada de *azul-ultramarino* e um rótulo de *azul-cobalto*. Bem, ao menos ele estava chegando mais perto...

77

Paul era um dos atendentes. Era gordo, tinha uns 28 anos. Seus olhos eram muito grandes, saltados. Ele se emboletava. Mostrou-me uma mão cheia de comprimidos. Eram de todas as cores e tamanhos.

– Vai?

– Não.

– Vá em frente. Pegue um.

– Está bem.

Peguei um amarelo.

– Tomo todos de uma vez só – ele disse. – Malditas boletas. Umas me deixam ligado, outras me derrubam. Deixo que elas disputem quem levará a melhor sobre mim.

– Essa batalha não deve ser fácil pra você.

– Nem me fale. Diga, por que você não vai até lá em casa depois do trabalho?

– Tenho uma mulher.

– Todos nós temos. Mas tenho algo melhor.

– O quê?

– Minha namorada me comprou de aniversário uma máquina para fazer

ginástica passiva. Nós usamos ela pra foder. Ela se mexe pra cima e pra baixo, não temos que fazer o menor esforço. A máquina faz tudo.

– Isso parece bom.

– Nós dois podemos usar a máquina. Ela faz uma barulheira, mas, desde que se use até as dez da noite, não tem problema.

– Quem vai por cima?

– Que diferença faz? Posso ir por um lado ou por outro. Por cima ou por baixo, pra mim não faz diferença.

– Não faz?

– Claro que não. Podemos sortear.

– Preciso pensar.

– Tudo bem. Quer mais uma pílula?

– Sim. Me dê outra dessas amarelas.

– Falo com você no final do expediente.

– Beleza.

Paul apareceu por ali na saída.

– E então?

– Não posso fazer isso, Paul. Sou hetero.

– É uma máquina incrível. Uma vez que você esteja nela, esquecerá tudo.

– Não posso.

– Bem, então vamos lá pra eu lhe mostrar as minhas pílulas.

– Tudo bem. Isso eu posso fazer.

Tranquei a porta dos fundos. Depois seguimos juntos até a porta da frente. Mary Lou estava sentada no escritório, fumando um cigarro e conversando com Bud.

– Boa noite, senhores – disse Bud, com um sorriso zombeteiro na face...

A casa de Paul ficava uma quadra ao sul. Morava no térreo, as janelas voltadas para a Seventh Street.

– Ali está a máquina – ele disse, ligando o aparelho. – Veja isso, veja isso. O barulho é semelhante ao de uma máquina de lavar. A moradora do andar de cima, quando me vê no saguão, sempre diz, “nossa Paul, você deve ser um cara limpo. Escuto a sua máquina de lavar roupas umas três ou quatro vezes por semana”.

– Desligue-a – eu disse.

– Olhe as minhas pílulas. Tenho milhares de pílulas, *milhares*. Não sei nem pra que servem muitas delas.

Paul mantinha todos os frascos sobre a mesa de jantar. Havia uns onze ou doze, de diferentes formas e tamanhos, cheios de pílulas coloridas. Eram lindas. Enquanto eu as admirava, ele abriu um dos frascos, tirou três ou quatro pílulas e as engoliu. Então pegou um outro frasco e tirou mais um punhado de pílulas. E depois partiu

para um terceiro.

– Vamos lá, que diabos – ele disse. – Vamos usar a máquina.

– Vou deixar pra uma próxima. Tenho que ir.

– Tudo bem. Se você não quer me comer, eu mesmo me como.

Fechei a porta atrás de mim e ganhei a rua. Escutei quando ele ligou a máquina.

78

O sr. Manders se aproximou do lugar onde eu estava trabalhando e ficou parado a me olhar. Eu empacotava uma grande remessa de tintas, e ele ficou ali me observando. Manders havia sido o primeiro dono da loja, mas sua esposa fugiu com um negro e ele se entregou à bebida. Bebeu toda a sua empresa. Agora ele era apenas um vendedor e outro homem comandava a sua loja.

– Você está colocando os adesivos de FRÁGIL nessas caixas?

– Sim.

– Está embrulhando os itens direitinho? Com bastante folhas de jornal e palha?

– Acho que estou indo bem.

– Você tem adesivos suficientes?

– Sim, há uma caixa cheinha deles aqui debaixo do banco.

– Tem certeza de que sabe o que está fazendo? Você não parece um funcionário de expedição.

– E como se parece um funcionário de expedição?

– Eles usam aventais. Você não usa avental.

– Ah.

– Ligaram da Smith-Barnsley para dizer que eles receberam uma encomenda com um vidro de cola quebrado.

Não respondi.

– Me avise se você precisar de mais adesivos de FRÁGIL.

– Certamente.

Manders se afastou pelo corredor. Então se deteve, deu meia-volta e me olhou. Cortei um pedaço de fita adesiva do rolo e, com todo o cuidado, passei-a ao redor da caixa. Manders se virou e desapareceu.

Bud veio correndo.

– Quantos rodos de um metro e meio temos disponíveis no estoque?

– Nenhum.

– Há um cara que precisa de cinco rodos imediatamente. Ele está esperando. Dê um jeito de montá-los.

Bud saiu correndo. O rodo é um material usado em pintura de tela de seda. Tem um cabo de madeira com uma borracha na ponta. Fui até o sótão, peguei a vara de madeira, fiz cinco marcações de um metro e meio e serrei. Depois fiz os furos

em uma das pontas para prender a borracha. Na seqüência, era preciso se certificar de que a parte de borracha ficasse perfeitamente plana e nivelada, processo sem o qual o rodo não podia ser usado em serigrafia. E a borracha tinha um modo todo especial de se curvar e deformar e resistir.

Bud voltou três minutos depois.

– Já está com os rodos prontos?

– Não.

Voltou correndo para a frente da loja.

Eu tinha um dos rodos prontos e outro parcialmente concluído quando ele retornou.

– Esqueça. Ele já foi.

Bud voltou caminhando para o seu lugar...

79

A loja se aproximava da falência. A cada dia os pedidos eram menores. Havia cada vez menos coisas para fazer. Eles demitiriam o amigo do Picasso e me colocaram para limpar os banheiros, esvaziar as lixeiras, trocar o papel higiênico. Pela manhã, eu varria e lavava a calçada em frente à loja. Uma vez por semana, limpava os vidros.

Certo dia, decidi limpar meu próprio local de trabalho. Uma das coisas que fiz foi me livrar dos restos de papel e caixas que haviam sobrado das encomendas que eu embrulhava. Joguei tudo fora e varri os retalhos. Enquanto fazia a limpeza, descobri um pequeno estojo verde, oblongo, que estava no fundo da cesta de lixo. Peguei-o e o abri. Ele continha vinte e quatro pincéis grandes de pêlo de camelo. Eram lindos e volumosos e cada um deles era vendido individualmente por US$ 10. Eu não sabia o que fazer. Olhei-os por um tempo, fechei a tampa, entrei e saí pela porta dos fundos e coloquei o estojo numa lixeira que ficava na ruela que passava atrás da loja. Então coloquei todas as sobras de papel de volta na cesta de lixo.

Naquela noite, saí o mais tarde possível. Caminhei até a cafeteria mais próxima e pedi um café e uma torta de maçã. Depois voltei para a rua, segui pela quadra e virei na entrada da ruela. Quando já havia percorrido metade do caminho, avistei Bud e Mary Lou apontarem na outra extremidade. Não havia nada a fazer senão seguir caminhando. Era inevitável. Estávamos cada vez mais próximos. Finalmente, quando cruzei por eles, eu disse:

– Olá.

Eles responderam:

– Olá.

Segui em frente. Caminhei até o outro extremo da ruela, atravessei e entrei em um bar. Sentei-me. Fiquei ali, pedi uma cerveja e depois mais outra. Uma mulher

numa mesa perguntou se eu tinha fogo. Me levantei e acendi seu cigarro. Ao fazê-lo, ela peidou.

Perguntei se ela morava na vizinhança. Ela disse que era de Montana. Lembrei de uma noite infeliz que tive em Cheyenne, Wyoming, que era próxima de Montana. Por fim, saí e retornei pela ruela.

Fui até a lixeira e meti a mão lá dentro. Ainda estava ali: o estojo verde e oblongo. Não parecia estar vazio. Enfiei-o pelo colarinho da minha camisa e ele escorregou por meu tronco, alojando-se junto à minha barriga. Voltei para casa.

80

O próximo acontecimento na loja foi a contratação de uma garota japonesa. Sempre tinha cultivado, por um longo tempo, a estranha idéia de que, depois que todos os problemas e sofrimentos tivessem passado, um dia apareceria uma garota japonesa e viveríamos felizes para sempre. Não com uma felicidade incondicional, mas com *facilidade* e profunda compreensão mútua e entendimento. As mulheres japonesas tinham uma bela compleição óssea. O formato de seu crânio e o modo como a pele se tornava mais tesa com o passar da idade eram algo adorável; a pele esticada de um tambor. No caso das mulheres americanas, a pele ia ficando cada vez mais flácida, até que desabava por completo. Até mesmo suas bundas desabavam por completo e se tornavam indecentes. A força das duas culturas também era muito diferente: as mulheres japonesas tinham uma compreensão instintiva do passado, presente e futuro. Chamo isso de sabedoria. Isso era o que lhes dava estabilidade. As mulheres americanas sabiam viver apenas o hoje e tendiam a se desfazer em pedaços quando tão-somente um dia não ia bem.

Então fiquei abalado pela presença da nova garota. Além disso, eu continuava a beber pesadamente com Jan, o que entorpecia o cérebro, dando a tudo um aspecto etéreo, provocando alterações repentinas e estranhas de humor, dando-me coragem. Assim, no primeiro dia em que ela se aproximou com um pedido, eu lhe disse:

– Ei, vamos nos tocar. Quero beijar você.

– O quê?

– Você me ouviu.

Ela se foi. Ao se afastar, pude perceber que mancava um pouco. Compreendi o significado daquilo: a dor e o peso dos séculos...

Fiquei na sua cola como um caipira bêbado de cerveja e cheio de tesão que estivesse atravessando o Texas de ônibus. Ela estava curiosa – compreendia a minha loucura. Eu a estava conquistando sem nem sequer me dar conta.

Certo dia, um cliente ligou perguntando se tínhamos galões de cola branca no estoque, e ela apareceu para checar algumas das caixas estocadas em um dos cantos. Ao vê-la, perguntei se podia ajudá-la. Ela disse:

– Estou procurando por uma caixa de cola com a estampa 2-G.

– 2-G, é?

Pus meu braço em volta de sua cintura.

– Vamos conseguir. Você é a sabedoria dos séculos, e eu sou eu. Fomos feitos um pro outro.

Ela começou a dar uns risinhos como qualquer mulher americana.

– Garotas japonesas não riem assim. O que há de errado com você, porra?

Ela se deixou ficar colada em mim. Percebi uma fila de caixas de tinta encostadas contra a parede. Peguei-a no colo e gentilmente a coloquei sentada sobre as caixas. Fiz com que ela se deitasse e fui por cima, beijando-a, erguendo seu vestido. Então Danny, um dos atendentes, entrou. Danny era virgem. Danny freqüentava aulas de pintura à noite e cochilava durante o dia. Ele não sabia diferenciar arte de tocos de cigarro.

– O que está acontecendo aqui? – ele perguntou e logo saiu correndo em direção ao escritório.

Bud me chamou em seu escritório no dia seguinte.

– Você sabe, teremos que demiti-la também.

– Ela não tem culpa de nada.

– Ela estava com você lá nos fundos.

– Eu provoquei a situação.

– E ela se submeteu, segundo o Danny.

– O que Danny sabe a respeito de submissão? A única coisa a que ele se submeteu até hoje foi à própria mão.

– Ele viu vocês dois.

– Viu o quê? Eu nem cheguei a tirar a calcinha dela.

– Estamos numa loja.

– Diga isso a Mary Lou.

– Contratei você porque pensei que se podia confiar na sua competência como expedidor.

– Obrigado. E eu sou demitido por tentar comer uma olhos puxados coxa da perna esquerda em cima de quarenta galões de tinta de segunda – a qual, por sinal, você tem vendido como se fosse de primeira para o Departamento de Artes da L.A. City College. Talvez devesse denunciá-lo para o Serviço de Defesa do Consumidor.

– Aqui está o seu cheque. Você está demitido.

– Tudo bem. Vejo você em Santa Anita.

– Claro – ele disse.

Havia um dia a mais no cheque de pagamento. Apertamos as mãos e me afastei.

O emprego seguinte também não durou. Foi um pouco mais do que uma escala. Era uma pequena empresa especializada em enfeites natalinos: luzes, guirlandas, papais-noéis, árvores de papéis, coisas do tipo. Quando me contrataram, disseram que se tratava de serviço temporário e que me demitiriam no dia seguinte ao Dia de Ação de Graças, que não havia o que fazer após essa data. Havia mais uma meia dúzia na mesma situação que a minha. Eles nos chamavam de "auxiliares de armazém", porém o que mais fazíamos era carregar e descarregar caminhões. Além disso, um auxiliar de armazém é um cara que fica muito tempo sem ter nada a fazer, fumando cigarros, como se estivesse em um estado de delírio. Mas não duramos até o Dia de Ação de Graças, todos os seis. Foi minha a idéia de que todos os dias fôssemos até um bar almoçar. Nossas pausas para o almoço começaram a ficar cada vez mais longas. Certa vez, simplesmente não retornamos para o turno da tarde. Na manhã seguinte, porém, como bons rapazes, estávamos todos no serviço. Disseram que estávamos dispensados.

– Bem – disse o gerente –, terei que contratar uma nova equipe inteira de filhos da puta.

– E demitir eles no Dia de Ação de Graças – disse um de nós.

– Escutem – disse o gerente –, vocês querem trabalhar mais um dia, rapazes?

– Assim você terá tempo de entrevistar e contratar nossos substitutos? – perguntou outro.

– É pegar ou largar – disse o gerente.

Pegamos e trabalhamos o dia todo, dando boas risadas, jogando as caixas pra cima. No final do turno recebemos nosso último cheque e voltamos para nossos quartos e nossas mulheres bêbadas.

82

Eu estava outra vez empregado em uma casa de lâmpadas fluorescentes. A Companhia Honeybeam. A maioria das caixas tinham dois metros de comprimento e ficavam pesadas quando cheias. A jornada era de dez horas. O procedimento era bastante simples: você ia até a linha de montagem e pegava as peças, voltava para o seu lugar e as encaixotava. Boa parte dos trabalhadores era composta de mexicanos e negros. Os negros mexiam comigo e me acusavam de ter uma língua afiada. Os mexicanos mantinham certa distância e ficavam calados. Cada dia era uma batalha: tanto por minha vida quanto por minha habilidade de manter as coisas em ordem com Monty, o chefe da seção. Eles me incomodavam o tempo inteiro.

– Ei, garoto. Garoto! Vem aqui, garoto! Garoto, eu quero falar com você.

Era o Little Eddie. Ele era bom nisso.

Não respondi.

– Garoto, estou falando com você!

– Eddie, você gostaria de ter um gancho enfiado no rabo enquanto canta “Old Man River”?

– Como você arrumou todos esses furos na cara, branquelo? Caiu em cima de uma caixa de agulhas enquanto dormia?

– Onde você arrumou essa cicatriz no seu lábio de baixo? Seu namoradinho tem uma navalha amarrada no pau?

Na hora do intervalo, fui até o pátio e troquei uns golpes com Big Angel. Big Angel me castigou, mas consegui encaixar uns bons golpes, não entrei em pânico e mantive minha posição. Sabia que ele tinha apenas dez minutos para me atacar e isso ajudou. O que me deixou mais dolorido foi um polegar que ele meteu no meu olho. Retornamos juntos para dentro da companhia, soprando e bufando.

– Você não é um profissional – ele disse.

– Tente me pegar outra vez quando eu não estiver de ressaca. Vou botar você pra correr.

– Certo – ele disse –, venha um dia de cabeça fresca e limpa e vamos ver o que acontece.

Naquele momento, decidi que jamais viria trabalhar nessas condições.

Morris era o chefe da seção e dava a impressão de ser feito de madeira, dos pés à cabeça. Havia alguma coisa de terrível nas vibrações que ele emitia, as vibrações que emitem uma madeira. Eu evitava falar com ele mais do que o necessário. Ele era o filho do dono da loja e tentou fazer carreira como vendedor lá fora. Após fracassar, acabou cuidando do lado de dentro. Ele se aproximou.

– O que houve com o seu *olho*? Ele está completamente *vermelho.*

– Estava caminhando debaixo de uma palmeira e fui atacado por um melro.

– Ele acertou seu olho?

– Em cheio.

Morris se afastou, o fundilho de suas calças socado no rabo…

A melhor parte do emprego era quando a linha de montagem não conseguia acompanhar nosso ritmo e podíamos ficar sem fazer nada, esperando. A linha era controlada basicamente por jovens garotas mexicanas, com lindas peles e olhos negros; elas usavam calças jeans coladas, suéteres justos e brincos espalhafatosos. Eram muito jovens e saudáveis e eficientes e tranqüilas. Trabalhavam bem, e de vez em quando uma delas erguia os olhos e dizia alguma coisa e então brotavam explosões de risadas e trocas de olhares. Eu ficava vidrado em seus sorrisos e seus jeans colados e seus suéteres justos e pensava, se uma delas fosse comigo para a cama esta noite, eu poderia suportar essa merda toda muito melhor. Todos nós estávamos sempre pensando coisas desse tipo. E também pensávamos, elas vão ser de outros. Bem, a puta que pariu com tudo isso. Não faz a menor diferença. Em

quinze anos elas estarão pesando oitenta quilos e suas filhas é que serão maravilhosas.

Comprei um carro com oito anos de uso e fiquei no emprego até dezembro. Então chegou a festa de Natal. Era 24 de dezembro. Haveria drinques, comida, música, dança. Eu não gostava de festas. Eu não sabia dançar, e as pessoas me assustavam, especialmente as pessoas em festas. Elas tentavam ser atraentes e alegres e espirituosas e, embora esperassem exercer bem todas essas funções, fracassavam. Elas não eram boas nisso. O fato de tentarem com tamanho afinco só piorava as coisas.

Assim, quando Jan se encostou em mim e disse, “Foda-se essa festa, fique em casa comigo. Vamos encher a cara aqui mesmo”, não achei que fosse difícil atendê-la.

Soube do que tinha acontecido na festa um dia depois do Natal. Little Eddie disse:

– Christine chorou porque você não apareceu.

– Quem?

– Christine, aquela gracinha mexicana.

– Quem é?

– Ela trabalha lá na última fila da linha de montagem.

– Não diz merda.

– É sério. Ela chorava e chorava. Alguém fez um desenho bem grande de você com o seu cavanhaque e pendurou na parede e escreveu embaixo: “Me sirva mais uma dose!”.

– Sinto muito, cara. Tive um compromisso.

– Tudo bem. Ela acabou parando com a choradeira e foi dançar comigo. Ficou bêbada e começou a jogar bolo nas pessoas e então bebeu ainda mais e dançou com toda a rapaziada negra. Ela dança cheia de safadeza. No fim, ela foi pra casa com o Big Angel.

– Big Angel provavelmente enfiou o polegar no olho dela – eu disse.

No dia seguinte à virada do ano, depois do intervalo da tarde, Morris me chamou e disse:

– Quero falar com você.

– Beleza.

– Me siga.

Morris me levou até um canto escuro, próximo a uma pilha de caixas.

– Escute, teremos que demiti-lo.

– Tudo bem. Este é meu último dia?

– Sim.

– O cheque estará pronto?

– Não, vamos mandá-lo pelo correio.

– Tudo bem.

83

A Confeitaria Nacional ficava localizada nas proximidades. Deram-me um avental branco e um armário. Eles faziam cookies, biscoitos, bolinhos e assemelhados. Em função de eu ter declarado meus dois anos de faculdade ao preencher a ficha de emprego, consegui a posição de Homem Coco. O Homem Coco ficava sobre um praticável, enfiava sua pá em um barril de coco em pedaços e derramava os flocos brancos dentro de uma máquina. A máquina fazia o resto: cuspia coco nos bolos e outros itens variados que passavam debaixo de sua boca. Era um trabalho fácil e digno. Lá estava eu, vestido de branco, alimentando a pazadas de coco a tal da máquina. No outro lado da sala havia uma dúzia de garotas, também vestidas de branco, usando chapéus da mesma cor. Eu não tinha muita certeza do que elas faziam, mas estavam muito ocupadas. Trabalhávamos à noite.

Isto aconteceu na minha segunda noite. Começou lentamente, um par de garotas começou a cantar, “Oh, Henry, oh, Henry, você é o nosso amor! Oh, Henry, oh, Henry, você é superior!”. Mais e mais garotas foram se juntando ao coro. Logo todas cantavam. Eu pensava, evidentemente, que elas cantavam para mim.

O supervisor das garotas surgiu correndo e gritando:

– Muito bem, muito bem, agora basta!

Cravei minha pá com calma no coco em pedaços e aceitei aquilo tudo...

Eu já estava naquele emprego havia umas duas ou três semanas, quando soou uma campainha durante a última parte do expediente. Uma voz partiu do interfone.

– Todos os homens venham até o fundo do edifício.

Um homem de terno caminhou em nossa direção.

– Reúnam-se ao meu redor – ele disse. Trazia uma prancheta com uma folha nas mãos. Os homens ficaram à sua volta. Todos vestíamos aventais brancos. Fiquei na posição mais afastada do círculo.

– Estamos entrando na fase de baixa do nosso negócio – disse o homem. – Lamento informar que teremos que liberar vocês até que as coisas melhorem. Agora, se vocês fizerem uma fila aqui na minha frente, eu vou anotar seus nomes, telefones e endereços. Quando as coisas melhorarem, vocês serão os primeiros a saber.

Os homens começaram a se enfileirar, não sem praguejar e se empurrar. Não entrei na fila. Fiquei olhando os meus colegas de trabalho informarem, obedientemente, seus nomes e endereços. Esses, pensei, são os homens que dão shows de dança nas festas. Fui até o meu armário, pendurei o avental, deixei minha pá encostada contra a porta e segui meu caminho.

84

O Hotel Sans era o melhor da cidade de Los Angeles. Era um hotel antigo, mas tinha a classe e o charme que faltavam aos mais novos. Ficava de frente para o parque do centro da cidade.

Era famoso por suas convenções de negócio e pelas putas caríssimas, de talento quase legendário que, no final de uma noite lucrativa, costumavam presentear os mensageiros com boas gorjetas. Havia também histórias de mensageiros que haviam se tornado milionários – mensageiros desgraçados, com cacetes de 27cm que haviam tirado a sorte grande ao conhecer e se casar com alguma velhota rica que se hospedara no hotel. E a *comida*, as LAGOSTAS, os enormes *chefs* negros em seus altos e brancos chapéus de mestre-cuca, que sabiam de tudo, não apenas sobre comida, mas sobre a vida e sobre mim e sobre todas as coisas.

Fui contratado para trabalhar na seção de abastecimento. O setor de descarga tinha *estilo*: para cada caminhão que chegava, havia dez caras a postos para descarregar, quando na verdade dois bastariam. Eu vestia minhas melhores roupas. Nunca tive que tocar em nada.

Descarregávamos (eles descarregavam) tudo o que chegava ao hotel, em sua maioria itens alimentícios. Minha impressão era de que os ricos comiam mais lagostas do que qualquer outra coisa. Caixas e mais caixas do bicho não paravam de chegar, criaturas deliciosamente rosadas e grandes, balançando suas garras e barbas.

– Você gosta desse negócio, não, Chinaski?

– Claro. Maravilha – eu concordava.

Um dia, a mulher encarregada dos empregados me chamou. O escritório ficava atrás do setor de descarga.

– Quero que você gerencie este escritório aos domingos, Chinaski.

– E o que tenho que fazer?

– Basta atender ao telefone e contratar os lavadores de prato dos domingos.

– Tudo bem!

O primeiro domingo foi ótimo. Só tive que ficar ali sentado. Logo entrou um velho.

– Pois não, camarada? – perguntei.

Ele vestia um terno caro, mas estava cheio de vincos e um pouco sujo; e os punhos estavam puídos. Segurava o chapéu em uma das mãos.

– Escute, vocês precisam de um cara que seja bom de conversa? Alguém que possa tratar com o público? Tenho uma certa dose de charme, sei contar histórias engraçadas, sou capaz de fazer as pessoas darem boas risadas.

– É?

– Ah, sim.

– Faça-me rir.

– Oh, você não entende. Tem que ser no cenário adequado, é preciso clima, decoração, você entende...

– Faça-me rir.

– Senhor...

– Você não serve, não passa de um bêbado!

Os lavadores de pratos eram contratados pela tarde. Saí do escritório. Quarenta vagabundos de rua estavam por ali.

– Prestem atenção! Precisamos de cinco homens de qualidade! *Cinco*! Nada de bêbados, pervertidos, comunistas ou molestadores de criança! E é preciso ter o cartão da previdência! Vamos lá, tirem o cartão do bolso e ergam sobre suas cabeças!

Os cartões começaram a aparecer. Eles os agitavam.

– Ei, eu tenho um!

– Ei, camarada, olhe eu aqui! Me dê essa chance, cara!

Olhei para eles devagar.

– Você, com essa marca de merda no colarinho – apontei. – Dê um passo à frente.

– Isso não é uma marca de merda, senhor. É molho de carne.

– Bem, sei não, camarada, me parece que você anda comendo mais merda do que rosbife!

– Ha, ha, ha, ha – gargalharam os vagabundos. – Ha, ha, ha, ha.

– Certo. Ainda preciso de *quatro* bons lavadores! Tenho aqui quatro moedinhas na mão. Vou jogar pra cima. Os quatro que me trouxerem as moedinhas lavarão os pratos hoje!

Lancei as moedas bem alto sobre a multidão. Corpos saltaram e caíram, roupas se rasgaram, muitos praguejares, um homem gritou, vários socos foram trocados. Então os quatro sortudos se aproximaram, um por vez, ofegando, cada qual com sua moedinha. Dei-lhes seus cartões de trabalho e lhes indiquei a cantina dos empregados, onde, antes de mais nada, receberiam comida. Os outros vagabundos foram se retirando vagarosamente pela rampa de carregamento, desceram e seguiram pela viela em direção à terra devastada que é o centro de Los Angeles aos domingos.

85

Domingos eram os melhores dias porque eu ficava sozinho e logo comecei a levar uma garrafinha de uísque para trabalhar comigo. Certo domingo, após uma

noite de trago violento, a garrafa me pegou. Apaguei. Lembro vagamente de alguma coisa incomum naquela noite, depois que fui para casa, mas não podia ter certeza de nada. Falei para Jan, na manhã seguinte, sobre essa sensação, antes de ir para o trabalho.

– Acho que fodi com tudo ontem. Mas pode ser apenas minha imaginação.

Segui para o hotel e fui até o relógio ponto. Meu cartão não estava no painel. Dei meia-volta e fui até o escritório da velha gerente. Ao me ver, ela parecia nervosa.

– Sra. Farrington, meu cartão ponto não está no painel.

– Henry, sempre pensei que você fosse um ótimo rapaz.

– Como?

– O senhor não se lembra do que fez, não é? – ela perguntou, olhando nervosamente para os lados.

– Não, senhora.

– O senhor estava bêbado. O senhor trancou o sr. Pelvington no vestiário masculino e não queria deixá-lo sair. O senhor o manteve preso por trinta minutos.

– O que eu fiz com ele?

– O senhor não o deixava sair.

– Quem é ele?

– O gerente-assistente deste hotel.

– O que mais eu fiz?

– O senhor lhe passou um discurso sobre como dirigir este hotel. O sr. Pelvington está há trinta anos no ramo hoteleiro. O senhor lhe sugeriu que as prostitutas fossem hospedadas apenas no primeiro andar e que elas também deveriam se submeter a exames físicos regularmente. Não há prostitutas neste hotel, sr. Chinaski.

– Ah, claro, perfeitamente, sra. Pelvington.

– Farrington.

– Sra. Farrington.

– O senhor também disse ao sr. Pelvington que apenas dois homens, em vez de dez, eram necessários no setor de descarga e que, além disso, os roubos seriam eliminados se cada um dos empregados recebesse uma lagosta viva para levar para casa a cada noite numa gaiola especialmente construída, que poderia ser carregada em ônibus e bondes.

– A senhora tem um ótimo senso de humor, sra. Farrington.

– O segurança não conseguiu fazer com que o senhor soltasse o sr. Pelvington. O senhor rasgou o casaco dele. Foi só quando chamamos a polícia mesmo que o senhor o soltou.

– Presumo que eu esteja demitido.

– Presumiu corretamente, sr. Chinaski.

Caminhei por trás de uma fileira de caixas. Quando a sra. Farrington não estava olhando, segui até a cantina dos empregados. Eu ainda tinha o meu cartão de refeições. Ainda podia arrumar uma última refeição decente. A comida era quase tão boa quanto a que preparavam para os hóspedes lá em cima, sem falar que as porções eram mais reforçadas. Agarrado ao meu cartão, entrei na cantina, apanhei uma bandeja, garfo e faca, um copo e alguns guardanapos. Fui até o caixa. Então avistei aquilo. Atrás do caixa, fixado contra a parede, havia um cartaz branco com uma frase escrita em letras duras e garrafais:

NÃO SIRVAM QUALQUER TIPO DE COMIDA A HENRY CHINASKI

Coloquei a bandeja de volta no lugar sem que ninguém percebesse. Saí da cantina. Segui pelo setor onde as mercadorias eram descarregadas, depois ganhei a viela. Em minha direção veio um outro vagabundo:

– Tem um cigarro, camarada? – ele perguntou.

– Claro.

Tirei dois cigarros, dei-lhe um e fiquei com o outro. Acendi o dele e depois o meu. Ele seguiu para leste e eu, oeste.

86

O Mercado dos Trabalhadores Rurais[15] ficava na Fifth Street com a San Pedro. Você tinha que se apresentar às cinco da manhã. Ainda estava escuro quando eu cheguei lá. Alguns homens estavam sentados, outros de pé, enrolando seus cigarros e conversando baixinho. Tais lugares sempre têm o mesmo cheiro – suor velho, urina e vinho barato.

No dia anterior, eu tinha ajudado Jan a se mudar para a casa de um corretor de imóveis, um gordo que morava na Kingsley Drive. Fiquei escondido num canto do saguão e a vi beijá-lo. Logo os dois entraram no apartamento dele e a porta se fechou. Retornei sozinho para a rua, notando pela primeira vez os papéis esvoaçantes e o lixo que se acumulava pelas calçadas. Havíamos sido despejados de nosso apartamento. Eu tinha US$ 2,08. Jan me prometeu que esperaria minha sorte mudar, mas era difícil de acreditar nisso. O nome do corretor era Jim Bemis, tinha um escritório na Alvarado Street e era cheio da grana.

– Odeio quando ele trepa comigo – ela tinha dito.

Agora, provavelmente, ela estava dizendo a mesma coisa de mim.

Laranjas e tomates eram empilhados em diversas caixas e, aparentemente, eram de graça. Apanhei uma laranja, fiz um buraco com os dentes na casca e chupei o suco. Eu havia exaurido os meus benefícios do seguro-desemprego desde que deixara o Hotel Sans.

Um cara de cerca de quarenta anos veio em minha direção. Seu cabelo parecia morto, de fato nem parecia cabelo humano, lembrando mais fios de linha. A luz branca que vinha do teto lhe atingia em cheio. Ele tinha verrugas marrons na cara, muitas delas concentradas ao redor de sua boca. Um ou dois pêlos negros brotavam de cada uma delas.

– Como vai?

– Tudo bem.

– Está a fim de um boquete?

– Não, acho que não.

– Estou com tesão, cara. Estou excitado. Sei realmente fazer um.

– Escute, sinto muito. Não estou a fim.

Ele se afastou tomado de fúria. Dei uma olhada pelo galpão. Havia cerca de cinqüenta homens esperando. Havia dez ou doze funcionários do governo sentados em suas mesas ou caminhando ao redor. Eles fumavam e pareciam mais preocupados que os vagabundos de rua. Os funcionários estavam separados dos vagabundos por uma sólida tela de metal entrelaçada, que ia do teto ao chão. Alguém a tinha pintado de amarelo. Era um amarelo bastante apagado.

Quando um dos funcionários tinha que fazer uma transação com um dos vagabundos, ele destravava e corria uma portinhola de vidro presa à tela. Quando a questão da papelada se resolvia, o funcionário fechava a portinhola, trancava-a por dentro e, toda vez que isso ocorria, a esperança parecia desaparecer. Todos despertávamos quando a portinhola deslizava, a chance de cada homem era a chance de todos nós, mas, quando ela se fechava, a esperança evaporava. Então restava apenas olhar para as caras uns dos outros.

Na parede dos fundos, atrás da tela amarela e dos funcionários, havia seis quadros-negros. Havia gizes brancos e apagadores, como na escola. Cinco dos quadros estavam vazios, embora ainda fosse possível enxergar os resquícios das mensagens anteriores, de trabalhos havia muito preenchidos e naquele momento perdidos para sempre, ao menos no que nos dizia respeito.

Havia uma mensagem no sexto quadro:

PRECISA-SE DE COLHEDORES DE TOMATES EM BAKERSFIELD

Eu pensara que as colheitadeiras automáticas haviam extinguido esse trabalho. No entanto, ali estava o anúncio. Seres humanos, aparentemente, saem mais barato que máquinas. E máquinas quebram. É isso.

Dei uma olhada ao redor do recinto – não havia orientais nem judeus, pouquíssimos negros. A maioria dos vagabundos ou era composta de brancos pobres ou de mexicanos. Os dois negros, naquele momento, já iam altos no vinho.

Então um dos funcionários se pôs de pé. Era um homem grande, com uma proeminente barriga de cerveja. O que você podia notar era sua camisa amarela

com listras pretas verticais. A camisa estava esturricada, e ele usava braçadeiras – para segurar suas mangas como nas fotografias tiradas em 1890. Ele se aproximou e destravou uma das janelas de vidro na tela amarela.

– Muito bem! Há um caminhão lá nos fundos recolhendo gente pra trabalhar em Bakersfield!

Correu a janela, trancou-a, sentou-se à sua mesa e acendeu um cigarro.

Por um momento, ninguém se mexeu. Então, um a um, aqueles que estavam sentados nos bancos começaram a se levantar, os rostos sem expressão. Os homens que já aguardavam de pé deixaram cair seus cigarros e os apagaram cuidadosamente com as solas de seus sapatos. Depois disso, começou um êxodo vagaroso e geral; todos saíram em fila por uma porta lateral que dava para um pátio cercado.

O sol nascia. Na verdade, olhávamos pela primeira vez uns para os outros. Uns poucos homens sorriam ao reconhecer um rosto familiar.

Permanecemos enfileirados, lutando para conseguir chegar até a caçamba, o dia começando a raiar. Era hora de partir. Subíamos em um caminhão de exército usado na Segunda Guerra Mundial, a cobertura de lona toda rasgada. Fomos avançando, aos encontrões, mas ao mesmo tempo tentando manter a mínima polidez. Então, cansado das cotoveladas, dei um passo para o lado.

A capacidade do caminhão era admirável. O grande capataz mexicano acompanhava a tudo em um dos lados da traseira da caçamba, acenando sem parar:

– Isso aí, isso aí, vamos lá, vamos lá...

Os homens avançavam devagar, como se entrassem na boca de uma baleia.

Pela lateral do caminhão eu podia ver os rostos deles; falavam baixinho e sorriam. Sentia a um só tempo repugnância por aquelas pessoas, mas também minha solidão. Então decidi que era capaz de colher tomates. Decidi embarcar. Alguém bateu em mim pelas costas. Era uma mexicana gorda e ela parecia bastante sentimental. Agarrei-a pelos quadris para ajudá-la a subir. Ela era muito pesada, difícil de manejar. Finalmente encontrei apoio em algo; aparentemente uma de minhas mãos se atolou no fundo das suas virilhas. Consegui colocá-la para dentro. Então fui em busca de um apoio para também subir. Eu era o último. O capataz mexicano pôs o pé sobre minha mão.

– Não – ele disse –, já temos gente que chega.

O motor do caminhão deu a partida, engasgou e apagou. O motorista tentou novamente. Desta vez pegou, e eles seguiram em frente.

87

A Associação de Trabalhadores para a Indústria ficava nos limites da periferia. Aqui os vagabundos de rua eram mais bem vestidos, mais jovens, porém

igualmente indiferentes. Sentavam-se por ali, nas bordas das janelas, inclinados para frente, aquecendo-se ao sol e bebendo o café grátis que a A.T.I. oferecia. Não havia creme e açúcar, mas era de graça. Não havia qualquer tela nos separando dos funcionários. Os telefones tocavam com mais freqüência, e os empregados aqui tinham um aspecto muito mais descontraído que os do Mercado dos Trabalhadores Rurais.

Aproximei-me de um balcão e me foi dada uma ficha e uma caneta presa por corrente.

– Preencha – disse o funcionário, um rapaz mexicano de boa aparência que tentava esconder sua cordialidade atrás de uma postura profissional.

Comecei a preencher a ficha. Na lacuna para o número de telefone, escrevi: nenhum. Após grau de escolaridade e capacitação profissional, escrevi: dois anos na L.A. City College. Jornalismo e belas-artes.

Então eu disse ao funcionário:

– Rasurei a ficha. Poderia me conseguir outra?

Ele me passou uma nova em branco. Em vez daquilo, escrevi: ensino médio, L. A. High School. Carregador, almoxarife, trabalhador braçal. Alguma experiência como datilógrafo.

Devolvi-lhe a ficha.

– Muito bem – disse o funcionário –, sente aí e vamos ver se aparece alguma coisa.

Encontrei um espaço na borda de uma das janelas e me sentei. Um negro velho estava sentado próximo de mim. Ele tinha um rosto interessante; não trazia aquele olhar resignado que a maioria dos que estavam ali mostravam. Era como se ele tentasse não rir de si mesmo nem do resto de nós.

Ele viu que eu o olhava. Sorriu com malícia.

– O cara que chefia esse lugar é muito esperto. Foi demitido dos Trabalhadores Rurais, ficou puto da vida, veio pra cá e abriu isso aqui. Especializado em serviços de meio turno. Um cara que quer descarregar um vagão, rápido e barato, liga pra cá.

– Pois é, ouvi falar.

– O cara quer descarregar um vagão, rápido e barato, liga pra cá. O chefe desse lugar leva cinqüenta por cento. A gente não reclama, pega o que aparece.

– Pra mim está beleza. Merda.

– Você parece desanimado. Tudo certo?

– Perdi uma mulher.

– Logo vêm outras, e você também vai acabar perdendo elas.

– Pra onde elas vão?

– Experimente isso aqui.

Era uma garrafa em um saco. Tomei um gole. Vinho do porto.

– Obrigado.

– Não há mulheres quando se está na rua.

Ele me passou novamente a garrafa.

– Não deixe ele ver nós dois bebendo. Isso deixa ele louco.

Enquanto estávamos ali sentados, vários homens foram chamados e seguiram para algum posto. Aquilo nos alegrou. Pelo menos havia alguma ação.

Meu amigo negro e eu ficamos esperando, revezando a garrafa.

Até que ela acabou vazia.

– Onde é a loja de bebidas mais próxima? – perguntei.

Recebi o endereço e fui até lá. De alguma maneira, durante o dia, o calor sempre era escaldante nas periferias de Los Angeles. Você avistava os vagabundos caminhando nas redondezas com pesados sobretudos. Mas quando a noite caía, e o albergue estava cheio, aqueles sobretudos vinham a calhar.

Quando retornei da loja, meu amigo continuava ali.

Sentei-me e abri a garrafa, passei o saco.

– Pô, mantém o negócio na moita – ele disse.

Era agradável ficar bebendo aquele vinho.

Alguns mosquitos começaram a se reunir e a circular ao nosso redor.

– Mosquitinhos do vinho – ele disse.

– Os filhos da puta ficam viciados nisso.

– Sabem o que é bom.

– Bebem pra esquecer suas mulheres.

– Só bebem.

Dei um golpe com a mão no ar e apanhei um dos mosquitinhos. Quando a abri a única coisa que pude ver foi uma mancha negra e a estranha visão de duas asinhas. Nada mais.

– Aí vem ele!

Era o jovem de boa aparência que comandava o lugar. Apressou-se em nossa direção.

– Muito bem! Caiam fora daqui! Sumam, seus bebuns de merda! Dêem o fora daqui antes que eu chame a polícia!

Ele nos conduziu até a porta, aos empurrões e nos maldizendo. Senti culpa, mas nenhuma raiva. Mesmo enquanto nos empurrava, eu sabia que ele não dava a mínima para o que fazíamos. Ele usava um anel enorme na mão direita.

Não avançávamos com a pressa necessária, e recebi um golpe com a mão do anel no meu supercílio esquerdo; logo senti o sangue começar a correr e depois meu olho inchar. Meu amigo e eu estávamos de volta para as ruas.

Afastamo-nos. Encontramos um pórtico e sentamos sobre os degraus. Passei-lhe a garrafa. Ele deu um gole.

– Coisa fina.

Devolveu-me a garrafa. Dei um gole.

– É, coisa fina.

– O sol já vai alto.

– É, o sol já vai alto mesmo.

Ficamos em silêncio, revezando a garrafa.

Então a bebida chegou ao fim.

– Bem – ele disse, está na minha hora.

– Nos falamos.

Ele se afastou. Levantei-me, segui na direção contrária, dobrei a esquina e ganhei a Main Street. Segui até chegar ao Roxie.

As fotos das *strippers* estavam expostas atrás de um vidro junto à porta de entrada. Aproximei-me e comprei um ingresso. A garota no guichê parecia melhor do que as fotos. Naquele momento me restavam 38 centavos. Entrei no teatro escuro equipado com oito fileiras de poltronas. As três primeiras estavam lotadas.

Tive sorte. O filme já havia terminado, e a primeira *stripper* já estava no palco. Darlene. A primeira geralmente era a pior, uma veterana decadente que não conseguiria, no mais das vezes, nada além de uns números de bailado na segunda linha do coro. Seja como fosse, tínhamos Darlene para a abertura. Era provável que alguma das dançarinas tivesse sido assassinada, ou estivesse menstruada, ou tivesse tido uma crise histérica, explicando assim a nova oportunidade para Darlene de um número solo.

Darlene, no entanto, era boa. Magra, mas peituda. Um corpo que lembrava um salgueiro. Ao fim daquelas costas esguias, no meio daquele corpo magro, brotava um enorme traseiro. Era como um milagre – o suficiente para levar um homem à loucura.

Darlene trajava um vestido negro de veludo, longo e muito justo – suas panturrilhas e pernas pareciam de um branco mortiço contra aquela negrura. Ela dançava e nos olhava com olhos de maquiagem extremamente carregada. Era sua chance. Ela queria retornar – ter novamente o seu número no programa. Eu estava com ela. À medida que o zíper descia, mais e mais do seu corpo ficava à mostra, saltando para fora daquele sofisticado vestido de veludo negro, pernas e carne branca. Logo ela estava apenas com seu sutiã cor-de-rosa e uma tanga cheia de penduricalhos, falsos diamantes que balançavam e reluziam aos seus movimentos.

Darlene seguiu dançando e se agarrou à cortina do palco, que estava puída e coberta por uma grossa camada de pó. Ela se agarrou ao pano, dançando no compasso que o quarteto de músicos impunha e sob a luz rosada dos holofotes.

Começou a trepar com a cortina. A banda acelerou o ritmo. Darlene realmente se entregou para a cortina. As luzes rosadas passaram de súbito a púrpuras. A banda veio com tudo. Ela pareceu chegar ao orgasmo. Sua cabeça se curvou para trás, sua

boca se abriu.

Então ela se endireitou e voltou dançando para o centro do palco. De onde eu estava sentado, podia escutá-la cantar para si mesma por sobre a música. Agarrou seu sutiã cor-de-rosa e o arrancou, enquanto um cara três filas abaixo acendia um cigarro. Agora restava apenas a tanga. Empurrou o dedo contra o umbigo e gemeu.

Darlene seguiu dançando no centro do palco. A banda tocava com mais sutileza. Ela começou a se mexer com doçura. Então o quarteto começou a esquentar a coisa novamente. Os músicos avançavam para o ato culminante; o baterista atacava o aro da caixa lembrando o fogo de uma metralhadora; eles pareciam extenuados, desesperados.

Darlene manipulou seus seios nus, mostrando-os para a gente, seus olhos reluziam com a plenitude do sonho, seus lábios úmidos e entreabertos. De repente, ela se voltou e balançou seu imenso rabo para nós. As contas tremularam e brilharam em um bailado louco e cintilante. O canhão de luz acompanhava a dança e os movimentos como uma espécie de sol. O quarteto seguia botando para quebrar. Darlene girava e girava. Ela lançou as contas para longe. Eu olhei, eles olharam. Podíamos ver os pêlos de sua buceta através de sua segunda pele. A banda realmente fazia sua bunda vibrar.

E eu não conseguia ficar de pau duro.

Charles Bukowski

CHARLES BUKOWSKI nasceu a 16 de agosto de 1920 em Andernach, Alemanha, filho de um soldado americano e de uma jovem alemã. Aos três anos de idade, foi levado aos Estados Unidos pelos pais. Criou-se em meio à pobreza de Los Angeles, cidade onde morou por cinqüenta anos, escrevendo e embriagando-se. Publicou seu primeiro conto em 1944, aos 24 anos de idade. Só aos 35 anos é que começou a publicar poesias. Foi internado diversas vezes com crises de hemorragia e outras disfunções geradas pelo abuso do álcool e do cigarro. Durante a sua vida, ganhou certa notoriedade com contos publicados pelos jornais alternativos *Open City* e *Nola Express*, mas precisou buscar outros meios de sustento: trabalhou quatorze anos nos Correios. Casou, teve uma filha e se separou. É considerado o último escritor "maldito" da literatura norte-americana, uma espécie de autor *beat* honorário, embora nunca tenha se associado com outros representantes *beats*, como Jack Kerouac e Allen Ginsberg.

Sua literatura é de caráter extremamente autobiográfico, e nela abundam temas e personagens marginais, como prostitutas, sexo, alcoolismo, ressacas, corridas de cavalos, pessoas miseráveis e experiências escatológicas. De estilo extremamente livre e imediatista, na obra de Bukowski não transparecem demasiadas preocupações estruturais. Dotado de um senso de humor ferino, auto-irônico e cáustico, ele foi comparado a Henry Miller, Louis-Ferdinand Céline e Ernest Hemingway.

Ao longo de sua vida, publicou mais de 45 livros de poesia e prosa. São seis os seus romances: *Cartas na rua* (1971), *Factótum* (1975), *Mulheres* (1978), *Misto-quente* (1982), *Hollywood* (1989) e *Pulp* (1994). Bukowski publicou em vida oito livros de contos e histórias: *Ereções, ejaculações e exibicionismos* (1972), *South of No North: Stories of Buried Life* (1973), *Tales of Ordinary Madness* (1983), *Hot Water Music* (1983), *Bring Me Your Love* (1983), *Numa fria* (1983), *There's No Business* (1984) e *Septuagenarian Stew* (1990). Seus livros de poesias são mais de trinta, entre os quais *Flower, Fist and Bestial Wail* (1960), *You Get So Alone at Times that It Just Makes Sense* (1996), sendo que a maioria permanece inédita no Brasil. Várias antologias, além de livros de poemas, cartas e histórias foram publicados postumamente.

Da sua vasta obra, os seguintes títulos são publicados no Brasil pela L&PM Editores: *Pulp, Hollywood, A mulher mais linda da cidade, Numa fria, Notas de um velho safado, O capitão saiu para o almoço e os marinheiros tomaram conta do navio* (com ilustrações de Robert Crumb) e *Ereções, ejaculações e exibicionismos*, sob os dois volumes intitulados *Fabulário geral do delírio cotidiano e Crônica de um amor louco*.

Bukowski morreu de pneumonia, decorrente de um tratamento de leucemia, na cidade de San Pedro, Califórnia, no dia 9 de março de 1994, aos 73 anos de idade, pouco depois de terminar *Pulp*.

[1] Jersey Joe Wolcott (1914-1994): famoso lutador de boxe, campeão por diversas vezes na categoria dos pesos pesados. (N.T.)
[2] USC: University of Southern California. (N.T.)
[3] Quando uma garota de Nova York diz boa noite, já é cedo da manhã/ boa noite, doçura, já é cedo da manhã/ boa noite, doçura, o leiteiro já encerrou o expediente... (N.T.)
[4] Walter Winchell (1897-1972): famoso homem de mídia norte-americano, tido como o inventor das colunas de fofocas sobre celebridades. (N.T.)
[5] Código utilizado para classificar os homens inaptos ao serviço militar. (N.T.)
[6] Pastilhas efervescentes que, à semelhança da aspirina, contêm ácido acetilsalicílico em sua composição. (N.E.)
[7] Rádio comercial de Los Angeles famosa por sua programação de música clássica. (N.T.)
[8] Coquetel feito com uísque, suco de limão e açúcar. (N.T.)
[9] Jóquei que ficou famoso no início dos anos 1960. (N.T.)
[10] Títulos de canções populares. (N. T.)
[11] Marca de uma espécie de fogareiro alimentado por álcool em gel. O produto, que vinha em uma lata, guarda semelhança com os sistemas de aquecimento usados em bufês. (N.T.)
[12] Famoso boxeador norte-americano. (N.T.)
[13] Cantor norte-americano dos anos 1930-1940, conhecido também por filmes de *western*. (N.T.)
[14] Comandante norte-americano que desempenhou um importante papel durante a Segunda Guerra Mundial. Nas fotos que ilustram sua biografia, traz sempre o quepe militar enterrado até as orelhas, tal como o referido personagem. (N.T.)
[15] Espécie de organização responsável por arregimentar trabalhadores, entre eles muitos imigrantes mexicanos, para trabalhar em colheitas na Califórnia, como a de laranjas, por exemplo. Trata-se, evidentemente, de trabalho temporário. (N.T.)

Título original: *Factotum*
Tradução: Pedro Gonzaga
Revisão: Elisângela Rosa dos Santos e Renato Deitos
Capa: Ivan Gomes Pinheiro Machado

B925f
Bukowski, Charles, 1920-1994.
Factótum / Charles Bukowski; tradução de Pedro Gonzaga.
Porto Alegre: L&PM, 2011.
(Coleção L&PM Pocket; v.624)
ISBN 978-85-254-1192-1
1.Literatura norte-americana-Romances. I.Título. II.Série.
CDU 821.111(732)-3

Catalogação elaborada por Izabel A. Merlo, CRB 10/329.

© by Charles Bukowski, 2006
Todos os direitos desta edição reservados a L&PM Editores

Rua Comendador Coruja, 314, loja 9 – Floresta – 90220-180

Porto Alegre – RS – Brasil / Fone: 51.3225.5777 – Fax: 51.3221-5380

PEDIDOS & DEPTO. COMERCIAL: vendas@lpm.com.br

FALE CONOSCO: info@lpm.com.br
www.lpm.com.br

Table of Contents

Factótum
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31
32
33
34
35
36

37
38
39
40
41
42
43
44
45
46
47
48
49
50
51
52
53
54
55
56
57
58
59
60
61
62
63
64
65
66
67
68
69
70
71
72
73
74
75
76

77
78
79
80
81
82
83
84
85
86
87
Charles Bukowski
Notas

Table of Contents

Factótum
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31
32
33
34
35
36

37
38
39
40
41
42
43
44
45
46
47
48
49
50
51
52
53
54
55
56
57
58
59
60
61
62
63
64
65
66
67
68
69
70
71
72
73
74
75
76

77
78
79
80
81
82
83
84
85
86
87
Charles Bukowski
Notas